

DECIDIU O CONSELHO DE MINISTROS

A BOLSA REABRE EM SETEMBRO

● Vai ser reduzido o número de bancos

Regulamentação do investimento directo estrangeiro em Portugal, fundos da Torralta, reestruturação do sistema bancário, abertura da Bolsa, novas disposições sobre a Junta do Crédito Público, além de um importante comunicado relacionado com a defesa dos pequenos investidores, foram os grandes temas da «maratona» de ontem do Conselho de Ministros que terminou já depois da meia-noite.

Entretanto, a meio do Conselho, cerca das 20 horas, Correia Jesuino, acompanhado de Macaísta Malheiros e Oliveira e Sá, informaria os jornalistas que, dado o grande número de diplomas a apreciar, o Conselho de Ministros subdividiu-se em três grupos: um para apreciar o Programa de Transição para o Socialismo, outro para os Assuntos Económicos e um terceiro para medidas pontuais e conjunturais.

O INVESTIMENTO ESTRANGEIRO

Disposições aprovadas ontem:

1 — Aprovação do regime jurídico do investimento directo estrangeiro em Portugal, com o qual se tem fundamentalmente por objectivo disciplinar a realização de investimen-

tos directos estrangeiros, assegurando-lhes protecção adequada, mas subordinando-os a uma perspectiva de desenvolvimento nacional.

Correspondendo aos anseios manifestados, enveredou-se assim por um caminho que demonstrando a nossa abertura ao investimento directo estrangeiro com interesse para a economia portuguesa, assegurasse simultaneamente um conjunto de garantias susceptíveis de motivar o investimento estrangeiro.

Consagra-se nesse diploma, para além do princípio da não discriminação, orientações relativas a incentivos fiscais, acesso ao crédito, transferência de lucros e dividendos, reexportação de capitais investidos, acesso ao mercado de divisas bem como o direito à indemnização no caso de expropriações ou nacionalizações. Não se ignorando a importância que assumem as transferências de tecnologia nas suas ligações com o investimento directo estrangeiro, considerou-se no entanto prudente, face à maior complexidade e morosidade que um estudo de tal assunto exige, não incluir neste regime jurídico a sua regulamentação e tratá-lo posteriormente.

Cumpra ainda destacar que este diploma, disciplinando juridicamente as relações com o investimento directo estrangeiro, admite a celebração de acordos bilaterais ou multilaterais entre o Governo português e outro ou outros países interessados, tudo isso no respeito dos princípios contidos neste diploma.

Com a finalidade de incrementar a política do investimento directo estrangeiro prevê-se a criação de um Instituto de Investimento Estrangeiro

que deverá funcionar junto do Ministério do Planeamento e Coordenação Económica.

2 — Deliberação sobre fundos de investimento (Fides, Torralta) confiando a um grupo de trabalho interministerial a análise da questão, a fim de se encontrarem soluções satisfatórias.

3 — Tomada de posição relativamente à reestruturação do Sistema Bancário, tendo sido apreciado e aprovado um conjunto de programas e de diplomas que a seguir se relacionam:

A) Programa geral de acção contendo as linhas gerais que orientarão a evolução do sistema bancário no âmbito do processo de transição para o Socialismo e que contempla nas suas etapas fundamentais a redução do número de bancos, a racionalização da cobertura bancária e a ulterior especialização dos sistemas bancários.

B) Programa de execução, prevendo a primeira fase de redução do elevado número de bancos actualmente existentes, procurando um melhor rendimento do conjunto, mas salvaguardando o direito ao trabalho.

C) Nova lei orgânica do Banco de Portugal de modo a ajus-

Continua na pág. 20



GUERRA CIVIL

A PAZ DO SILÊNCIO ACABOU EM TIMOR

MACAU, 21 R) — As autoridades portuguesas perderam o controlo da situação em Timor, o território no Extremo Oriente, e a ilha pode agora ser considerada como em estado de guerra civil, segundo se afirmava num comunicado oficial emitido hoje em Macau.

A situação em Timor é muito grave, dizia o comunicado. Na verdade, pode ser considerado como havendo na ilha uma poderosa atmosfera de guerra civil.

Grupos políticos rivais têm estado envolvidos em luta na larte oriental da ilha, o Timor português, ao norte da Austrália, desde uma intontona, na semana passada.

O comunicado foi transmitido pela Base Naval Portuguesa em Dili, a capital do Timor português, para Macau, o pequeno enclave português na costa do Sul da China.

Informava que tropas portuguesas ocupam agora apenas

Continua na pág. 20

ANGOLA

ENCONTRO M.P.L.A. E U.N.I.T.A. REALIZA-SE HOJE

LUANDA, 21 — (Especial para o DL) — O encontro entre dirigentes do M.P.L.A. e U.N.I.T.A. deverá realizar-se hoje, muito provavelmente em Luanda ou até no Lobito, não havendo, no entanto, qualquer notícia concreta sobre esta possibilidade. De resto, dada a falta de ligações telefónicas que desde há tempos se verifica em Angola, nem sequer é possível saber pormenores sobre os resultados da reunião da U.N.I.T.A., que ontem se te-

rá realizado em Silva Porto. Sobre a possibilidade de cargo de Alto Comissário passar a ser desempenhado por uma Junta Governativa em que terão assento comandos militares portugueses, parece confirmar-se, mas não é possível prever ainda a sua constituição nominal, dado que círculos militares prevêem a possibilidade de alguns postos de comando angolanos virem a ser substituídos.

Entretanto, em conversa com uma personalidade bem colocada, foi-nos afirmado ontem, de forma clara e peremptória, que dois de cada três

Continua na pág. 8

"RÁDIO-PIRATA" PARA PORTUGAL?

Segundo a edição de ontem do semanário francês «Témoignage Chrétien», o Partido Socialista Português e a Igreja têm o projecto comum de criar uma rádio-pirata que teria o nome de «Rádio Nordsee» e seria financiada pela sociedade holandesa «MEBO».

A mesma notícia indica como provável para Outubro-Novembro o começo das emissões da estação pirata. Esta seria instalada num navio próximo de Lisboa, no limite das águas internacionais, emitindo em 1214 quilómetros e 39 e 41 metros.



ESQUERDA UNIDA PELA REVOLUÇÃO

Ler na pág. 6

Nacional

VASCO NA POSSE DOS SECRETÁRIOS DE ESTADO

"NUNCA O POVO PORTUGUÊS TEVE UM GOVERNO TÃO REVOLUCIONÁRIO COMO O V GOVERNO"

«Não é simples ser membro de uma equipa governamental cuja duração se exprime por dias» — declarou, dirigindo-se aos secretários de Estado, o Presidente da República, no breve discurso que proferiu ontem por ocasião da tomada de posse daqueles elementos do V Governo Provisório. «Ninguém aqui, sr Presidente — respondeu o Primeiro-Ministro, general Vasco Gonçalves — está agarrado ao lugar, mas todos estamos ligados a uma revolução que não queremos ver recuar e muito menos perder».

A seguir, publicamos, na íntegra, os dois discursos

«Senhores secretários de Estado:

«Sois, certamente, homens de espírito forte e terei de manifestar a V. E. as um apreço muito especial pela coragem e patriotismo demonstrado com a vossa abnegada aceitação de cargos governamentais em circunstâncias tão difíceis.

«Não é simples ser membro de uma equipa governamental cuja duração se exprime em dias.

«Não é simples ser membro de um Governo de passagem que enfrentará, em horas, problemas cruciais como os de Timor e de Angola.

«Não é simples ter fugazes responsabilidades máximas em sociedades tão assimétricas como Capital e Norte, Setúbal e Açores.

«A nossa Revolução oscila entre o pragmatismo conscien-

te de uns e a militância idealista de outros.

«Vivemos contradições que são gèneses da onda lamentável de violência que deflagrou no País.

«São de luto e tristeza os sentimentos que sinto e expri-mo ao conhecer os efeitos dramáticos de confrontações violentas entre filhos da mesma Pátria.

«Aceito adversários políticos que vivam uma emulação no ideal comum de construir uma sociedade melhor, mas rejeito homens que se considerem inimigos pelo simples facto de visualizarem soluções políticas diferentes na construção de uma Pátria comum.

«Foi exactamente neste quadro pouco simples que V. E. s. aceitaram os riscos políticos graves de ser governantes numa equipa que tem tão pouco

de duração como muito de responsabilidade histórica.

«Que o futuro vos compense dos riscos políticos assumidos, da manifesta coragem e abnegação demonstradas, das canseiras e dos esforços previsíveis: são esses os maiores desejos de um companheiro da mesma luta.

«Tenho dito».

«NINGUÉM ESTÁ AGARRADO AO LUGAR»

O Primeiro-Ministro, general Vasco Gonçalves, em resposta ao discurso do Presidente da República afirmou nomeadamente que era com orgulho de patriota que assistia à tomada de posse dos novos membros do Governo na hora grave que a nossa Revolução atravessa. Mais uma vez frisou que este Governo — o V Governo Provisório — é um Governo constituído por patriotas honrados que põem acima de qualquer

interesse partidário ou pessoal os supremos interesses da Pátria. Não é um Governo de carreiristas, de políticos profissionais, disse, é um Governo identificado com a Revolução e disposto a consolidar a todo o custo as conquistas alcançadas com o 25 de Abril. É um Governo disposto a tomar as medidas necessárias à salvaguarda da nossa Revolução mesmo que sejam impopulares.

«O gesto destes homens, com os quais me sinto completamente identificado e que considero meus camaradas, é um gesto que pela sua grandeza moral se impõe a todos. É um gesto que serve de exemplo às nossas Forças Armadas, que contribui para o seu empenhamento revolucionário e para a sua unidade hoje tão posta em causa pelos inimigos da nossa Revolução.

«É um Governo à altura do momento que vivemos, é um Governo de socialistas nos ac-

tos e não só nas palavras, e, enfim, um Governo de patriotas.

«Ninguém aqui, senhor Presidente da República, está agarrado ao lugar, mas todos estamos ligados a uma revolução que não queremos ver recuar e muito menos perder. Dai que não tenha sentido, e que cada vez o vá tendo menos, o centrar-se a presente crise à volta da figura do Primeiro-Ministro. Não é a figura do Primeiro-Ministro que se pretende abater, mas sim as ideias que ele defende. Com este ou outro Primeiro-Ministro empenhado na revolução, os nossos adversários não cessariam de mover os seus ataques à Revolução e à Democracia. Repito: não é uma questão de nomes o que está em causa. O problema é outro e a sua compreensão, bem como a compreensão geral da crise que atravessamos, terá de ir buscar-se à intensa luta de classes hoje vivida neste País.

«Por isso, senhor Presidente, nem que fosse por um minuto apenas que este Governo tomasse posse, nem por isso os seus membros deixariam de o fazer, porque sabem e sentem que é essa a sua responsabilidade histórica. Responsabilidade que este Governo não en-jeita, como se tem visto e como no futuro se verá. Nunca teve o povo português um Governo tão revolucionário e tão coeso como este V Governo Provisório. Nunca o povo português teve um Governo que, como este, estivesse tão empenhado na Revolução e nos altos ideais que esta procura servir e atingir.

«O Governo sentiu, depois da sua reunião com o Directorio, que era urgente ultimar a sua constituição que esta tomada de posse hoje consagra, para melhor se poder dedicar às grandes tarefas que o aguardam, e que a nossa Pátria espera, a curto prazo, ver concretizadas.»

AOS SARGENTOS DO EXÉRCITO:

A unidade do M.F.A. é condição histórica para a revolução portuguesa

As dificuldades que afectam a capacidade e estrutura do País, a escalada vandalesca da reacção, os esforços desenvolvidos pelas Forças Armadas para, pelo menos, manter as conquistas do 25 de Abril, o pluralismo partidário, a reforma agrária e as nacionalizações, foram os tópicos desenvolvidos pelo general Vasco Gonçalves ao dirigir-se, na qualidade de Primeiro-Ministro como militar que é, aos representantes da Comissão Nacional de Sargentos do Exército que ontem se deslocaram a S. Bento a fim de ali deixar o produto de um dia de salário para a Nação, nada mais nada menos 1 016 447\$50.

De realçar a participação substancial, nesta iniciativa, das unidades militares de Angola, Açores e Madeira, num momento dominado, de certo modo, por várias tentativas revisionistas, o que nos leva a dizer que os sargentos estão no seu verdadeiro lugar e que a Revolução pode contar com eles, porque nela reside, a par dos soldados, a autenticida-

de da aliança Povo-M.F.A., — condição essencial para rejeitar qualquer fórmula ou documento comprometido como imperialismo e o capitalismo, ou pretenda cautelosamente criar condições para a restauração do fascismo.

«Mais do que os 1016 contos, este cheque mostra que vós, num momento particularmente difícil e grave da Nação, estais unidos na defesa dos interesses do Povo Português, começou por dizer o Primeiro-Ministro à delegação de sargentos. Este momento é particularmente difícil e grave porque a reacção e o fascismo atacam e continuam a atacar. O fascismo e a reacção só poderão ser combatidos com uma forte unidade do M.F.A., com uma forte unidade das forças populares e democráticas e com a unidade — que deve ser inquebrantável — entre o Povo e o Movimento das Forças Armadas.

E, já depois de exortar todas as unidades na luta pelo progresso, no sentido da liberdade e da independência nacional, afirmou ainda o general Vasco Gonçalves «A unidade do Movimento das Forças Armadas é hoje uma condição histórica indispensável à sobrevivência da Revolução Portuguesa. Mas essa unidade, que todos nós defendemos e pela qual lutamos arduamente todos os dias e todos os momentos, como lutastes vós ao colherdes entre os vossos camaradas este dinheiro, corresponde a um dia do vosso salário, essa unidade tem de se fazer a favor do Povo Português, é a unidade com os interesses do Povo Português.

O Movimento das Forças Armadas deve desenvolver os maiores esforços no sentido de ser unido, mas unido na defesa das conquistas revolucionárias depois do 25 de Abril, unido na consolidação dessas conquistas revolucionárias, unido com os interesses do Povo Português. Só assim tem significado a unidade do Movimento

das Forças Armadas. Só assim ela pode ser realizada.

JUSTIFICAÇÃO MORAL EM RELAÇÃO AO PAÍS

As Forças Armadas unem-se mas para defesa dos legítimos e verdadeiros interesses do Povo Português, realçou o Primeiro-Ministro, para a defesa das conquistas alcançadas e que estamos em risco de perder ou ver perdidas. São todas essas liberdades, dos direitos individuais que conquistámos, a liberdade de associação, a liberdade de reunião, a liberdade de formação dos partidos políticos, o pluralismo partidário, a Reforma Agrária, a unidade sindical, as nacionalizações, o controlo da produção pelos trabalhadores, as novas relações de tipo democrático que se têm estabelecido nas nossas próprias unidades, no seio do Exército, no seio da Marinha, no seio da Força Aérea.

Devemos defender essas relações com todo o vigor do nosso entusiasmo e do nosso patriotismo, pois tudo isso hoje está em risco. Eu interpreto a vossa vinda aqui como dizendo presente, no momento em que a nossa Pátria tais riscos sofre. É um momento de patriotismo, é um momento de unidade nacional. É preciso, acima de tudo, termos a consciência disso — é que o próprio Movimento das Forças Armadas, a sua justificação moral em relação ao País, a sua grandeza moral, estão ligados aquilo que ele tem feito até hoje na defesa do Povo Português e, em particular, das classes mais desfavorecidas.

«Após desenvolver outras ideias relativamente às responsabilidades das Forças Armadas, em que salientou a importância das fardas envergadas por todos os sargentos presentes, Vasco Gonçalves aludiu ao acto dos sargentos e sua visita nestes termos

«Interpreto a vossa presença aqui como tal, como dizendo pronto e respondendo firmemente às questões, aos gravíssimos problemas que o nosso país vive hoje. E o primeiro, o mais grave desses problemas é a ameaça do neofascismo, é a ameaça da reacção, é a ameaça da perda das liberdades e daquilo que conquistámos depois do 25 de Abril. E vocês têm um grande papel a desempenhar nisto. Vós e nós, todos os que somos militantes, todos os que temos a honra de pertencer ao Movimento das Forças Armadas. O Povo está com os olhos em nós. As populações estão com os olhos em nós.

E, por último, Vasco Gonçalves acentuou: «A Revolução não é nenhuma brincadeira. As opções que se tomam não são brincadeiras. Não o podemos fazer de ânimo leve.

As nossas atitudes, as nossas opções, o facto de pertencermos ao Movimento das Forças Armadas são profundamente graves. Deve impregnar todas as nossas acções. A frente de todas elas é a unidade que devemos defender como aquilo de mais sagrado, que interesse hoje ao Povo Português. A unidade da defesa dos interesses do Povo Português. Não a unidade por qualquer preço, nem é unidade de qualquer maneira, nem é falsa unidade, mas é a unidade bem concreta e bem prática que se traduz numa acção diária, quotidiana, permanente, tenaz, sacrificada, até ao último sacrifício, se assim for necessário, pela defesa dos sagrados interesses do Povo Português. Esse combate tem de ser, neste momento travado por nós na defesa das liberdades do Povo Português, na defesa da independência nacional», concluiu o Primeiro-Ministro, general Vasco Gonçalves, dirigindo-se, ontem, aos representantes da Comissão Coordenadora Nacional dos Sargentos do Exército.



FILMODA

CONFEÇÕES. CALÇADO. ADORNOS

SETEMBRO 25/28



INSCREVA-SE JÁ

NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

PASSAGENS

PARA QUALQUER PARTE DO MUNDO

DE AVIÃO, DE BARCO, DE COMBOIO, OU AUTOCARRO, RIGOROSAMENTE AOS PREÇOS OFICIAIS

ALUGUER DE AUTOMÓVEIS COM OU SEM CONDUTOR, EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO

RESERVA E EMISSÃO IMEDIATA

UMA FACILIDADE QUE POMOS AO SEU SERVIÇO, POUANDO-LHE TEMPO E INCOMODOS

PAGUE SUAVEMENTE COM CREDIT STAR



STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

LISBOA - ESTORIL - PORTO - ALGARVE - MADEIRA - AZORES

post scriptum

Fanatismo

Agora aqui, no Norte, é pior do que no tempo do Zé do Telhado, porque a sua quadrilha agia de noite e temia a autoridade. Agora a quadrilha social-fascista, age de dia nas bochechas da G.N.R., da G.F. e do Copocon. Acabou a protecção da autoridade. Estamos todos à espera que nos venham roubar, queimar, matar. A isto nos conduziu a brandura do M.F.A., que o povo odeia, mesmo assim... Eu, que já vivi e sofri o terror e a opressão dos paivantes em 1912 e dos trauliteiros em 1920 e dos fascistas de 1926 1974, prevendo isto que se está a passar. Eu disse para ai, várias vezes, que as eleições eram prematuras e perigosas, porque conheço o povo selvagem das cinco províncias do Norte, como as minhas mãos. Consultar um povo fanático, estúpido, selvagem, analfabeto, abúlico e despolitizado, só de cretinos, incompetentes e burros. Agora queiréis retroceder, mas já é tarde... Esperai, como eu, estoicamente, a morte que nos espera. É fatal. Não julgue Mário Soares, que tão bem mobilizou as massas, que escapará ao pelotão executor... Ele também já está condenado. Pinochet de Melo espera na tocaia...

P. N. FERNANDES — Melgaço

□ Este é um bilhete-postal que nos foi enviado. Um entre muitos do género. Por o acharmos, nestes dias de violência e vergonha, exemplar de uma mentalidade que irrompe, aqui o deixam para que o meditemos.

Trocas de correspondência

Tenho 35 anos, olhos e cabelos pretos, morena clara, 1,65 m de altura, 52 quilos.
Gosto de música, de viajar, de fazer amizades, enfim, detudo a que haja simplicidade e sinceridade. Sou extrovertida.
Gostaria de receber cartas, postais e fotos de rapazes portugueses, a fim de trocarmos ideias.
Escreva-me para
Ozi Pereira, Rua José Bonifácio, 330. 59 600 — Mossoró — R.N. Brasil

Esta vai em forma de um agradecimento.
Há cerca de 20 dias, escrevi para essa redacção, solicitando colocar um pedido de troca de correspondência com jovens portugueses. Gosto bastante de escrever, trocar postais, fotos e ideias. Sou meia triste, sem alguém especial, daí, o ter recorrido a vocês, e também pela admiração que tenho por Portugal.
Enviei duas ou três cartas, julgando uma não ser suficiente. Hoje, poucos dias depois, já recebi cerca de quinze cartas, e julgo receber muitas mais. As recebidas, são bem legais e creio que entre elas devo encontrar aquilo que procuro.
Cá, em Mossoró, Rio Grande do Norte, Nordeste Brasileiro, vocês têm uma amiga. Acreditem. Sendo funcionária da Emissora de Educação Rural, gosto do jornalismo, portanto, temos algo em comum.
Espero que Portugal esteja prestes a voltar à sua calma. Tenho acompanhado a situação política de vocês, tudo na vida é fase, e a tranquilidade e igualdade, deve vir por aí.
Meu abraço.

Amala — Brasil

□ Retribuimos o abraço

“GOVERNO DE PASSAGEM”
OU “PODER REVOLUCIONÁRIO”

FERNANDO PITEIRA SANTOS

Os portugueses do Minho ou Algarve, e nas empresas, e nos campos, lamentam-se abertamente da degradação da situação económica nacional, das dificuldades e contradições do processo revolucionário, da crise do poder político-militar. O país real, as forças do trabalho e da cultura, compartilham o mesmo sentimento é preciso um Governo que queira e possa governar, que seja capaz de estabilizar a situação económica e social, que promova a acumulação de forças sem a qual é o próprio curso revolucionário que estará comprometido. Estamos desencantados do constitucional carácter provisório dos sucessivos Governos e apreensivos pelo carácter latente dos antagonismos que geram as crises e nas sucessivas crises se vêm aprofundando. Não é só a base social do poder político-militar que se restringiu, não é só a restrição do crédito político que o povo abriu ao M. F. A., que se tornou evidente, é a consciência de que ultrapassando problemas que não ficaram resolvidos se acelera a corrida para a criação de novos problemas. É a certeza de que nem mesmo ao problema da segurança e defesa da Revolução foi dada a solução conveniente. É a certeza de que o fascismo permanece como uma ameaça não apenas potencial. É a certeza de que a contra-revolução conservou, ou ganhou no curto espaço de dezasseis meses, um largo campo de manobras no plano político, no plano social, no plano religioso, no plano económico.

O «V Governo Provisório» constituído após negociações arrastadas surgiu em plena crise do poder político-militar e como fruto da crise foi ao país apresentado. A categoria dos Governos Provisórios, equivocada e desmobilizadora, sucedeu a categoria dos Governos de passagem quando parecia ser de exigir a continuidade de uma acção governativa para enfrentar problemas concretos e inadiáveis. Os antagonismos políticos, a agressividade e a intriga política

cas que vinham minando o campo antifascista civil, instalaram-se, igualmente, no campo antifascista militar. Divergências e divisões, choques pessoais e lutas ideológicas patentearam-se, na componente militar do Poder, perante uma opinião pública inquieta ou decepcionada. Não raras vezes, no espaço breve que se para Abril-1974 de Agosto-1975, a ambição de ascender ao Poder terá sido confundida com capacidade política, e o expediente administrativo com vontade política. Sente-se que um claro pensamento e um forte querer, não poderiam ter favorecido os sucessivos provisórios Governos de falaz coligação política. Governos frequentemente excedidos por iniciativas descoordenadas relativamente a uma estratégia revolucionária de avanço para o socialismo, ou realmente impossibilitados de governar por carência material, objectiva, de unidade de pensamento e de vontade, de autoridade e de capacidade de intervenção.

Ocorre, por outro lado, um vazio na estrutura constitucional do Poder. A crise no seio do M. F. A., atingiu as respectivas instâncias político-militares. O «triumvirato» surge como um recurso, um compromisso. Qualquer fórmula redutora do exercício plural do Poder é, intrinsecamente, lesiva da autenticidade do processo democrático.

Concentra as dificuldades, reduz a elasticidade da discussão política não contribui para desfanalizar os antagonismos. O quinto Governo provisório herdou um conflito de Poder, acaso agravado pela autopromoção do COPCON a «oficina ideológica». A crise que envenenara as relações entre as forças políticas democráticas e operárias, instala-se no seio do M. F. A., atinge as várias instâncias político-militares das Forças Armadas. Crise interna e crise externa, a crise política — reflexo da crise global do processo revolucionário de transformação da sociedade portuguesa — é no fundo, de raiz, uma crise de

poder. Do poder revolucionário.

Com qualquer dos sucessivos Governos Provisórios — como se a legitimidade do Poder revolucionário carecesse ainda de ser reconhecida — a questão de fundo permanente é a questão do Poder político, da sua clara definição, da sua unicidade. Não pode prolongar-se sem grave risco para a própria Revolução e — sem traírmolos as esperanças do povo — uma anómala situação de divisão de poderes que, na prática política e administrativa quotidiana, se traduz por ausência de um centro de Poder.

A inexistência de um centro de Poder, do qual, se verdadeiramente existisse, um Governo que governe deveria ser o instrumento operacional e um COPCON unitário e apartidário o braço armado — põe em causa o próprio curso revolucionário, a institucionalização de estruturas de democracia de base, a decisão de medidas de fomento no plano da economia industrial, da economia agro-pecuária, da distribuição comercial e do crédito, a própria marcha para o socialismo. Na situação complexa em que vivemos e conscientes das pressões e ameaças imperialistas, a unidade das forças favoráveis ao processo revolucionário é uma condição básica. Essa unidade não pode limitar-se a uma retórica repetitiva invocando e parafraseando fórmulas apologeticas de uma aliança Povo-M. F. A., à qual não corresponde uma concretização estrutural e uma definição política. De resto, omissa quanto à mobilização de um importante potencial político, os partidos. Nesse domínio é preciso avançar impõe-se a constituição de um centro de poder revolucionário e a definição de uma estratégia revolucionária de avanço para o socialismo.

A experiência do nosso processo revolucionário mostrou já que a aliança Povo-M. F. A., deverá encontrar condições de existência real, para assumir, eficazmente, o papel de motor de arranque da Re-

volução nesta fase na qual urge enfrentar os problemas nacionais, mobilizar a classe operária, e todos os trabalhadores manuais e intelectuais, para a batalha da produção, da produtividade e da disciplina revolucionária do trabalho, sem demagogia, sem concessões de princípios, sem deslizes oportunistas.

A vitória da Revolução Portuguesa do Século XX — o 5 de Outubro encerrou o ciclo de revoluções do século XIX, e entronizou, na provisoriedade de dezasseis anos, uma pequena-burguesa jacobina mas socialmente conservadora — depende da capacidade que revelarmos para unir as forças revolucionárias empenhadas na construção do socialismo, rimar a aliança Povo-M. F. A., criar um centro de Poder, e converter por um processo de mentalização, ou por um processo de audaciosa renovação um Governo de passagem — que ideia infeliz — num Governo que governe.

4 Porque na luta entre o velho e o novo, entre a revolução e a contra-revolução nada pesam as palavras, e pouco valem as boas intenções de que os abismos infernais da política estarão cheios, se os problemas reais, concretos, inadiáveis do país real não forem enfrentados e objecto de resolução e de clarificação. Fazer a decisão política, seriar as resoluções, definir prioridades, estabelecer um calendário político, dar à luz um plano, elaborar uma estratégia, é o que se pede a um centro de Poder. A tarefa de um Governo que governe consistirá em passar das palavras aos actos, da agitação à mobilização, da demagogia à desmistificação, da concessão oportunista à clara responsabilidade do sim e do não, no plano interno e no plano externo.

Tudo depende, aqui e agora, Agosto de 1975 e na praia ocidental lusitana, da constituição de um centro de Poder e na definição de uma portuguesa e popular, democrática e socialista, estratégia revolucionária.

UM PAIS DESTINADO À MISÉRIA II

A FOME É O “DIA A DIA”

Por GERALD VIRATTE

Num primeiro artigo o nosso enviado especial ao Bangla Desh analisou a situação política antes do golpe de Estado, que levou à morte, em 15 de Agosto, do pai da nação, o ex-presidente Mujibur Rahman. Descreve num segundo artigo, as consequências da fome e do empobrecimento.

Rangpur — «Tememos para breve uma tragédia da amplitude da precedente (as inundações de 1974, abelo e bigode abundantes, falando inglês clássico, dos universitários, o jovem bengalês que nos dirige estas palavras, preferiu o trabalho ingrato no campo, no nordeste do Bangla Desh, a região mais afectada no ano passado pela inundação e pela fome, tem um lugar na Administração em Dacca.

A miséria é maior do que anteriormente, em particular, do que em 1943, o ano da fome em Bengala que fez vários mi-

lhões de vítimas. As consequências sobre a saúde e o equilíbrio psicológico das crianças far-se-ão sentir por muito tempo, declarava um outro bengalês, que acrescenta existe fome no país, mas isso não se diz. Os jornais, na realidade, são censurados se abordam esse assunto.

As consequências económicas e sociais das últimas inundações — que fizeram segundo diferentes elementos combinados, de cinquenta mil a setenta mil mortos — serão mais duradouras e mais profundas do que os estragos ecológicos. Mas não se pode acusar somente a natureza. A «mão do homem», como dizem os bengaleses têm a sua cota parte de responsabilidade, na tragédia. Se o Governo guarda um certo silêncio sobre este drama, é porque de qualquer forma já criou esse hábito, mas é também porque teme que se descubram as suas falhas.

A entrada da estação ferroviária de Rangpur, um velhote esfomeado agoniza sobre o passeio perto dele uma criança definhada traz nos braços um bebé prostrado, com a cabeça desproporcionada e os olhos esgaseados está atacado pelo marasmo — uma doença da nutrição. Poderá salvar-se se for recuperado a tempo. Mas será sempre muito vulnerável, diz-nos um médico. Vários orfanatos mantidos por organizações de caridade ou pelo Governo, acolhem essas crianças da rua. Dentre eles, são escolhidos os que os estrangeiros desejam adoptar. Nem todas as crianças esfomeadas perdidas ou abandonadas chegam aos orfanatos algumas mães, preferem guardar os seus filhos junto delas porque eles ganham algumas paisas pedindo esmola.

As estações ferroviárias do Bangla Desh como as do norte da Índia, são os becos sem saída dos esfomeados, o pátio dos aleijadinhos transformados à noite como as ruas de Calcuta em dormitórios. As famílias rurais desapaoadas das suas terras, apanham o comboio na esperança de alcançarem uma região mais hospitaleira do que as suas aldeias. As inundações empurram as populações para os distritos a oeste do país, que normalmente se bastam a si próprios, ou mesmo para a Índia comparativamente menos pobre. O exodo acaba normalmente nos campos de acolhimento provisório, num estadio, num baldio ou na rua. Quando um desses infelizes morre, o seu corpo é exposto nos seus proprios andrjos.

Continua



Zé Olhinhos quer saber... para isso toca a mexer!

Para já: o que é a nova declaração de IMPOSTO COMPLEMENTAR

Nacional

CABANAS DE TAVIRA

Onde o 25 de Abril ainda não chegou

Cabanas, a levante de Tavira, duas mil e tal almas de sensu demográfico, terra de pesameijoira graúda (que às vezes ameiioja graúda que às vezes são pescadores outras não), tem tudo aquilo que define a terra algarvia de *cheiro mediterrânico*, que é como quem diz, de Faro para Vila Real de Santo António, visto que entre Faro e Sagres, o Algarve é outro. Tem tudo: areais entrando pelo mar dentro (a pé cásichegamos à costa de África), longos, doirados e quentes, ria marinha de fundos falsos e águas lodosas, horta e pomar ao redor na sua maior parte explorados por rendeiros que ainda pagam e caro aos senhores da terra, luz doirada a jorros faiscando no branco incólume das suas casas do povo. Tem tudo isto, menos o que basta para o essencial das suas gentes, ai a beleza das coisas se esta pátria fosse só turismo e folclore, apesar das pequenas mercearias feitas supermercados de dois metros quadrados, apesar do Harbour - ar que tenta, inutilmente, determinar-lhe um ar cosmopolista de *little cidade* em crescendo, apesar dos chapéus à cow-boy e das *girls* em bikini nada moderado, apesar da cega-rega dos conjuntos vocais na festa semanal da vila (aliás, com fins altruistas, visto que parece ter a receita os caminhos mais propícios aos melhoramentos imediatos da terra), apesar de...

AS FERIDAS SÃO VISÍVEIS

Falamos com o funcionário da loja local, Aureliano de nome, boca sempre pronta para a verdade ainda que desçam dos confins raios e coriscos:

— Ruas, ou seja, traçados urbanos a que se possa chamar assim, temes duas: a ponta de estrada que penetra na aldeia e à qual por via de linguagem se chama *rua*, com um buraco enorme ali ao fundo, onde os carros caem constantemente e que nunca mais, nunca mais se tapa e a *marginal*. Rente à ria, com vazadouros de lixo semeados por aqui e por acolá como se pode ver e que cheiram que tresandam, já no Inverno, quanto mais no Verão. Fontanários públicos, tão necessários, são poucos e de miséria. A Casa dos Pescadores continua a ser de toda a gente menos dos pescadores... heranças insubmissas do sr. Tenreiro.

Ex-senhor, dizemos nós, que aos comedores de povo não se trata por *senhor*, neste tempo de camaradas. Mas Aureliano prossegue:

— O 25 de Abril quase não chegou a Cabanas, garantto-lhe. Há por aqui muita coisa a cheirar mal, além do lixo. O bairro social nunca mais se fez, apesar das promessas...

Nós assistimos, ouvimos, tivemos de ver para confirmar. Até subsiste uma espécie de mentecapto, homem da antiga confiança dos Tenreiros, que todo o dia lança bocas desbragadas contra as Forças Armadas e que diz «A mim nem Copcon nem nada me prende. Os comunistas desta terra vão ver quem eu sou». E conta-se que, no meio do espanto das gentes de Cabanas, em certa hora de Junho

terá insultado um oficial do quartel de Tavira... mas ficou impune.

Formou-se uma cooperativa em Cabanas. A obra teve muitas intenções mas, segundo se afirma, não tem resultado em pleno. Cooperativa de consumo, naturalmente, poucas vantagens trouxe à povoação posto que a sua gestão, embora honesta, parece mal encaminhada. Pois uma cooperativa, além do mais, deve ser um serviço público com participação gestora de uma larga franja das populações e não de um núcleo fechado. Mas a transformação da realidade da sua terra, pertence, mais do que a ninguém ao povo de Cabanas.

são, em Cabanas os que vivem destes e outros expedientes. Os pescadores, que arrancam, de Inverno ou no pleno Verão, a grandes braçadas de esforço e suor, o sustento da família? Os pobres rendeiros das terras circunvizinhas, castigados pelo pagamento da atenção ao dono sedentário da propriedade que eles trabalham? As mulheres e homens que, de uma maneira ou de outra, incluindo o trabalho braçal no complexo vizinho de Pedras d'El-Rei, se matam de fadiga para poderem pagar o que comem? Claro que não. Os droguistas não têm cansaço de braço, nem caso de consciência. Andam por lá, de corpo ao alto, de um lado



Uma das lixeiras de que falamos no nosso texto, rente à marginal. O cheiro é insuportável e o perigo que isto representa para a saúde dos seus habitantes, calcula-se.

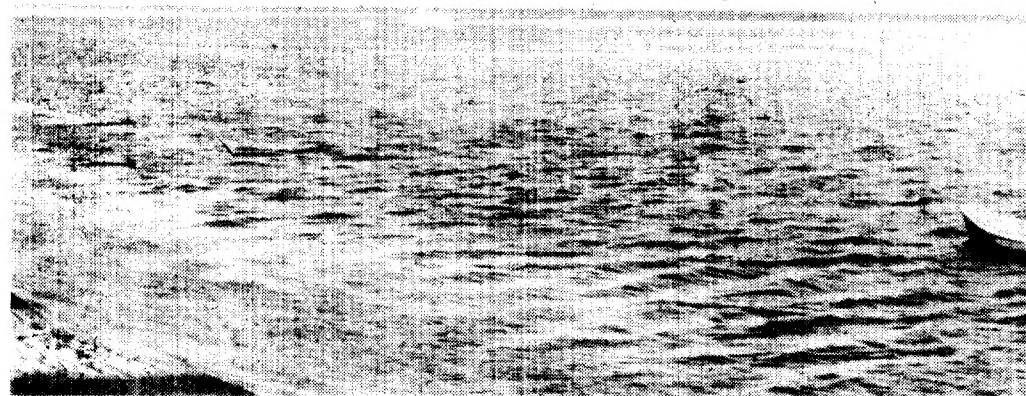
para o outro, abordando estrangeiros e portugueses, sobretudo jovens, para os meterem no ciclo infernal. Que se espera para se intervir?

E A BARRA, MEUS SENHORES?

Da ponta de Sagres a Vila Real de Santo António, neste momento só existe uma barra que dê garantias aos pescadores. É a de Faro. O resto, é armadilha e armadilha. No Inverno, então, o perigo aumenta, os barcos quase não saem. Ou, se saem, arriscam-se a ficar por lá.

A voz é de um mestre de traineira. Traineira de Cabanas, que conta nesta altura cerca de uma centena de navios de pesca licenciados. A voz é de quem sabe do ofício e em dias de maresia, não vê outro remédio senão rezar ao deus dos mares que o proteja. A barra de Cabanas (importante, como já se viu pelo volume global do tráfego piscatório) neste momento não existe, pura e simplesmente. O que existe são bancos sucessivos de areia, a perder de vista. Que o turista, deliciado, chama de *ilhas*, mas que o pescador, olho no perigo, detesta e gostaria de ver saneadas. É ainda um pescador quem fala:

Na maior parte das vezes, temos de ir descarregar a Tavira ou a Faro ou a Vila Real, pois a barra de Cabanas não oferece, na maré vasa, a mini-



Esta é uma das entradas da barra de Cabanas, a nascente, quase em maré cheia. Totalmente assoreada, na maré baixa não permite sequer a entrada de uma simples canoa a motor ou a remos.

ma segurança. Ou temos que aguardar lá fora que a maré encha, horas e horas ou temos de buscar outro porto. Mandaram-nos para aqui uma amostra de droga: um arrastão trans-

tudo continuou na mesma.

Sabe... interrompe outro pescador com um sorriso malhado de ironia — é que a maior parte dos fulanos que estavam por ai a mandar nestas coisas, ainda continuam. Senão os mesmos, outros por eles. Em muitos casos afastaram, por exemplo, os antigos capitães de porto e substituíram-nos pelos imediatos... que não faziam, em maneira de pensar, nenhuma diferença dos chefes depostos. Assim, como é que isto há-de andar?

Como o *gasol* — acrescenta um terceiro homem do mar. — Antigamente, pagávamos ao fim de um mês ou dois de safra. Agora é carregar e pagar logo, senão no outro dia não nos fornecem material para os barcos andarem. Que leis revolucionárias são estas, que sempre sobrecarregam os que menos podem? Porque se há mestres que têm sempre dinheiro no bolso para pagarem mil escudos de *gasol*, o pescador de escasso rendimento, o do barco pequeno, o da safra difícil, algumas vezes tem de ir pedir emprestado para ter *gasol*.

CABANAS OU PORTUGAL

Os problemas de Cabanas só são relevantes porque reflectem um mal geral. Que não vem, na sua quase totalidade, como é óbvio, deste tempo de reevolução. Por exemplo o ar fascistóide de Casa dos Pescadores, que ainda perdura, foi inventado Salazar e Mar-

celo. Mas não se lhe pôs cobro, embora para tanto nem sequer fosse talvez necessário chegar ao saneamento. O prometido e reprometido bairro social nasceu como promessa e como promessa ficou às mãos dos sátrapas do antigo regime. Contudo, após o 25 de Abril, também não se deu andamento à ideia. A falta de autoridade local sobre os traficantes da droga é um mal que vem de longe e que hoje, com os haustos de liberdade tomados *ad hoc* se agravou. O lixo empestando a vila, a fúria gananciosa dos comerciantes, a ausência de arruamentos e de esgotos (a maior parte das casas ainda funcionam com fossa), a falta constante de água corrente, a ausência de um posto de assistência médica, etc., etc., são carências que se vêem, descobrem, por todo o País. Assim como a apolitização, a incapacidade de engrenar no processo revolucionário. Cabanas precisa, pois, de se revitalizar, dinamizar, reconverter — o que permite englobá-la numa tomada consciência nacional, o que permite dizer: Cabanas ou Portugal. Por isso, achamos que devia valer a pena falar das suas carências: Carências de todo um Povo e que o sol, os areais doirados e longuíssimos como mulheres negras espreguiçadas na orla marinha, não escondem, não fazem esquecer. Pelo contrário. Quando vamos lá gozar essas *delícias naturais* que verificamos como elas estão descuidadas e até alarmantemente ofendidas.



Aspecto parcial do único recinto onde as gentes de Cabanas podem praticar desporto: um pequeno campo de futebol de terra batida, junto à loja, na marginal, de dimensões tão reduzidas que nele só se pode praticar o chamado futebol de salão. No entanto, os cabanenses aproveitam-no o melhor que podem no Verão... pois no Inverno não têm nada

Nacional

TRABALHADORES RECLAMARAM ONTEM EM LISBOA

IMEDIATA APLICAÇÃO DA PROPOSTA POLÍTICA DO COPCON

TEXTO Júlio Rodrigues FOTOS Rui Pacheco

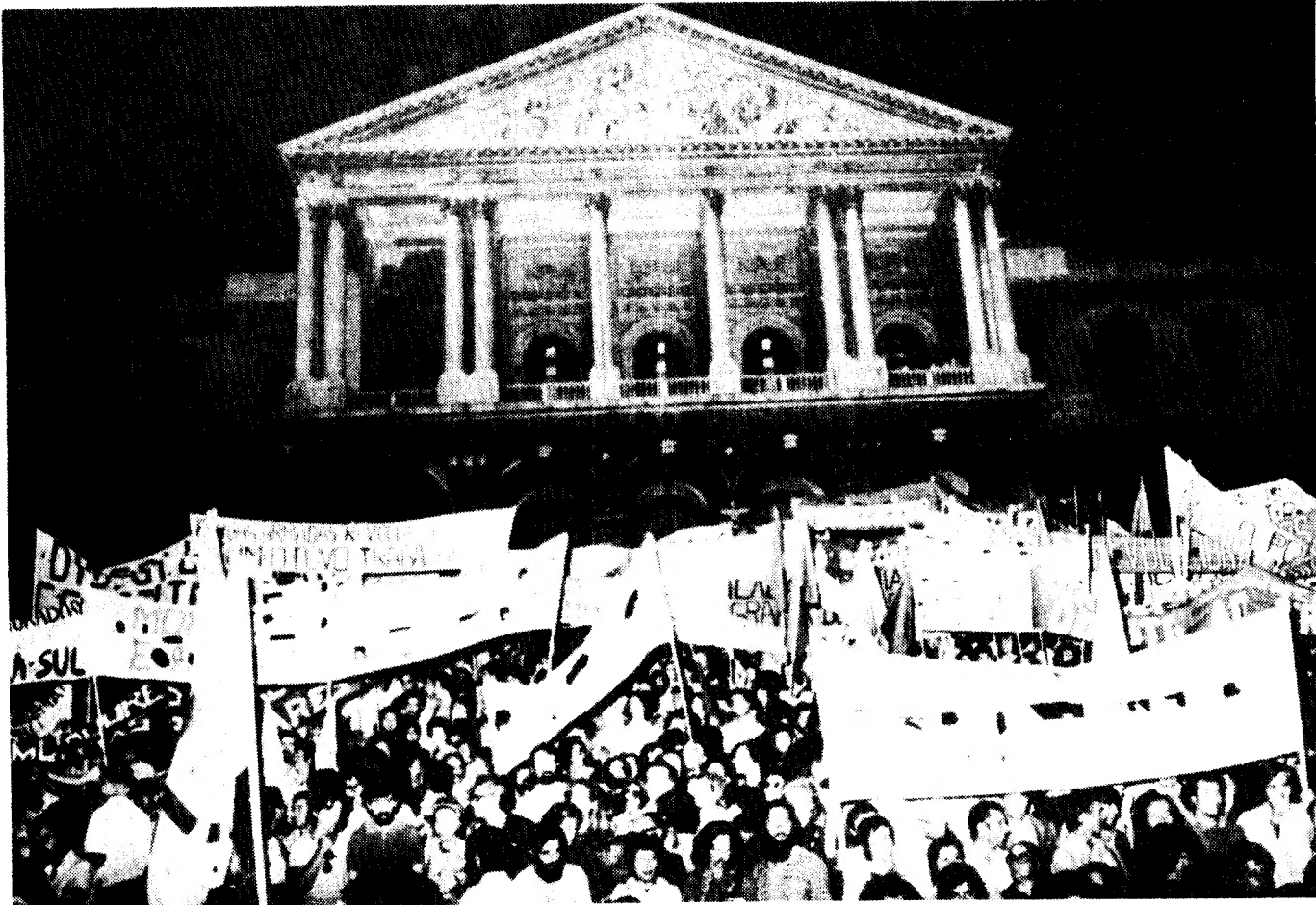
«Operários e camponeses, soldados e marinheiros, unidos venceremos», palavra de ordem gritada vibrantemente por representantes desses sectores profissionais e militares, todos em crise de laboração e activa participação política, quando a manifestação apertada de ontem, estava, ainda, na Praça do Comércio (eram 19.30), constitui a tônica do desfile.

No entanto, durante o itinerário, outros estribilhos foram «largados», nomeadamente aquele que, por assim dizer, consubstanciava a génese, ou a justificação (uma das justificações necessárias), do cortejo: «Aplicação imediata do plano do Copcon». Cerca de mil militares dos três ramos das Forças Armadas ou ramos das mesmas participaram no desfile, merecendo, até, os primeiros aplausos. Soldados e marinheiros, bem como representantes da Força Aérea, que seriam, durante o percurso, «religiosamente» guardados à sanha dos repórteres fotográficos à procura do melhor «boneco». Mas, como salientariam no comício, em S. Bento, que culminou a manifestação, «a estrutura reaccionária ainda se mantém no Exército». E, assim sendo, melhor prevenir que remediar. Para evitar denúncias, para não originar atritos, para, enfim, não confrontar numa etapa posterior os soldados que se recusam a aceitar o «Documento dos Nove» e os comandantes de muitas unidades que o apoiaram sem submeter o seu «veredicto», ou apreciação e discussão, em plenário de soldados, sargentos e oficiais. Porque, como também assinalou um dos oradores do referido comício, «existe no M.F.A. um conjunto de oficiais progressistas». Nós, prosseguimos o mesmo soldado, «estamos dispostos a juntar-nos a eles e a lutar com eles até à vitória final».

Enquanto ainda no Terreiro do Paço, os trabalhadores da Cooperativa Agrícola Popular da Torre (Bela), em espaçoso cartaz, reclamavam poder popular e exigiam armas, os trabalhadores do Montepio Geral preconizavam a aplicação da proposta do Copcon. Além do tractor da cooperativa acima referida, outros (seis) ali se encontravam, nomeadamente da Cooperativa Agrícola de Quebradas (Alcoentre), Azambuja, que exibiu uma quadra assaz singular: «Cooperativa de Quebradas/símbolo de luta e Unidade/exigim puras Forças Armadas/Copcon juramos-te Liberdade».

COOPERATIVAS E MILITARES FORAM ESPECTÁCULO

Mas havia mais, como um da Cooperativa de Aveiras de Cima e outro de Conselhos Revolucionários de trabalhadores, ao lado de um cartaz com a inscrição «Contra as superpotências, unidade com o 3.º Mundo». E representantes de comissões de moradores (Sete Moinhos, Alto de Santo Amaro, Reboleira, Carnaxide, Caneças, S. Jorge de Arroios, Aqualva-Cacém, Vale Escuro, Santo Condestável, Casal Ventoso, Nossa Senhora da Graça, Rio Seco e Cruzeiro), de comissões de trabalhadores (Lis-



nave, Setenave, Arsenal do Alfeite — uma larga bandeira com M.F.A. em lugar de realce — Mompur, Soda Póvoa — associados, «República», Pão-de-Açúcar e Covina entre outras). Operários da construção civil e muitos, muitos cartazes, quer com frases de apoio à luta dos trabalhadores e adesão à proposta do Copcon, quer com as palavras de ordem neles incrustadas. Recordando algumas delas, temos «Contra o fascismo-Ofensiva Popular», «Contra o fascismo-Unidade Popular», «Contra o desemprego-Direito ao Trabalho» e, entre muitas outras que foram lançadas durante o percurso — que assinalaremos em devido momento, «Vivam os camponeses, irmãos dos Operários». Também estava a comissão de moradores de Prémolide (Montijo) e a Siderurgia Nacional. «Soldados sempre, sempre ao lado do povo», refira-se, foi, também, palavra de ordem amiúde gritada. Lembre-se, igualmente, a comparação de marinheiros da fragata «João Belo», que empunhavam um cartaz, mais tarde retirado (porque?), apoiando o Primeiro-Ministro. Como ainda, «Lota Continua» e o Kommunistischer Bund (Alemanha), com outro cartaz, carregadamente encarnado, onde se podia ler «Portugal não será nunca o Chile da Europa». Durante cerca de quarenta minutos organizaram-se os preparativos para a arrancada da manifestação, o que veio a acontecer eram aproximadamente 20 horas. Cortejo que seguiu na direcção da Rua do Arsenal para retornar ao seu ponto de origem. E, aí, observámos a amplitude do desfile. Eram muitos os participantes que nem sequer um passo tinham dado. Na «cauda» os aludidos tractores e muitos trabalhadores nos seus suportes.

Tractores que, refira-se também, imitando o gesto dos militares deram uma volta ao Terreiro do Paço e foram, por isso, aplaudidos.

A MAIOR MANIFESTAÇÃO APÓS O 25 DE ABRIL?

A Rua do Ouro e a da Conceição foram, então, calcorreadas pelos manifestantes que se dirigiram para a Rádio Renascença, passando defronte da sede da Intersindical (sem incidentes nem provocações) e a Praça da Biblioteca Pública. Na Rua do Capelo, pessoal daquela estação emissora, que assomara às janelas, aplaudiu os participantes. Depois, a Rua Serpa Pinto, Rua Nova da Trindade. Os manifestantes gritavam (e a frase repetia-se, cremos mesmo que pairou durante cerca de vinte minutos nos ares) «Aplicação imediata do plano do Copcon». Eram 21 horas quando alcançaram o «República», onde se encontrava hasteada a bandeira nacional que muitos interpretaram como defesa da tão referida — durante o percurso — independência nacional. «Soldados sempre, sempre ao lado do Povo» foi o estribilho de novo lançado quando militares da P.M., em viatura, se dispuseram a encabeçar a manifestação, colaborando com os serviços de ordem na... ordem do cortejo. Ainda palmas defronte daquele jornal e um compasso de espera, para decidir do rumo a seguir, hesitante, na altura, entre o Cais do Sodré (estávamos na Praça Camões) e a Calçada do Combro, que foi, finalmente, opção para encurtar tempo em direcção a S. Bento. E, pela primeira vez, ouvimos «Dissolução da Constituinte já». Aí integraram-se no cortejo, depois de percorrerem artérias por onde a manifestação não tinha passado, os tractores. Eram, se tanto, 21.40. S. Bento, ali de Camões, podia dizer-se que estava à vista. E, entretanto, aqui e ali, o cortejo engrossara. A primeira informação que tivemos da extensão da manifestação, fornecida pelos serviços de reportagem, dava a «cauda» da «manifestação» ainda na Rua da Con-

ceição. Como mais tarde e sem que pudessemos, de facto, aquilatar a sua amplitude ou do seu comprimento, seria dito que, já com a «cabeça» em S. Bento (onde muitas pessoas a aguardavam), ainda o «rabo» se encontrava na Rua do Capelo. Seria verdade? É crível que assim fosse, porque muitas das pessoas cuidaram em dizer que se tratava da maior manifestação em Lisboa depois do 25 de Abril, tão importante quanto é certo que nela participaram militantes e simpatizantes do P.R.P.-B.R., L.U.A.R., M.E.S., A.E.P.P.A., U.D.P., L.C.I. e O.R.P.C. (m-l), bem como do P.C.P. e do M.D.P./C.D.E., que em comunicados divulgados apoiavam, que o mesmo é dizer: estavam com os trabalhadores e as organizações populares, como partido da esquerda onde não se enquadram o Partido Socialista e o P.P.D. E muito menos o C.D.S. Além do mais, tratava-se de denunciar a escalada reaccionária e fascista e contra ela lutar. Escalada de que o Partido Comunista e o Movimento Democrático Português têm sido as grandes vítimas, desde Rio Maior e Alcobaca até Famalicão, S. João da Madeira, Santo Tirso e Braga, para não falarmos em Ponte de Lima e Ponta Delgada.

NECESSÁRIO ELIMINAR PARASITAS E SABOTADORES

Eram pouco mais das 22 horas quando o cortejo chegou a S. Bento. Um dos elementos das comissões organizadoras, falando em nome do seu secretariado, quando os manifestantes gritavam «Dissolução da Constituinte já» e «Soldados sempre, sempre ao lado do Povo» (outros «slogans»: «O gado, as máquinas, a terra a quem a trabalha», «Vivam os camponeses, irmãos dos Operários» e «Contra os imperialismos, Independência Nacio-

nal»), propôs que fosse aprovada uma moção — o que aconteceu por unanimidade — no sentido de «exigir» que a RTP, «de uma vez por todas ao serviço dos trabalhadores portugueses», transmitisse hoje, amanhã, sábado e domingo, referente à aplicação do plano do Copcon e inerente proposta, bem como a intervenção do camarada camponês, depois do «Telejornal».

«Todas as comissões de trabalhadores e moradores», realçou o primeiro orador do comício em S. Bento, «sentem a necessidade de lutar juntos pela criação de assembleias populares». E, de roldão, referiu a necessidade, também, da criação de milícias populares e tribunais populares «onde sejam julgados todos os fascistas, todos os bufos, todos os inimigos da classe operária e dos camponeses». E a multidão, muitos milhares de pessoas, gritaram «Julgamento Popular», como, também, «Morte ao ELP e a quem o apoiar». O orador recordou, em seguida, as manifestações de 7 de Fevereiro, 17 de Maio e 4 e 16 de Julho, depois de referir a fome, a doença e os bairros de lata, num enquadramento em que couberam as conquistas dos trabalhadores, a diminuição de rendas e os saneamentos de todos os fascistas das fábricas. Numa perspectiva política aludiu a medidas governamentais que reputou como antidemocráticas e antipopulares, preconizando a nacionalização de todas as empresas estrangeiras. «Para que as assembleias populares sejam uma realidade», acentuou o representante de uma comissão de moradores, «é necessário denunciar todos os sabotadores das tarefas a levar a cabo», como antes tinha aludido à urgência em eliminar os «parasitas intermediários». Por último, defendeu a ideia de que a proposta do Copcon seja discutida em fábricas e que os programas políticos não sejam elaborados em gabinetes.

A escalada reaccionária, a caracterização do processo político e a denúncia do «Documento Melo Antunes» foram temas apresentados pelo representante dos soldados, que justificou o facto de aparecer com o rosto vendado posto que a «estrutura reaccionária» do Exército ainda subsiste. «O documento do Copcon», assinalou o soldado-com-a-cara-vendada, «é oportuno e é a única proposta revolucionária para solucionar a grave crise que atravessamos». Dito isto, o orador afirmou, ainda, que o apoio ao referido documento dado pelos comandantes de diversas unidades era pessoal, uma vez que não fora submetido à discussão em plenário de soldados e sargentos ou oficiais, nem mesmo apreciado em qualquer dos quartéis ou unidades dos comandantes em questão. «Dizem que muitas unidades», referiu, «aprovaram o Documento dos Nove, mas nós não fomos ouvidos. Somos uma força e se não reagimos de imediato, foi por medo ou falta de esclarecimento». Medo, obviamente, os comandantes repressivos, que ainda ocupam posições importantes na estrutura e hierarquia militar quando a revolução entra no seu momento decisivo. Quando, como também salientou, os «campos estão demarcados» entre os soldados e os oficiais progressistas, de um lado; e os oficiais não progressistas (nesse aspecto denunciou coronéis, além do tenente-coronel Tinoco Tobias e o comandante Artur Alves, do RICO — Regimento de Infantaria Operacional de Queluz, como oficiais conservadores), no lado oposto. Lado que parece não estar com a revolução, que os soldados querem levar a bom termo.

Usou ainda da palavra, ia a noite já avançada — quatro horas antes a manifestação arrancara do Terreiro do Paço — um «operário que já foi camponês», que, com todo o conhecimento de causa das diferenças existentes entre a fábrica e o campo apresentou um verdadeiro libelo acusatório às condições e modos como tem sido encarado a revolução para o socialismo ou o processo que lhe é adjacente. Vida de miséria, povo errante, trabalho de sol-a-sol (camponeses) foram tópicos desenvolvidos para um «povo que não pode ser eternamente escravo». Relativamente à Igreja, que também abordou, afirmou em determinado passo da sua intervenção: «Os padres impingiram-nos as maiores mentiras de um evangelho que nem sequer é reaccionário, para perpetuar a exploração e favorecer as classes privilegiadas». Avivou, por último, contradições entre os partidos burgueses, a quem imputou todas as culpas pela delicada situação que atravessamos, justificando as ocupações de terras e fábricas para «não morrerem à fome». Com «fim à miséria dos camponeses» e um remoque aos anteriores Governos provisórios (mais preocupados em conferenciar com secretários-gerais dos partidos burgueses que em resolver os problemas do povo) rematou a sua intervenção, antes de uma outra que fechou o comício destinado a replicar às manobras fascistas e imperialistas tendentes a protelar a exploração dos trabalhadores.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA RECTIFICAÇÃO

Por ter havido lapso na indicação dos componentes das Listas candidatas ao Acto Eleitoral para os Corpos Gerentes deste Sindicato, no próximo biénio, que se efectuará em 30 de Agosto de 1975, em local a anunciar oportunamente, abaixo se publica a composição correcta das duas Listas:

LISTA A

ASSEMBLEIA GERAL

- Serafim Augusto Nunes
- Arménio dos Santos Cachapa
- Fernando Tavares Quintas
- Francisco José Botelho Roseta
- Miguel José Maia Pereira

DIRECÇÃO

- Aníbal Guerreiro de Sousa
- Fernando de Jesus Nunes
- Leonaldo Manuel Pereira Brum
- Luís Augusto de Sousa Pereira Dantas
- João Rafael Antunes da Costa Madeira
- José Estrela Duarte
- José Luís Marques Ferreira da Cruz
- José Paulo Rebordão Gascão Nunes
- Manuel José Matos Nunes
- Maria do Carmo Bernardes de Oliveira Serrano
- Maria Ermelinda dos Santos Morgado
- Maria de Fátima dos Santos Chaves Santa Rita
- Maria de Lurdes Elias Reis Fernandes Arriano
- Maria Teresa Madaleno Lomelino Valentim Pereira FONSECA
- Rogério Martins Simões

CONSELHO FISCALIZADOR

- Aurindo das Neves Lourinho
- Carlos Alberto Batista Amaro
- Eduardo Pires Leça
- Eurico Eduardo Barros Pinto Balsemão
- Fernanda Manuela Santos do Nascimento Santos Leite
- José Alberto Mendonça de Melo Abreu
- José António Teixeira Freitas
- José Manuel de Almeida
- Luís Carlos Vicente Gouveia
- Maria Alice Alves Bastos
- Maria Dulce Andrade Branco

LISTA B

ASSEMBLEIA GERAL

- Vitor Manuel Garcia de Carvalho Ribeiro
- José Manuel Lopes Caeiro
- Aida da Conceição Pinheiro Albino Carreira
- Silvério António da Conceição da Silva
- Jorge Manuel Teixeira dos Santos

DIRECÇÃO

- Nuno Gonçalves Álvares Pereira Sequeira Bramão
- António Manuel Matias Geraldo
- Maria do Rosário Diaz de Tuesta Dominguez
- Manuel da Silva Raposo
- Carlos Alberto Mendes Fernandes
- Manuel dos Anjos Monte Porta Nova
- Orlando Jorge Rocha da Silva
- Carlos Dias da Silva
- Alberto das Neves Simões
- Maria da Graça da Conceição Gomes Cintra
- António Francisco Almeida Calhau
- Horácio Valdemar Cabral
- Joaquim Gonçalves Ferro
- Maria Alexandra Pimentel Caldeira
- Manuel Custódio Bonaparte Figueira

CONSELHO FISCALIZADOR

- Ana Maria Lourenço Aguiar Vasques
- José Caeira Lourenço
- João Leitão Ferreira Borges
- Armando Pinto
- Jorge Martins da Silva
- Alfredo Luís Arruda Gancho
- Carlos Jorge de Jesus António
- José Boaventura Pinto
- António Manuel Carvalho Coruche
- Maria dos Anjos da Conceição Rodrigues
- Fernando Alexandre Sequeira

CADERNOS ELEITORAIS

AVISO IMPORTANTE

Lembra-se aos sócios a importância da consulta dos cadernos eleitorais para efeito de verificação da inclusão do seu nome, sem o que não poderão exercer o seu direito de voto.

Estes cadernos estão patentes no 1.º andar, sala 111, da sede do Sindicato, das 9 às 12 horas, das 14 às 20 horas e das 21 às 23 horas.

Os reclamantes deverão pedir recibo comprovativo da sua reclamação. Os sócios que apresentaram já reclamações sobre os cadernos e não receberam este recibo, poderão dirigir-se ao Sindicato, dentro do horário indicado, pedindo esse documento.

O prazo para apresentar estas reclamações termina em 21 de Agosto de 1975.

Lisboa, 18 de Agosto de 1975.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

Álvaro de Campos Marçal

PINHEIRO DE AZEVEDO NO ALFEITE

Garantia da revolução rumo ao socialismo

Firmeza, Confiança e Unidade, relativamente aos novos chefes, foram os tópicos desenvolvidos pelo almirante Pinheiro de Azevedo, chefe do Estado-Maior da Armada, ao visitar a Força de Fuzileiros do Alfeite, onde oficializou o comando daquela unidade, durante uma cerimónia que decorreu sem grandes alardes, ao capitão-tenente Daniel Reis Rodrigues.

O chefe do Estado-Maior da Armada, acompanhado de diversos oficiais da Marinha, após a cerimónia de transmissão de poderes, pôs em realce o seu enorme prazer pelo facto de visitar a Força de Fuzileiros, cuja chefia exercia quando se verificou o 25 de Abril, definindo as tropas como espelho da Marinha nova. afirmou designadamente:

«Todos vós sabeis que um dos grandes prazeres da minha vida foi estar presente, no 25 de Abril a comandar esta bela unidade. A vós, fuzileiros, eu devo uma das maiores alegrias da minha vida, pois julgou que contribuísteis para honrar a Marinha com dignidade e com aquela certeza de homens que não hesitam na realização de

grandes feitos. Bem hajam, portanto, pela ajuda que deram ao vosso comandante e pela contribuição que deram ao bom nome da Marinha na realização do extraordinário 25 de Abril de 1974.

Estou aqui presente para dar mais um impulso e um impulso forte, ao caminhar seguro da força dos fuzileiros. A reestruturação que se vem prosseguindo em moldes seguros e lentos mas firmes, culmina hoje com uma mudança na cúpula, passando o actual comandante da vossa força a desempenhar exclusivamente as altas funções de comandante do corpo de fuzileiros.

O comandante Pacheco fica livre dessa obrigação de comandar a força de fuzileiros para poder dedicar-se inteiramente ao comando do conjunto dos fuzileiros que oficialmente foi designado por corpo de fuzileiros.

«O seu imediato», prosseguiu o chefe do Estado-Maior da Marinha, «o comandante Reis Rodrigues, homem que vocês conhecem muito bem ascende por direito próprio por prestígio conquistado no dia-a-dia, ao honroso lugar de comandante da vossa força.

Para ambos, os meus sinceros votos de felicidades e desejos de um comando muito feliz, com a continuidade da eficiência que têm imprimido a esta bela unidade.

A todos vós fuzileiros, espelho da Marinha nova, eu quero dedicar o meu último apelo de unidade de firmeza e de confiança nos vossos chefes. Sois vós, a vossa juventude, a vossa firmeza e a vossa coragem o esteio e a garantia de que a Nação prosseguirá sempre e firmemente rumo ao socialismo, pois sois para mim, chefe do Estado-Maior da Armada, a maior garantia de que a Revolução seguirá por bom rumo, rumo ao socialismo, como todos queremos e vós me dissestes em 25 de Abril de 1974».

Depois do almoço, servido nas instalações do Alfeite, o almirante Pinheiro de Azevedo reuniu-se com a SDE da força de fuzileiros, bem como com o GDES, corpo que inclui os respectivos comandantes. O capitão-de-fragata Ribeiro Pacheco, até ontem comandante dos fuzileiros do Alfeite, foi promovido ao comando supremo da organização dos fuzileiros.

DIZ O P.C.P.:

SITUAÇÃO NO NORTE É FACTOR DA SITUAÇÃO POLÍTICA EM GERAL

«A situação militar na Região Militar do Norte é um factor de agravamento da complexidade, da ambiguidade e da instabilidade da situação política em geral.» — Diz a DORN do P. C. P., num comunicado anunciando o adiamento do comício que deveria ter lugar no Porto — e foi adiado para a data a anunciar oportunamente. Na base deste adiamento, segundo o comunicado, a possibilidade de a sessão «abrir o campo a uma monstruosa provocação por parte das forças político-militares mais reacçãoárias».

Ainda a propósito da situação no Norte, onde o P. C. P. tem sido duramente atingido pela violência reacçãoária diz o comunicado que «a exigência, por certos sectores militares, da demissão forçada do brigadeiro Corvacho — um dos

mais destacados homens entre os que construíram o M. F. A. e prepararam e fizeram o 25 de Abril — gera uma situação indefinida e particularmente grave» Refere-se ao norte do País. «É à luz desta situação militar agora patenteada que se devem analisar os acontecimentos de Valença, Famalicão Braga, Santo Tirso, Fafe, etc, e designadamente Ponte de Lima.»

Diz o P. C. P. que, em Ponte de Lima foram rajadas G-3 empunhadas por militares que mataram o militante comunista José da Costa Lima.

DOMINGO EM ÉVORA

Entretanto, e enquanto o comício que deveria realizar-se no Porto é adiado para data próxima, em Évora a Di-

recção da Organização Regional do Alentejo e Algarve anuncia um comício-manifestação para o próximo domingo. «É necessário dizer «não» àqueles que procuram impor ao nosso povo um Governo de direita» — diz a DORAA. A intenção que preside à iniciativa que se anuncia parece, pois ser de pressurar decisões que se tornam urgentes no sentido de que a solução para a crise actual não venha a constituir um reforço das posições de direita ultimamente numa fase ascendente.

A sessão começa pelas 18 horas no Rossio, de S. Brás naquela cidade e aguardam-se as presenças não só de membros destacados da Comissão Política do P. C. P. mas também de militares do Conselho Superior da Revolução.

NORMAS LEGAIS PARA ATENUAR CRISE DE DESEMPREGO

O Ministério do Equipamento Social e Ambiente, tendo em

conta a crise de desemprego que se verifica no País e para contribuir da melhor forma nos esforços que o Governo tem desenvolvido para a sua atenuação, publicou no «Diário do Governo» de ontem o Decreto-Lei 447/75 que instituiu um regime de excepção de modo a permitir a eliminação completa dos possíveis inconvenientes que resultem do cumprimento das formalidades inerentes ao processo de contratação de empreitadas de obras públicas, que obriga, muitas das vezes, a um evidente desfazamento entre a data da decisão da efectivação da obra e o início da sua execução — o que se reflecte sobremaneira no impacto do mer-

cado do desemprego.

O aludido diploma estabelece, por outro lado, normas que visam simplificar as formalidades do mesmo sem prejuízo de outras disposições legais, que apontam para a revisão de fundo a todo o funcionamento dos circuitos administrativos. Contempla, também, entre outros dispostos, a questão de pagamentos combinados e autenticados no acto de adjudicação enquanto não estiverem concluídas as formalidades contratuais conducentes à produção de efeitos financeiros, que serão efectuados a título de adiantamentos garantidos pelos trabalhos executados, independentemente de outros adiantamentos

Casa

Pré-Fabricada

Desmontável, de preferência metálica, com 3 divisões, cozinha e casa de banho. Compra Empresa Pública Águas de Lisboa. Contactar carta ou telefone.

Dois desertores da F.N.L.A. treinados na China, Tunísia e Zaire

Banga Lapas e Félicien Thelfo são dois elementos das forças da FNLA, que desertaram e se encontram numa base do MPLA em Luanda, onde uma jornalista da «Afrique-Asie», Augusta Conchiglia ouviu os seus depoimentos. A história do recrutamento e da deserção destes dois antigos soldados da FNLA são bastante ilustrativas dos métodos a que o movimento de Holden Roberto recorre para angariar carne para canhão e das complicitades internacionais, chinesa inclusive, que a FNLA conta para a sua tentativa de implantação do neocolonialismo em Angola.

NÃO SOU KIKONGO

Banga Lapas conta que está com Holden Roberto há cinco anos e que foi capturado em Luanda pelo MPLA, quando, com um grupo de companheiros, vinha de Nova Lisboa para se juntar aos elementos da FNLA. Como desconheciasse a capital, acabou por se perder e penetrar numa zona controlada pelo MPLA, que o aprisionou. Alguns dias depois quiseram trocá-lo por presos da FNLA, mas ele recusou-se. Decidiu ficar com o MPLA. Porque não quer voltar para a FNLA? Banga Lapas responde: «Primeiro porque não pertencio à etnia Kikongo, a única que conta na FNLA. Depois, porque quando entrei em Nova Lisboa descobri que toda a minha família era do MPLA e me considerava um traidor. Quando me refugiei no Zaire, eu não percebia nada destas coisas.

Porque terá então escolhido a FNLA? O problema reside aí: é que ele nunca escolheu a FNLA. Estando no Zaire com papéis de refugiado angolano, foi capturado durante uma rusga, quando as autoridades decidiram recrutar todos os naturais de Angola para as fileiras da FNLA. Quem o capturou: angolanos ou zairenses? «Zairenses», responde Banga Lapas «a FNLA na altura quase não tinha soldados e eram os zairenses que faziam todo o serviço».

«Que formação política recebeu no exército da FNLA?», pergunta a jornalista. A formação política reduzia-se a dizer que era preciso libertar Angola e que os soldados não devem falar de política, mas sim obedecer às ordens e respeitar a disciplina. Quanto a formação militar, essa era mais cuidada: depois duma passagem pela academia de Cotacoli (onde são treinados os oficiais zairenses), Banga Lapas foi receber treino à China e à Tunísia. Israelistas e zairenses deram-lhe cursos de tática na Academia do Zaire.

A SALA DE TORTURAS

Félicien Thelfo, nomeado comandante pela FNLA participou em 1973 em operações de infiltração a partir das fronteiras do Zaire. Segundo revela, a FNLA não tinha bases em Angola, embora dispusesse de alguns pontos de apoio no mato. Félicien Thelfo trabalhava em Kinshasa quando foi recrutado pela FNLA.

Thelfo nunca fez grandes viagens para receber instrução militar. O seu treino foi obtido durante um ano na base de Kinkuzu no Zaire. Depois, foi enviado para Luanda onde esteve em vários quartéis, tendo chegado a ser guarda-costas do primeiro-ministro Johnny Eduardo. Ultimamente estava na sede da FNLA no bairro de Cazenga.

E foi aí que decidiu abandonar a FNLA: a sala de tortura descoberta precisamente em Cazenga deixou-lhe más recordações. Félicien Thelfo conta os maus tratos que lhe infligiam. Por mais que se esforçasse por ser disciplinado, à mínima coisa encerravam-no num compartimento onde nem água lhe davam. De tal modo, que passou a recear pela sua vida e decidiu fugir.

Mas mais importante que a fuga à tortura terá sido para Félicien a fuga a uma situação psicológica que o condenava a ser um estrangeiro entre outros homens. Isto porque se viu metido numa guerra com a qual nada tinha a ver e, ainda por cima, porque se encontrava a combater do lado errado. Félicien explica: «Não tenho nada a ver com Angola, não sou angolano, nasci no Zaire na região setentrional dos Manianga na fronteira com o Congo. Se me sentia mal na FNLA, pior me senti em Luanda, onde toda a gente — as mulheres inclusive — é do MPLA. E depois a própria FNLA desconfiava de mim. E eu comecei a recear que um dia fingssem abater-me «por engano».

Mas então isso de abater por engano acontece nas fileiras da FNLA? Sim, ainda há pouco tempo na caserna de Cazenga um sargento foi abatido pelas nossas balas. Ninguém sabe ao certo como foi morto. A sua única culpa era não pertencer à etnia Kikongo. Há sempre disputas entre os Kikongo, que são a maioria e os outros».

Mas então como é que Félicien, zairense de nascimento, foi parar à base de Kinkuzu? «O caso passou-se em 1973. Em todo o Zaire havia uma propaganda terrível para mobilizar todos os angolanos ou pessoas de origem angolana. Fui apanhado por uma patrulha do exército zairense à saída dum cinema em Kinshasa. Fui parar

a Kingatoco onde se seleccionavam as pessoas para reabastecer Kikuzu. Procurei em vão explicar ao exército zairense e depois à FNLA que não era angolano. Isso não adiantou nada. Ao fim dum ano de treino fui praticamente deportado para Luanda».

«Há outros zairenses nessas condições?», perguntou por fim a jornalista de «Afrique-Asie».

«Muitos. Cheguei a Luanda sem nunca ter visto bases da FNLA em território angolano e sem ter aprendido o português», respondeu Félicien, acrescentando: «Só podia comunicar com os angolanos que falam lingala».



Holden Roberto, dirigente da F. N. L. A.

Trabalhadores em autogestão contra boicote patronal

A actividade normal da Cortena, empresa metalúrgica de pequenas dimensões, situada em Lisboa, no Largo do Pote de Água, em auto-gestão desde Julho, está a ser objecto de tentativas de boicote económico pela entidade patronal. Os trabalhadores desta casa, têm-se debatido contra a campanha dos patrões junto dos clientes que tentam, por cartas e telefonemas, arrasar financeiramente uma empresa de onde já não tiravam os antigos lucros. Por isso, foi enviada a todos os clientes uma circular dos trabalhadores avisando-os de que todos os pagamentos deverão ser feitos nas instalações da empresa.

De resto, as encomendas continuam a processar-se em ritmo normal, que a continuar permitirá aos assalariados a realização do seu projecto: formar uma cooperativa de produção com preços mais baixos, reparar a maquinaria para abrir novos postos de trabalho e servir as pequenas e médias empresas.

De resto, as encomendas continuam a processar-se em ritmo normal, que a continuar permitirá aos assalariados a realização do seu projecto: formar uma cooperativa de produção com preços mais baixos, reparar a maquinaria para abrir novos postos de trabalho e servir as pequenas e médias empresas.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALO-MECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA

Eleição para os Corpos Gerentes do Sindicato para o período de Outubro de 1975 a 31 de Dezembro de 1977

(Mesa da Assembleia Geral, Direcção e Conselho Fiscal)

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Artigo 76.º dos Estatutos, convoco todos os sócios deste Sindicato, no pleno gozo dos seus direitos sindicais, para a Assembleia Eleitoral a realizar no dia 4 de Outubro.

Informam-se todos os sócios do Sindicato que, de harmonia com o Artigo 87.º dos Estatutos, funcionarão, entre as dez horas e as vinte e duas, Mesas de Voto, nos seguintes locais:

Sede em Lisboa

Calçada de Santos, 3-2.º, Esq. — Lisboa

Delegação de Vila Franca de Xira

Rua Serpa Pinto, 136-2.º — Vila Franca de Xira

Delegação de Torres Vedras

Rua Miguel Bombarda, 23 — Torres Vedras

Delegação de Sacavém

Praça da República, 66-A — Sacavém

Lisboa, 11 de Agosto de 1975.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José António Coelho Pinheiro

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: Av. da República, 27-29 — Telef. 574073 — LISBOA

CONVOCATÓRIA

Ao abrigo do Dec. Lei 215-B/75, faz-se saber que a eleição dos Corpos Gerentes deste Sindicato (Assembleia Eleitoral), se realiza no dia 20 de Setembro de 1975 das 8 horas às 24 horas, na sede deste Sindicato em Lisboa (Avenida da República, 29) e ainda nas Delegações de: Torres Vedras (Rua Tenente Valadim, 57), Vila Franca de Xira (Rua Serpa Pinto, 136-2.º) e Amadora (Av. General Humberto Delgado, ex-Av. Marechal Carmona, lote H).

Lisboa, 19 de Agosto de 1975.

Pela Comissão Directiva
Artur Manuel Mendonça Rodrigues

Nacional

EM ASSEMBLEIA GERAL POUCO CONCORRIDA

Jornalistas contra a "Lei Jesuino"

A Assembleia Geral do Sindicato dos Jornalistas ocupou-se ontem do chamado «projecto Jesuino». As escassas dezenas de jornalistas que compareceram na Casa da Imprensa para a sessão convocada dois dias antes tratou ainda do caso dos 30 jornalistas recentemente suspensos do «Diário de Notícias» por decisão tomada em plenário de trabalhadores da Empresa Nacional de Publicidade. Foram ainda objecto de moções votadas algumas questões de mais premente interesse para a classe, um decreto-lei do Ministério do Trabalho e a decisão governamental de declarar a Imprensa nacionalizada sector em crise.

PROJECTO EM QUESTÃO

Jornalistas do Porto já se haviam pronunciado dois dias antes sobre o chamado «projecto Jesuino», numa assembleia geral realizada naquela cidade, e não muito concorrida, conforme se pode ver pelos números referentes à votação: 14 votos contra 1, aprovada uma moção condenando firmemente o referido projecto. Ontem, na Casa da Imprensa em Lisboa, uma moção levada à mesa pela direcção do Sindicato mereceu 33 votos a favor, 3 contra e 9 abstenções.

A moção repudia «categorica e energicamente» o documento em questão e refere-se ainda à 5.ª Divisão do E.M.G.F.A. em termos extremamente críticos.

Pede-se («exigir») o saneamento de Correia Jesuino do Ministério da Comunicação Social, e aplaude-se as redacções das publicações que se pronunciaram negativamente quanto ao projecto de lei — ao mesmo tempo que se condenam as publicações que, sobre o assunto, silenciaram.

Outra moção afóra esta, «repudia» igualmente o documento Jesuino, «ou outro qualquer que se lhe assemelhe» e propõe-se lutar contra ele por todos os meios, ao mesmo tempo que formula um apelo à «solidariedade activa e militante de todos os trabalhadores portugueses na luta a travar contra a sua aplicação prática» (a aplicação prática do documento em causa). A moção mereceu 36 votos a favor, 6 contra e 13 abstenções.

O CASO DOS «30»

Tratado o caso dos 30 elementos da Redacção do «Diário de Notícias», foi aprovada uma moção de apoio à luta travada por aqueles jornalistas recentemente suspensos em plenário de trabalhadores. Da moção aprovada (30 votos contra 12 e 5 abstenções): «Apoiar a luta dos trabalhadores do «D.N.» contra o controlo social-fascista; demarcar claramente a luta antifascista e anti-social-fascista dos trabalhadores do «D.N.» da acção dos fascistas que querem pescar nas águas turvas do descontentamento popular e, em

particular, do combate dos trabalhadores do «D.N.» pela liberdade e pela democracia; exortar os trabalhadores portugueses à solidariedade com os trabalhadores do «D.N.» etc. A moção exige o levantamento da suspensão decidida em plenário de trabalhadores da E.N.P., sem prejuízo do inquérito a todos os fascistas e a Luís de Barros e Mário Ventura Henriques, acusados, nomeadamente, de estarem ao serviço de interesses partidários.

«SECTOR EM CRISE»

A assembleia debruçou-se ainda sobre outros assuntos, dois, designadamente: a declaração de «sector em crise» aplicada à Imprensa diária nacionalizada por decisão recente do Conselho de Ministros, e um decreto-lei emanado do Ministério do Trabalho que revê o regime legal de despedimentos.

De três moções apresentadas sobre o primeiro destes pontos, a mais votada (33 votos a favor, 3 contra e 9 abstenções) decide que «os trabalhadores analisem o problema e proponham soluções em plenário de trabalhadores em cada empresa; que estas soluções e análises convirjam num plenário de trabalhadores da Informação, que decidirá sobre a matéria que deverá ser adoptada pelos organismos oficiais; que nenhuma solução vinda dos organismos oficiais nas costas dos trabalhadores seja aceite, sendo a sua palavra fundamental para a resolução dos problemas».

O decreto-lei do M.T. acima referido foi objecto de acesas críticas. Na generalidade das críticas formuladas, considerou-se que a legislação lesa o direito ao trabalho e à segurança no emprego. Um orador mais atento chamou a atenção para o facto de no citado decreto

to-lei haver cláusulas que já eram de um decreto de 69 do Governo de Marcelo. Uma proposta de Miguel Serras Pereira foi aprovada por larga margem de votos a favor. A moção considera os inconvenientes do decreto em questão e propõe: «A assembleia geral decreta o início de uma campanha de Imprensa pela imediata revogação deste decreto de sobre exploração; decide a criação de uma comissão sindical de jornalistas que garanta a execução do ponto anterior; apela para a rápida realização de plenários em todos os locais de trabalho; recomenda à direcção que promova contactos com outras organizações sindicais e de classe para discussão e avanço de formas de luta a adoptar; estabelece que, dentro de um prazo de oito dias, se realize nova assembleia geral para análise da situação e novas medidas a tomar».

De registar ainda que uma afirmação de Vasco Gonçalves feita na segunda-feira em Almada foi, além de vivamente criticada, objecto de uma moção. Dissera o Primeiro-Ministro que «foi um erro grave não entregar a Rádio Renascença ao Patriarcado». A moção que condena as palavras do chefe do Governo foi aprovada por uma margem escassa de votos, em todo o caso deve registar-se: dos seus termos consta uma declaração dirigida a Vasco Gonçalves lembrando-lhe que «não foi o Governo a que preside ou, de algum modo, o Poder, quem decidiu sobre a entrega ou não da Rádio Renascença, mas sim a determinação dos trabalhadores daquela estação emissora apoiados pela luta popular e o povo trabalhador em geral souberam travar nas ruas impedindo que a entrega da emissora à hierarquia da Igreja de consumasse».

ENCONTRO M.P.L.A./U.N.I.T.A.

Continuação da pág. 1

caixotes de refugiados que desembarcam em Lisboa contêm armas. O facto causa inquietação, até porque tem sido denunciado por diversas vezes que conhecidos reaccionários angolanos têm transferido as suas actividades políticas para Lisboa, onde têm sido detectados a percorrer ministérios.

Sobre a situação militar na zona de Luanda, ontem não sofreu grandes alterações, mas há pelo menos a registar alguns incidentes originados pela presença de forças de fuzileiros em serviço de segurança ao porto de Luanda.

Agora o M.P.L.A., controlando Luanda, resolveu que era altura de pôr em funcionamento aquele sector de vital importância para as actividades comerciais e industriais de Angola. Para tal foi obrigado a tomar medidas severas contra agitadores infiltrados que originavam a interrupção das greves. Os incidentes de ontem deram origem a uma nova taralagem do porto, mas, depois da intervenção da Comissão de Trabalhadores e contactos com o Ministério das Comunicações foi possível solver o incidente limitando zonas de vigilância para as forças em presença e pondo fim à militarização do porto que tinha sido decretado há mais de três meses sem resultados práticos.

Num ponto de situação da responsabilidade das F.A.P.L.A. afirma-se que no Caxi-

to a situação se mantém sem alterações em relação a ontem. Recordamos que a F.N.L.A. tinha avançado até perto de Qui-fangondo mas, aqui, numa tomada de forças das F.A.P.L.A. recuaram cerca de 15 quilómetros. No Lobito, segundo a mesma fonte, a cidade voltou à normalidade e ao trabalho, dado que as condições de segurança foram restabelecidas pelas F.A.P.L.A. «No extremo Sul do país — diz-se no comunicado — na provincia do Cunene continua a verificar-se grande concentração de efectivos de material sul-africano junto à nossa fronteira».

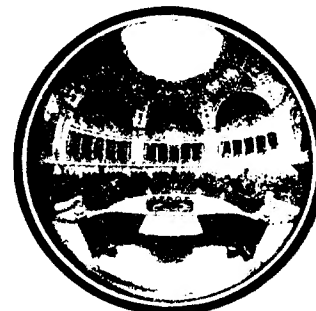
Segundo a Comissão Coordenadora do Movimento das Forças Armadas, em contacto com a 5.ª Divisão do E.M.G.F.A., a situação em Angola até às 19 horas de ontem era a seguinte:

Durante o dia as comunicações com o exterior foram bastante escassas pelo que pouco mais há a dizer quanto ao ponto da situação.

Luanda e Caxito a situação militar mantém-se de alteração. Lobito a noite de ontem foi calma e a vida tende a voltar à normalidade.

Salazar a situação mantém-se estável na cidade. Segundo informação recebida às 16 horas e 20 minutos, a zona de confronto situava-se entre Banda e Cacusio.

Luso os civis que se encontravam no Cuxo aguardando evacuação começaram a ser evacuados por via aérea.



ASSEMBLEIA CONSTITUINTE

AS MULHERES E A LIBERDADE

Cento e um deputados constituintes votaram ontem contra um aditamento ao artigo 2 dos Direitos e Deveres Fundamentais que defendia terem as mulheres «direitos e deveres iguais aos homens, não podendo ser, por esse motivo, objecto de discriminação em qualquer esfera da vida económica, cultural e política». Apenas 33 deputados votaram a favor.

Igual votação teve o n.º 2 do aditamento que entendia que «a base de igualdade de direitos e deveres é a igualdade do direito ao trabalho e a igualdade de salário para trabalho igual».

Nas várias intervenções contra ou a favor do aditamento, o operário metalúrgico Jerónimo de Sousa (P.C.P.) recomendou aos restantes deputados que fossem às fábricas a ver a discriminação que atinge as mulheres. «venham ver nas fábricas: as mulheres continuam a ser exploradas depois do 25 de Abril».

Entretanto, por proposta de um representante do P.P.D., a Assembleia vai pedir ao general Costa Gomes mais 90 dias para a continuação dos trabalhos. Vital Moreira ainda recordou aos restantes colegas a conveniência em se perder menos tempo com as discussões antes da ordem do dia. Não adiantou. Os deputados da maioria gostam demasiado daquele período...

Entretanto um outro aditamento ao artigo n.º 2, também proposto pelo grupo parlamentar do P.C.P., acabaria por ser aprovado. O aditamento vem logo a seguir à frase «Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei», acrescentando-lhe que «ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado ou privado de qualquer direito, ou isento de qualquer dever, em razão do sexo, ascendência, raça,

língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social».

AINDA A LIBERDADE

António Macedo (P.S.) fez um violento ataque ao Governo na linha aliás de outros que neles vêm insistindo, cada vez mais. Razões de ataques tão sistemáticos? Recordemos a intervenção, anteontem, de Moura Guedes, do P.P.D., que concluiria a sua longa intervenção deste modo: se deixarmos a este Governo sem alicerces o tempo suficiente para os construir então quando nos dermos conta, vê-lo-emos transformado num bastião inexpugnável, enconstruído-inex, convertido, porventura, nessa tal muralha de aço de que fala a cantiga».

Assim se entendem as conspirações, movimentos nocturnos, documentos, alianças, encontros, etc. A imprensa é grande em desfazer a muralha de aço. A direita comanda. Porquê?

Aí vai também a citação de Lenine feita anteontem também, por Manuel Gushima (P.C.P.) a propósito do exercício das liberdades:

«A burguesia, quando era revolucionária, tanto em Inglaterra em 1649, como em França em 1793, não concedeu a liberdade de reunião nem aos monárquicos nem aos nobres que faziam apelo às tropas estrangeiras e se reuniam para organizar as tentativas de restauração. Se a burguesia contemporânea, tornou reacção há muito tempo, exige ao proletariado que garanta, antecipadamente, apesar de toda a resistência dos capitalistas à sua expropriação, a liberdade de reunião para os exploradores, os operários só poderiam rir-se da hipocrisia da burguesia».

Vai encerrar o Sanatório Marítimo do Norte?

PORTO, 21 — O Sanatório Marítimo do Norte, fundado em 1917 e situado junto ao mar, em Francelos, Gaia, corre o risco de encerrar, devido à difícil situação em que se encontra, pondo em perigo o emprego de três dezenas de trabalhadores e a sorte de 70 doentes. Na carta que o director clínico enviou à Direcção-Geral de Assistência Social, sublinha-se que se não for encontrada uma solução até ao próximo dia 5 de Setembro «a situação mudará para um plano de realidade».

Sabe-se, com efeito, que naquele sanatório está em situação desesperada. Cada doente paga apenas 70\$00 diários e, mercê de tal situação, os ordenados do pessoal são inferiores ao salário mínimo: o pessoal de enfermagem ganha entre 2900\$00 e 3200\$00; uma empregada de se-

cretaria recebe 2200\$00; e o restante pessoal 1130-00.

Sabe-se igualmente que o pessoal, posta a hipótese de encerramento, está disposto a não retirar, nem abandonar os doentes, pelo menos os que estão de cama.

Nova editora

O escritor Serafim Ferreira acaba de criar a FIAL Fronteira, que se anuncia progressista e disposta a apoiar as linhas de força da Revolução Portuguesa em curso.

No plano imediato das suas iniciativas, a nova editora publicou já o Livro Verde da Revolução, constituído unicamente por citações de Vasco Gonçalves.

SINDICATO DOS OPERÁRIOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SETÚBAL COMUNICADO

Os Operários Metalúrgicos do Distrito de Setúbal, apoiados pela Direcção do seu Sindicato, manifestam o seu repúdio pela escalada reaccionária que assola parte do País, escalada essa que fortemente anoiada no clero e caciques locais, aos quais se juntam outros de regiões diferentes, que se servem, impunemente, de todos os meios ao seu alcance para reconquistarem as posições de privilégio perdidas após o 25 de Abril.

Os assaltos aos Sindicatos, às União Sindicais, sedes de Partidos Progressistas, etc., etc.; as ofensas físicas e morais nas pessoas que ao longo de toda a sua vida deram o melhor do seu esforço na defesa dos interesses das classes trabalhadoras, são testemunhos reais das intenções desses senhores que perante a atitude passiva das forças da ordem se têm servido das pessoas menos esclarecidas dos locais onde ditaram (e continuam a ditar) leis, com a firme disposição de destruir o processo revolucionário em curso, tão do seu desagrado.

Os operários Metalúrgicos do Distrito de Setúbal, e todos os operários conscientes deste País sabem que não são os seus companheiros os autores destes atentados selváticos às sedes de Organismos e partidos que os defendem; sabem, também, que os companheiros são incapazes de ferir a dignidade daqueles que se têm imposto à exploração do homem pelo homem e sabem, finalmente, que não são os trabalhadores que estão interessados na destruição de um processo que os libertará do jugo opressor a que têm estado submetidos.

Os Metalúrgicos do Distrito de Setúbal, atentos à escalada reaccionária e aos caciques que a manobram, exigem que sejam tomadas medidas enérgicas que se imponham, castigando severamente os seus participantes e mentores, e afirmam a sua disposição de responderem à força com a força se por qualquer motivo o seu património for ameaçado.

VIVA A REVOLUÇÃO PORTUGUESA
VIVA A ALIANÇA POVO-M.F.A
VIVA FRENTES CONTRA A REACÇÃO
EM FRENTE PELO SOCIALISMO

A DIRECÇÃO

GRANDE INCÊNDIO NA BAIXA DO PORTO — 13 feridos

PORTO, 21 — A meio da tarde de ontem, um grande incêndio destruiu completamente o prédio em que se encontrava a sede da firma proprietária da Casa Coelho, as instalações do Boletim do Contribuinte e os escritórios do advogado Peixoto e Sousa e do solicitador Fernando de Sousa. Situado na Rua Sá da Bandeira, em pleno coração da cidade, este prédio, a que corresponde o número 126 dessa rua, fica ao lado do edifício em que se encontram as instalações da Farmácia Estácio e junto a um stand de automóveis e ao velho Teatro Sá da Bandeira. A proximidade destes estabelecimentos e, sobretudo, de um teatro antigo, justifica plenamente a apreensão do público que logo se juntou no local tanto mais que soprava um vento fortíssimo.

A ORIGEM DO INCÊNDIO

Tudo leva a crer que o incêndio tenha sido causado por um curto-circuito provocado por um empregado da Casa Coelho ao ligar o quadro eléctrico, depois do intervalo do almoço pouco antes da reabertura do estabelecimento. A Casa Coelho, propriedade da firma Carlos Sousa, Morais e C.ª Lda. é especializada na venda de artigos de menage e, sobretudo, de armas de caça e de munições, presumindo-se que o curto-circuito tenha incendiado um caixote de pólvora ou resíduos de pólvora que se encontrassem junto ao quadro. O certo é que as labaredas romperam imediatamente e que o

incêndio se propagou também rapidamente, a todo o edifício. Chamados imediatamente, os bombeiros travaram uma luta que durou 4 horas em circunstâncias particularmente difíceis dada a natureza dos materiais armazenados na Casa Coelho e o perigo de que o vento fizesse alastrar o incêndio aos prédios vizinhos. As instalações da Farmácia Estácio, por exemplo, sofreram prejuízos consideráveis causados pela água.

A EXPLOÇÃO DE CARTUCHOS

Por volta das 17 horas as pessoas que se encontravam nas imediações do edifício tiveram a impressão de estar a assistir a uma autêntica batalha por estarem a explodir caixotes de munições dando a impressão de que a Rua Sá da Bandeira era cenário de um violento tiroteio. Numa demonstração de inconsciência francamente criticável, a multidão chegou a meia dúzia de metros do edifício em chamas, dificultando o trabalho dos bombeiros e aumentando o risco do incêndio se transformar numa tragédia de maior amplitude. Para evitar que a situação se agravasse a P. S. P. e a P. M. enviaram forças para o local, mas estas nunca controlaram os curiosos que continuaram a dificultar o trabalho dos bombeiros.

URGE REEQUIPAR OS BOMBEIROS

Atendendo ao clima que gerou no local e ao evidente ner-

vosismo de muitos dos presentes, não espanta que tenham surgido acusações infundadas e que certas deficiências tenham sido atribuídas, ainda que injustamente, à inoperância dos bombeiros. Um empregado da Casa Coelho, e alguns curiosos, por exemplo, acusaram-nos de terem contribuído para o alastramento do incêndio por não terem pedido imediatamente reforços. É certo que levou mais tempo do que seria desejável até que uma segunda leva de bombeiros chegasse ao local, mas é igualmente certo que os bombeiros voluntários, sempre prontos a arriscar a vida numa luta humanitária que não tem fim, lutam com grandes dificuldades nomeadamente no que se refere a material. Não temos material, afirmaram-nos ontem alguns dos bombeiros empenhados no combate ao incêndio, depois de afirmarem que se encontra em Beirões muito material militar já não utilizável pelo Exército, que poderia ser utilizado pelas diversas corporações de bombeiros do país.

No que se refere a este caso concreto, e mesmo admitindo que tenha havido, inicialmente uma certa inoperância causada pela falta de material a que nos referimos, não há dúvida de que os bombeiros se empenharam sem restrições no combate ao incêndio impedindo que o mesmo assumisse proporções que bem poderiam ter sido trágicas.

13 FERIDOS LIGEIROS

Foram tratados no Hospital



de Santo António, e na Casa de Saúde da Boavista, desta cidade, 13 pessoas que sofreram ferimentos ligeiros, não tendo sido hospitalizada nenhuma delas. Alberto de Sousa Vaz

Pinto bombeiro municipal; Koaquim Domingos Pinto, Constantino Alves Paiva da Silva, António Teixeira, Jorge Couto da Silva, Jaime Joaquim Soares Vilela, Alfredo Ferreira, Joa-

quim Oliveira, Moreira, Sérgio Ferreira da Silva, José Manuel Moutinho Teixeira, António de Sousa Teixeira, Henrique Augusto Cabral de Melo e Ivo Teixeira Correia.

INCÊNDIO NA SEDE DO M.D.P. NO PORTO

INOPERANCIA DE FORÇAS E PASSIVIDADE DE BOMBEIROS

PORTO, 21 — A comissão distrital do Porto do Movimento Democrático Português (M.D.P./C.D.E.) distribuiu ontem um comunicado, subordinado ao título «A reacção continua a sua escalada — mais uma sede do M.D.P./C.D.E. destruída».

O documento refere o assalto à sede daquele partido, na madrugada de ontem e, a dada altura, salienta «A aludida sede do M.D.P./C.D.E. fica a cerca de 50 metros da 17.ª esquadra da Polícia de Segurança Pública, que, por isso, imediatamente, fez deslocar 9 agentes numa carrinha, os quais se limitaram a assistir de braços cruzados ao saque dos referidos bandedeiros, entendendo mesmo que a sua actuação, de absoluta passividade, devia ainda ser sublinhada com sorrisos».

Os bombeiros, que acorrem a combater o incêndio, de forma a que tudo pudesse arder até ao fim, depois de aceitarem que os incendiários fascistas se opusessem à sua intervenção.

A Polícia militar do Porto apareceu para observar as cinzas a que ficou reduzido o recheio, tendo-se limitado a prender um assaltante retardatário, que desprevenidamente se deixou ficar dentro da sede destruída.

O comunicado, depois de adiantar que o grupo de incendiários fascistas era inte-

grado por elementos do P.S., P.P.D. e C.D.S., e por alguns retornados de Angola, afirma que testemunhas oculares identificaram os luxuosos carros em que se transportavam estes criminosos de direito comum, e que os mesmos tiveram a desfaçatez de se dirigir ao Quartel-General para pedir a liberdade do seu cúmplice preso.

A ACTUAÇÃO DA P.S.P.

A comissão coordenadora do Porto do Movimento Democrático da Juventude (M.D.J.), também num comunicado que distribuiu a propósito do mesmo assalto àquela sede refere que foi mais um acto praticado contra as liberdades democráticas e mais um golpe desesperado de uma minoria burguesa e reacçãoária, que procura a todo o custo manter os seus privilégios de exploração em que tem mantido o povo português.

Depois de lamentar a inoperância das forças da P.S.P. que assistiram, impávida e serenamente à criminosa acção destes conhecidos exploradores do povo, o comunicado acrescenta que o M.D.J. exige uma resposta disciplinar à actuação extremamente passiva da P.S.P., cuja esquadra se encontra em frente à sede do M.D.P./C.D.E. assaltada e incendiada.

MELHORAMENTOS EM JOVIM

Depois de uma reunião na Junta de Freguesia de Jovim Gondomar que teve diálogo aberto e franco — e no decorrer da qual foram analisados diversos problemas daquela populosa freguesia, com desta-

ESCLARECIMENTO DO P.C.P. SOBRE REUNIÕES NO NORTE

PORTO, 21 — Com pedido de publicação, recebemos da D.O.R.N. do P.C.P., nesta cidade, o seguinte esclarecimento:

«Alguns órgãos de Informação publicaram com um relevo desproporcionado informações falsas e de carácter especulativo, sobre reuniões realizadas pela D.O.R.N. do P.C.P. na noite do dia 19, em vários centros de trabalho da região do Porto.

Essas reuniões tiveram como objectivo expor às organizações do P.C.P. os motivos que estiveram na base do adiamento do comício previsto para essa noite, motivos aliás tornados públicos através de um comunicado de Imprensa.

Alguns órgãos de Informação afirmam ainda que nessas reuniões teria sido apresentada a perspectiva de o partido passar a actuar na clandestinidade no Norte. Trata-se de uma informação completamente falsa e de

que para os que se referem ao abastecimento da água, saúde, habitação e vias de acesso — os presidentes e vice-presidentes da Câmara de Gondomar e da Junta de Freguesia e das comissões de moradores, visitaram alguns dos melhoramentos já concretizados na freguesia.

carácter meramente especulativo.

A D.O.R.N. do P.C.P. está consciente dos perigos que ameaçam as liberdades democráticas e todas as conquistas que o nosso país alcançou após o 25 de Abril. É um facto que em algumas localidades do País o exercício das liberdades e a ordem pública democrática foram afectadas pela acção terrorista de grupos fascistas. Todavia, a D.O.R.N. do P.C.P. considera que existem no nosso país forças capazes de eliminar esses perigos e assegurar a defesa das liberdades e das conquistas da Revolução. Pela sua parte, a D.O.R.N. do P.C.P. está empenhada na intensificação da acção política de massas, de carácter amplo e aberto, de modo a levar ao maior número de portugueses um correcto esclarecimento da situação política actual e reforçar a unidade, a organização e a vigilância das massas populares em defesa da revolução.»

MILITANTE COMUNISTA ESPANCADO

BARCELONOS, 21 — Foi barbaramente agredido por um grupo de provocadores o jovem militante comunista Delfim Oliveira que se encontrava no café Lai-lai desta cidade quando um grupo de agitadores notórios da região entrou no café julgando-se que deliberadamente para

esse efeito. O jovem militante do P.C.P. recolheu a casa depois de receber tratamento hospitalar. De acordo com um comunicado da Comissão Concelhia do P.C.P. de Barcelos, os agressores de Delfim Oliveira foram Henrique Lopes Pereira e Padre Manuel.

GRANADA NUMA FARMÁCIA DE FAMALICÃO

VILA NOVA DE FAMALICÃO, 21 — Uma granada lançada de um automóvel deflagrou esta madrugada junto à farmácia de Amadeu Augusto Rodrigues — militante proeminente do C.D.S. — destruindo inte-

ramente as montras do estabelecimento e causando prejuízos avaliados em dezenas de contos. Não possível identificar os indivíduos que lançaram a granada nem houve, até ao momento, prisões relacionadas com o caso.

O FUNERAL DO MILITANTE DO P.C.P.

PONTE DE LIMA, 21 — Decorreu sem incidentes o funeral de José da Costa Lima que morreu, como noticiámos, no decorrer do assalto ao Centro de Trabalho do P.C.P. no Passado de Oeiras que se encontrava na sua terra natal em gozo de férias, encontrou a morte.

soas que acompanharam o féretro do hospital ao cemitério da vila passando em frente do Centro de Trabalho do P.C.P. onde o jovem operário da Fundação de Oeiras que se encontrava na sua terra natal em gozo de férias, encontrou a morte.

TRÊS MORTOS NUM ACIDENTE

PORTO, 21 — Por volta das 17 e 30 de ontem, um automóvel conduzido pelo estudante Rafael António Manique Braga embateu uma árvore, na estrada interior da circunvalação, tendo morrido imediatamente 3 das cinco pessoas transportadas: Francisco Maria Montarrio Martins da Rocha, Maria Cristina Matos Brasil e Ma-

ria Eduarda Junqueira Furriel. O condutor e Maria Filomena Falcão Moreira foram transportados para o Hospital de S. João onde ficaram internados. De acordo com informações obtidas ao fim da manhã, um e outro experimentaram melhoras durante a noite encontrando-se, presentemente, livres de perigo.

Nacional

CONFERÊNCIA DE IMPRENSA DO P.C.P.

M.F.A. : SER OU NÃO SER EIS A QUESTÃO

A culminar um dia intensamente político, desde a manifestação unitária de trabalhadores em apoio ao documento de oficiais do Copcon, aos discursos de Costa Gomes e Vasco Gonçalves não condizentes e nem sequer complementares, Álvaro Cunhal concedeu ontem, a partir das 22 e 30, uma conferência de imprensa a uma boa centena de jornalistas, nacionais e estrangeiros, que se apinhavam na sala José Elias Coelho do Centro de Trabalho de Alcântara.

Sob o título genérico de «Declaração do P.C.P. sobre a crise política actual», Álvaro Cunhal haveria de expor o pensamento do partido de que o secretário-geral, subtitulado em cinco pontos, a saber: a crise política; a questão do M.F.A.; a questão do Governo; os documentos de grupos militares para superar a crise.

Declaração que Cunhal considerou ser «um documento demasiado grande sobretudo para uma sala tão pequena», a análise política do P.C.P. não veio trazer surpresas, mudanças «tout-court» tácticas, insistindo, no entanto, as palavras na necessidade de combater o perigo real da dissolução do M.F.A. como força progressista e vanguarda da revolução, ao mesmo tempo que abria para uma proposta de aliança com outras forças políticas sob o signo de frente popular, democrática e socialista. Não só, observe-se, anti-fascista.

No período da pergunta escrita e da resposta ao vivo, Cunhal de pé, bem como Aboim Inglês e Sérgio Vilarigues que o ladeavam, fazia referências claras a um possível acordo com militares moderados. «Ipsis verbis»: «Desde o 25 de Abril que nós cooperamos perfeitamente com oficiais moderados. Por vezes, muito bem. Nós somos dispostos a cooperar com oficiais moderados». Ficou, no entanto, no ar que espécie de oficiais moderados, se os autores do documento dos nove que o P.C.P. considera um documento das direitas, se outros oficiais constantes das Forças Armadas.

A somar a esta disponibilidade, Cunhal acentuou ainda o propósito de o P.C.P. não responder, segundo a lei de Talião, aos assaltos que têm sido levados a cabo contra a suas sedes e que atingiram já a meia centena.

«Nós não estamos para retaliações — sossegou Cunhal. No entanto, é bom de ver que se os comunistas quisessem entrar em retaliações, em 24 horas eles podiam destruir a mesma quantidade de sedes que bandos fascistas destruíram em 24 dias». Mais «Se os comunistas fizessem a caça aos reaccionários como eles fazem haveria regiões inteiras onde não estaria nenhum reaccionário». E Cunhal reafirmou: «Mas nós não queremos uma política de retaliação. Nós queremos que seja respeitada a ordem democrática. Que seja a autoridade a assegurar o exercício das liberdades democráticas. Não responderemos ao terror branco com o terror vermelho». Salientou contudo que uma coisa é a retaliação, outra é a autodefesa.

OS FUNDAMENTOS DA CRISE

«Perigosamente» é o adjectivo que o secretário-geral utilizou para definir a crise política que se agrava dia a dia. Consequência do facto, «encontram-se seriamente abalados o funcionamento e a capacidade resolutive e operativa dos órgãos do poder M.F.A. e Governo». Forças que têm estado com o processo dividem-se, fragmentam-se e opõem-se entre si.

Por outro lado, e no cume da crise, o M.F.A. está enfraquecido, e a sua própria existência corre perigo.

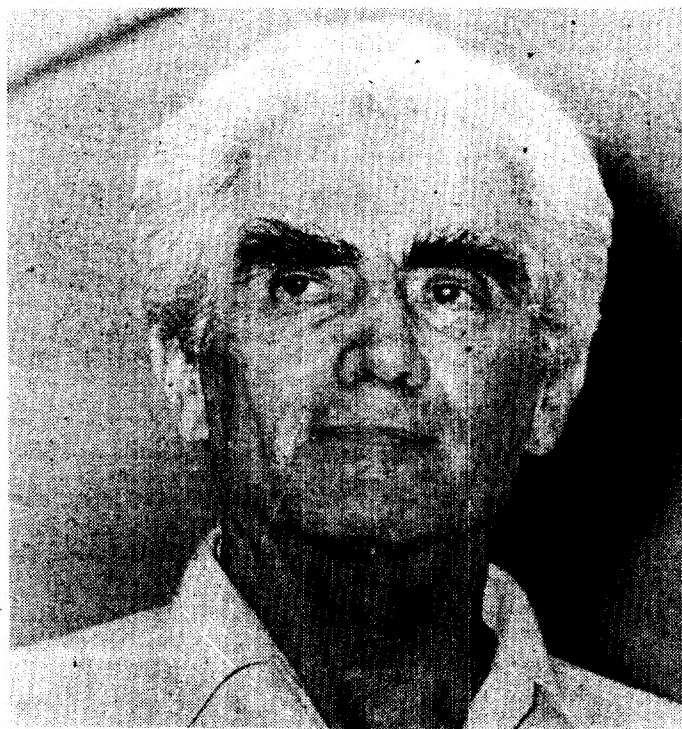
A «actividade divisionista da direcção do P.S.» feriu o movimento popular e democrático. Essa mesma Direcção alia-se à reacção interna e ao imperialismo estrangeiro na luta contra as forças revolucionárias e progressistas. A somar, corre risco de agravar-se a situação económica. Aprofundam-se as dificuldades sociais.

Constata-se que nas Forças Armadas ganham terreno elementos reaccionários e conservadores. No processo de descolonização, aumentam as dificuldades em Angola e Timor.

Os dados da crise estão lançados.

A CONTRA-REVOLUÇÃO SAIU A RUA

Na linha do exposto e como resultado dos elementos críticos da actual situação que não podemos minimizar, a contra-revolução já está na rua.



E Cunhal exemplifica com a acção dos dirigentes do P.S. e de sectores militares conservadores, através de uma campanha e apelos anticomunistas.

A talho de foice, lembra Cunhal que nos Açores e em numerosas localidades, enquadrados em organizações clandestinas e comandos móveis nuns casos, ou em partidos legais como o P.P.D. e o C.D.S. noutros casos, bandos fascistas ante a condescendência e passividade das autoridades, assaltam, saqueiam, incendiam centros de trabalho de partidos e sindicatos, fazem a caça ao homem, impedem o exercício das liberdades democráticas, destroem bens privados de cidadãos, instauram praticamente um poder local reaccionário, que aterroriza, domina e coage as populações.

M.F.A. ATÉ AO FUNDO

O M.F.A. está «enfraquecido por contradições e divergências internas — reconhece Álvaro Cunhal. Tal, pode conduzir a uma ruptura definitiva entre os sectores que desempenharam importante papel na revolução e no processo subsequente. Assim, e nas circunstâncias actuais, essa «ruptura poderia representar não uma forma de superar as contradições, mas o agravamento de tensões políticas e ideológicas que, passando-se entre militares, têm a tendência a trasladar-se do campo da força das ideias para o campo da força das armas».

O apoio de certos sectores da direita a numerosos elementos conservadores ainda existentes nas Forças Armadas bem como em alguns grupos esquerdistas pseudo-revolucionários tende a procurar diluir a vanguarda revolucionária numa massa conservadora das Forças Armadas. E isto, com um democratismo conservador e saneamentos à esquerda.

Desta situação — conclui o secretário-geral do P.C.P. — resulta o real perigo do desaparecimento do M.F.A. como movimento progressista e vanguarda revolucionária e o consecutivo predomínio nas Forças Armadas de sectores conservadores de oficiais do quadro estranhos e opostos ao M.F.A.

Sublinhando a necessidade da continuação do M.F.A. como movimento progressista, Cunhal avança a necessidade

de negociação e entendimento das facções divergentes do M.F.A. As palavras de Cunhal assim o fazem entender quando diz «Nas condições actuais, por todos os elementos conhecidos publicamente, o reforço e a própria existência do M.F.A. dependem, não da hegemonia de um dos seus sectores, mas de um esforço sério, responsável e imediato no sentido da negociação e do entendimento de todos os revolucionários na base de uma plataforma que mantenha o M.F.A. como força progressista e como vanguarda revolucionária».

V.G.P.: «NADA É ETERNO NO MUNDO»

O Governo que está, está bem. Pode ser por muito tempo, por pouco tempo, mas está bem. E Cunhal acentua «Nada é eterno no Mundo». A

constituição do novo Governo — diria o secretário-geral do P.C.P. — não resolveu todo o problema do poder. Sem um empenhamento ou apoio directo do M.F.A., das principais estruturas militares e das massas populares não é viável qualquer Governo na actual situação. No entanto, há quem queira resolver o problema do Governo independentemente da crise. É um caminho que nós consideramos muito perigoso.

E acrescentaria «Apoiando o actual Governo e o seu Primeiro-Ministro, manifestando o alto apreço pela sua actividade e defendendo que, com o máximo de autoridade, se deve manter em funções, o P.C.P., pela sua parte, está aberto a participar na busca de soluções para superar a crise, reforçar a cooperação das forças revolucionárias, reestruturar o poder político e, eventualmente, o Governo».

A BATALHA DOS DOCUMENTOS

Em referência ao documento dos nove, considera o P.C.P. que pelas críticas negativas e destrutivas que contém e por considerar incompatíveis e irreconciliáveis as tendências políticas existentes no M.F.A., contribuiu para agravar e cristalizar divisões existentes e para complicar a solução da crise.

Quanto ao documento dos oficiais do Copcon, embora desenvolvendo em relação à revolução portuguesa uma crítica igualmente unilateral, teve o mérito de contrapor à orientação de direita constante no documento dos nove ideais programáticos de sectores revolucionários.

Enquanto no primeiro documento se constata a negação de aspectos essenciais do processo revolucionário, o segundo também merece objecções por uma análise unilateral e destrutiva do processo revolucionário bem como por medidas programáticas que, embora em grande parte justas na sua formação intemporal, se tornam irrealistas.

SAÍDA PARA O IMPASSE

Lembrando que «as alianças com a reacção contra forças progressistas, podem ser fatais, não só para quem quer que actue com tais critérios, mas também para as liberdades e para o processo revolucionário», Cunhal defende ser necessário o pronto estreitamento da cooperação e a decidida acção comum entre partidos e outras forças e elementos revolucionários populares e militares — base indispensável da formação de uma ampla frente social e política interessada na revolução e pronta a defendê-la e a continuá-la.

Em suma «A crise poderá ser superada, não comestímulo ou tolerância para com as forças contra-revolucionárias, não com uma viragem à direita e anulação das conquistas revolucionárias já alcançadas mas através do firme combate à contra-revolução, da intransigente defesa da ordem democrática e das liberdades, da consolidação das medidas revolucionárias como as nacionalizações e a reforma agrária, da construção de um regime caracterizado por amplas liberdades e por profundas transformações económicas e sociais abrindo o caminho para o socialismo».

BISSAU — Decorreram em Bissau os exames liceais e o ano escolar está prestes a chegar ao fim. Os professores portugueses que aqui trabalharam durante o ano, cerca de seis dezenas, vão progressivamente regressando a Portugal, à medida que terminam os seus compromissos. Em 31 de Agosto todos ficam livres para gozar férias.

A maior parte deles não regressará a este país; outros deverão tomar o seu lugar, vindo a esta terra de Amílcar Cabral, lá para Novembro, encetar lado a lado com a juventude da Guiné-Bissau, um ano mais de caminhada rumo ao futuro.

Entretanto, muitos jovens vão também ficando das aulas (como em Portugal, têm exames o último ano do ciclo, o quinto e o sétimo) e seguem para o campo para se integrarem numa das mais interessantes actividades que vi organizadas aqui na Guiné: os Campos Agropolíticos. De momento funcionam três: em Bolama, com 300 jovens, em Quinhamel (uma praia da ilha de Bissau), com 120, e em Bafatá, cerca de 100.

Durante três dias vivi num desses campos, o de Bolama, chamado «CAP-5» (Campo Agro político 5 de Julho) para comemorar a independência de Cabo Verde. Visitei-o em serviço de reportagem do jornal «Nô Pintcha», o trissemanário oficial em que trabalho desde o primeiro número, na companhia de outros jornalistas portugueses. Repito: trouxe comigo a ideia de uma actividade das mais interessantes que vi por aqui e ao mesmo tempo a certeza de que, desta forma, intensificando a sua preparação política, temperando-a no trabalho físico, na terra que é mãe de todas as coisas, pronta para prosseguir no futuro o caminho, que a geração actual abriu à força de balas e de incessante trabalho político com o povo nos campos e florestas deste país.

ELEVAR A CONSCIÊNCIA POLÍTICA

Em Maio passado, o comissário principal, Francisco Mendes (Chico Té) visitou Bolama e numa reunião com a juventude e a população local incentivou os estudantes a colocarem-se ao serviço do povo, falando-lhes no trabalho agrícola como forma de aproximação, na linha do que já se pratica em muitas escolas do país, nomeadamente na Escola Piloto de Bolama, onde estudam filhos de antigos combatentes e onde o trabalho na terra faz parte importante de um «currículo» escolar avançado.

Dai até a Comissão Organizadora da JAAC (Juventude Africana Amílcar Cabral) se meter ao trabalho pouco tardou. Ainda no mês de Junho foram reunidos os auxílios oficiais e particulares, escolhido o terreno a lavar e semear, convidados jovens de Cabo Verde e de todas as regiões da Guiné. Reunidas cerca de três centenas de pessoas, no dia 5 de Julho, o «CAP-5» arrancou, com o trabalho agrícola como principal actividade e a elevação da consciência política dos jovens como objectivo prioritário. Além disso esta experiência serviu para expandir a JAAC no seio dos jovens, principalmente em Bolama onde a organização da juventude do PAIGC está agora no início.

Os participantes nos trabalhos do «CAP-5» (que têm a duração de dois meses) foram divididos em seis destacamentos (cada um com um mínimo de 43 elementos). A cada destacamento foi dado o nome de um herói da luta de libertação: Areolino Cruz, Domingos Gomes, Domingos Badinca, Jaime Mota, Quinta da Costa e Justino Lopes. Diariamente seguem dois destacamentos para a lavoura, trabalhando a terra das oito da manhã até às 13.30 horas. Nos primeiros tempos, quando havia que capinar terreno e lavar, o trabalho arrastava-se até às 16 horas, almoçando-se sobre a terra lavrada. Os outros quatro destacamentos revezam-se nas tarefas de cozinha, limpeza, jogos, leituras colectivas, tempo livre, controlo geral e construções.



Um grupo de bajudas (rapariga) em Bolama saudam os visitantes

Tudo isto rotativamente. Sábado à tarde realiza-se a reunião geral do Campo, em que são discutidos os problemas organizativos da semana, levantados os problemas disciplinares, comunicados, para aprovação, os castigos (faltas disciplinares) previamente debatidos pelo Departamento de Disciplina e pela direcção. E obrigatória a crítica e a autocritica como forma de participação colectiva no desenvolvimento da consciência individual.

Sábado à noite, e como por toda a Guiné, é tempo de baile até quase o sol nascer. No domingo de tarde têm lugar colóquios e seminários com apresentação de trabalhos individuais ou por grupos e sua discussão colectiva. No fim de semana que lá passei o tema do seminário era a palavra de ordem «Unidade e Luta». Anteriormente tinham sido debatidos a «Unidade Guiné-Cabo Verde» e «A Geração de Cabral».

FUNCIONAMENTO DEMOCRÁTICO

Um dos princípios básicos observados nestes campos de juventude é o do centralismo democrático, como poder de decisão concentrado em órgãos centrais, de funções bem definidas e em que as decisões têm de ser precedidas de uma ampla e livre discussão, por parte dos órgãos interessados, ou da base ao topo, quando, se trata de assuntos de interesse para todo o campo.

O órgão máximo é a Assembleia Geral do «CAP-5» que reúne uma vez por semana. Uma vez por semana reúnem também a Comissão Directiva

Reportagem

GUINÉ-BISSAU: REVOLUÇÃO A 40 GRAUS

Por DANIEL REIS (correspondente do «DL» em Bissau)

Elevar a consciência política da Juventude pelo trabalho na terra e a vida em comunidade



s) que participam nos trabalhos agrícolas do campo da juventude de punho erguido.

(formada pelo núcleo organizativo da JAAC de Bolama), que é o órgão executivo por excelência e a Direcção Geral. Esta integra, além da Comissão Directiva, representantes de cada uma das regiões originárias dos jovens e dois graduados (um rapaz e uma rapariga) eleitos em cada um dos seis destacamentos. Os assuntos passam dos destacamentos para os graduados, destes para o delegado da Comissão Directiva, deste para a Direcção-Geral e se não tiverem encontrado ainda solução vão à discussão semanal na Assembleia Geral.

A Assembleia é a grande escola comunitária dos jovens que frequentam o campo. Os assuntos são ali apresentados e discutidos sem impedimentos de qualquer espécie; as críticas livremente expressas à Direcção ou aos membros individuais; a autocritica é obrigatória para todos quando se conclui que erraram; as resoluções, mesmo a aplicação de sanções, são votadas por todos; a própria ordem do dia, proposta pela Direcção, é definitivamente votada e elaborada pela Assembleia.

MEIA TONELADA DE MANCARRA LANÇADA À TERRA PELOS JOVENS

A falta de enxadas (nunca se conseguiram reunir no campo mais de 20) tem limitado os trabalhos agrícolas, tal como a escassez de sementes. Aliás, são dois pontos igualmente fracos na luta do país para elevar a produção, duran-

te este ano, ao nível atingido antes da guerra. Não há instrumentos agrícolas em quantidade, as sementes vêm de fora, em grande parte, e escasseiam para as necessidades dos agricultores.

As principais culturas deste campo são a mancarra (amendoim), milho, mandioca e feijão. A maior sementeira é a de mancarra. Foi lançada à terra meia tonelada de semente, o que obrigou a preparar largas superfícies de terreno inaproveitado.

A mancarra já desponta ao longo do terreno lavrado. O milho começa a aparecer. Até final deste mês as pequenas plantas serão acompanhadas pelos jovens do «CAP-5», durante todo o dia. Quando não decorrem trabalhos agrícolas fica um grupo de vigilância, nomeadamente por causa das aves que podem estragar grande parte da sementeira. Depois será a JAAC de Bolama a mandar o terreno, limpando-o de ervas daninhas, e a colher os frutos do trabalho da três centenas de jovens que ali se encontram, de momento, temperando-se revolucionariamente no estudo, no trabalho físico, no amanho da terra e na vida comunitária.

A colheita constituirá um fundo especial para as actividades da JAAC.

Nota-se um entusiasmo juvenil no cumprimento das tarefas, nas discussões colectivas. Mas também uma evidente seriedade, sobretudo no trabalho político em que todos se procuram aperfeiçoar, ensinando e aprendendo, simultaneamente.

O pensamento de Amílcar Cabral está presente em cada

texto discutido, nos trabalhos apresentados no seminário, nas palavras de ordem. Mas está-o também nas consignas que podem ler-se nas paredes, e na constante condenação da baixa humana da mentira, da cobardia, da indisciplina, da violação física e moral dos jovens.

Os princípios do Partido são ensaiados em cada reunião, com a base no centralismo democrático, obediência à direcção colectiva, prática da crítica, da autocritica e da democracia revolucionária.

JÁ O SUOR SE NÃO MISTURA COM O SANGUE

No princípio, eram frequentes os problemas disciplinares, tais como relações de camarada a camarada, fuga ao trabalho, modo desabridos de responder e conversar. Hoje são raros esses casos. Na reunião semanal a que assisti apenas dois foram discutidos (um deles de somenos importância) enquanto um terceiro foi levantado para apreciação futura do Departamento Disciplinar e na Direcção. Qualquer deles se relacionava com insultos verbais às bajudas (parigas) ou ao árbitro durante os jogos que toda a hora se podem ver no campo. Alguns membros da Direcção foram criticados por se servirem da hierarquia para escapar a algumas regras em vigor para todos. Para cerca de 300 jovens que frequentam o campo três ou quatro casos semanais é pouco, o que prova as vantagens da crítica e resolução colectiva dos actos de indisciplina e da vida em comunidade.

Resta acrescentar que entre a grande maioria de estudantes, no «CAP-5» há vários jovens agricultores que, aliás, ensinam as técnicas agrícolas

aos seus companheiros.

«Já o nosso suor se não mistura com o nosso sangue e nem vemos chicotes que nos poderão esgarrar as costas», lê-se num documento elaborado pelo Departamento de Infor-

mação e Propaganda do «CAP-5». «É com entusiasmo que realizamos este trabalho. É belo participar nele. Sobre tudo, confiamos no futuro e no valor do nosso trabalho pois ele servirá o nosso povo e para

a felicidade da nossa pátria». Concluem os jovens que nos Campos Agro-políticos vão trinando o corpo e o espírito para as tarefas do amanhã, na terra africana de Amílcar Cabral.



Dois helicópteros de transporte de tropas constituem as primeiras unidades da Força Aérea da Guiné-Bissau, presentemente em organização. Foram oferecidas pela União Soviética para transportar 43 soldados equipados, em tempo de guerra. Em serviço civil transportam 24 pessoas. A capacidade de voo horizontal é de 250 quilómetros/h podendo voar a uma altitude de 4500 metros.

Na cerimónia da entrega (gravura), no aeroporto de Bissau, podem ver-se o embaixador da URSS, Semenov em conversa com Nino Vieira, comandante das FARP e Comissário de Estado das Forças Armadas, além do Comissário Manuel dos Santos (Manecas), futuro comandante da Força Aérea e, de perfil, Iva Cabral, filha de Amílcar Cabral.

Desalojados de Angola

INSULTOS E AGRESSÕES NO TRAJECTO DE BELÉM

Ocorreu algo tumultuosa a manifestação ontem levada a cabo pelos desalojados de Angola, que terminou em frente do Palácio de Belém, depois de reunidos no Parque Eduardo VII.

Foi sob o signo da violência que os desalojados de Angola percorreram o trajecto previsto, violência essa caracterizada tanto nos cartazes empunhados, como nas palavras de ordem gritadas, como até em algumas atitudes que se tomaram para além das frases gritadas hostis ao Movimento das Forças Armadas e alguns dos seus membros mais representativos, alguns cartazes chamaram igualmente a atenção popular, sendo de salientar o facto de um desalojado ter transportado a bandeira nacional com uma tarja negra, em sinal de luto.

Perto da estação dos eléctricos de Santo Amaro regis-

tou-se inclusivé uma cena desagradável de confrontação física, quando alguns manifestantes se travaram de razões com um condutor de eléctrico em seu auxílio foram as forças militares presentes no local, que não só não conseguiram que o referido condutor e alguns passageiros fossem agredidos com varapaus, como foram igualmente agredidos. O condutor de um jeep militar foi também agredido tendo sido obrigado a receber tratamento hospitalar. Cerca das 19 e 30 horas os manifestantes chegaram a Belém, onde exigiram a presença do Presidente da República. Só uma hora depois o general Costa Gomes chegou a uma das varandas do palácio, de onde falou aos desalojados de Angola.

Compatriotas portugueses desalojados do Ultramar.

Estou convosco no sentimento dramático das vossas difi-

culdades. E tristemente grave pensar que Angola e outros territórios necessitam tanto do vosso labor, da vossa iniciativa, da vossa colaboração e talento e que uma conjuntura política emotiva privou novos países do vosso precioso apoio.

Mas, é humanamente mais grave e doloroso, que hajam surgido condições tão duras, tão desumanas, tão dolorosas para irmãos injustamente desalojados.

Compreendo o vosso desespero, pois a dor, a desgraça e tantas vezes a injustiça, martirizam a vossa existência tão incerta e difícil.

Tudo quanto pedis, é pouco quando comparado com tanto que seria desejável garan-

tir-vos.

Infelizmente nem tudo será possível, não sei mesmo se tudo seria recomendável escutar. A vossa pretensão, de criar escolas, ou turmas especiais para as vossas crianças é uma solução boa ou má. Tenho muitas dúvidas e vou pedir a opinião de especialistas, em psicopedagogia sobre o assunto. Outros assuntos por vós referidos estão já em estudo. Trabalhemos neste momento no planeamento da colapçação mensal de 125.000 contos de combustível de avião em Luanda.

É muito. É pouco. É o máximo que podemos esperar mesmo com o recurso e apoio de países amigos.

Entendo que de promessas estareis já fatigados, uma coisa vos ofereço: a minha compreensão, o meu trabalho, até à exaustão, a minha compreensão total.

Estrangeiro

KISSINGER NO MÉDIO ORIENTE

Mais um passo dos E.U.A. na política dos pequenos passos

Kissinger vai então retomar, pela décima vez, desde a guerra de Outubro de 1973, o seu bastão de peregrino para o Médio Oriente, e tentar concluir um novo acordo entre o Egipto, e Israel. Terá ele também na sua sacola a varinha de condão que tanto prestígio lhe valeu em 1974? O secretário de Estado, cuja popularidade tem descido muito de há um ano para cá, já não tem varinhas de condão. Ele tenta sobretudo anular o seu malogro do mês de Março quando teve de sair de Jerusalém, de lágrimas nos olhos, após duas semanas de esforços baldados. A América estava então a perder o Camboja e o Vietname do Sul, Portugal esquivava-se cada vez mais e censurava-se mesmo a demasiada ausência do secretário de Estado.

Hoje os problemas susceptíveis de prender a atenção de Kissinger são menos escaldantes, mas um êxito da sua missão é também igualmente imperativo, sob pena de ver esboroar definitivamente a estratégia americana dos pequenos passos para um regulamento no Médio Oriente.

As perspectivas de acordo são, desta vez, relativamente boas. Sem dúvida Kissinger parece ter forçado um pouco a mão aos israelitas ao anunciar a sua viagem. Em Julho, tinha declarado que só retomaria as suas idas e vindas, se houvesse 90 por cento de probabilidades de êxito, quando o certo é que as expectativas actuais de Jerusalém se situam muito aquém dessa percentagem. A nova negociação consistirá, em grande parte, em exercer pressões no Governo

de Rabin, já fortemente criticado à direita, mas a quem Washington não deixara de fazer sentir, após o malogro de Março, o que uma intransigência demasiado grande poderia vir a custar-lhe. Não é por acaso que os pedidos de auxílio militar e económico apresentados por Israel aos E.U.A. foram longamente estudados no quadro do reexame da política americana no Médio Oriente decidida pelo presidente Ford nem que as conversações a seu respeito decorrerão paralelamente durante a viagem de Kissinger.

É, pois, Israel que parece ter feito as principais concessões, a avaliarmos pelas informações dadas em Washington sobre o acordo em preparação. Rabin não obterá o compromisso formal de não beligerância que em Março apresentava co-

mo condição essencial para uma retirada das suas forças aquém dos vales do Sinai. A renovação do mandato das tropas da O.N.U. durante um ano, ou mesmo três, vai no sentido de uma não beligerância, mas este compromisso, que não revestirá um carácter formal não vai além das disposições pacíficas que Sadate tem manifestado nestes últimos meses.

Um factor que poderia — diferentemente do que aconteceu em Março — favorecer a missão de Kissinger é a atitude soviética. Enquanto há cinco meses a U.R.S.S. não escondia o seu mau humor e reclamava aos quatro ventos a convocação de conferência de Genebra, parece agora ter percebido as dificuldades de tal solução. Temendo os riscos de malogro atentou muito as suas reivindicações a este respeito.

Mas um novo acordo não vai resolver o problema de fundo. Enquanto a O.L.P. está já a denunciar as manobras da diplomacia americana, o silêncio do presidente Assad mal dissimula uma certa irritação. A aproximação entre Damasco, Amã e eventualmente os palestinos indica o que poderia ser a estratégia síria, no caso de os israelitas recusarem qualquer nova retirada do Galá.

«Le Monde»



...e, de repente, os interesses do imperialismo americano passam a coincidir com os da «grande nação árabe» de Nasser e da nacionalização do canal do Suez. Quando Sadat subiu ao poder no Egipto, estava dado o primeiro passo para a destruição do débil socialismo implantado por Nasser e para a submissão do Egipto aos interesses económicos e estratégicos do imperialismo. Sadat e Henry Kissinger — que vemos na televisão — vão agora, segundo tudo indica, selar o novo acordo de tração ao mundo árabe. A jogada esteve difícil pela atitude intransigente de Israel, relutante em fazer mais concessões sobre o Sinai sem uma contrapartida muito segura. Mas os E. U. A. adoçaram a boca de Israel. Com canhões, claro. Que de manteiga não cuida o imperialismo. (Telefoto UPI-Telimprensa).



O encarregado de negócios de Portugal na ONU, João Quintela Paixão, dirige-se ao Conselho de Segurança das Nações Unidas, antes de este ter decidido por unanimidade recomendar a admissão naquela organização internacional de três antigas colónias portuguesas: Moçambique, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe. A admissão — dada como certa — destes três novos países elevará para 141 o número de membros da O.N.U.

24 horas no Mundo

...O Pentágono foi avisado de que radicais japoneses se manifestarão violentamente contra o secretário de Defesa, Schwinger, quando este visitar Tóquio no fim da próxima semana.

...O ministro italiano do Interior, Luigi Gui, advertiu que a Itália depara com a perspectiva de perigosas tensões no próximo Outono e que o Governo não poderá ser suficientemente forte para as enfrentar. Entretanto, foi preso um mafioso, suspeito de cumplicidade no rapto do rico armador, Giuseppe d'Amico, posto recentemente em liberdade após o pagamento de um vultuoso resgate.

...O primeiro-ministro cubano, Fidel Castro, declarou ontem em Cienfuegos que os Estados Unidos, embora se mostrem menos hostis para com o seu país, mantêm uma política agressiva em relação a Cuba, o que torna difícil falar em desanuviamento.

...Os E. U. A. e a U. S. S. completaram um projecto de tratado de proibição da guerra meteorológica que tencionam apresentar à Conferência de Desarmamento prevista para Genebra em fins deste mês.

...Polícias irados assaltaram a residência do primeiro-ministro tailandês, e estudantes atacaram uma universidade, na mais grave crise interna do Governo de coligação constituído há cinco meses na Tailândia.

FRANÇA: HOJE NÃO HÁ JORNAIS

PARIS, 21 — (R.) — Uma greve de tipógrafos, a quinta desde Abril, atingiu ontem a indústria de Imprensa francesa e o país ficará hoje praticamente sem jornais.

O Sindicato dos Tipógrafos, uma das principais secções do Movimento Sindical de Orientação Comunista C. G. T. decretou a greve geral de 24 horas para protestar contra ameaças de despedimento.

A Associação dos Proprietários de Jornais, num comunicado denunciando a greve, disse que esta prejudicava a indústria e fazia perigar a liber-

dade de Imprensa.

A última greve dos tipógrafos, em 6 de Agosto passado, foi limitada a Paris, onde uma violenta disputa no popular jornal «Parisien Libéré» afectou as relações entre a Administração e o Sindicato. greve de hoje afecta também toda a Imprensa provincial.

Os jornalistas mantiveram-se afastados de anteriores greves de tipógrafos, mas o seu sindicato pediu a todos os membros que apoiassem a nova acção dos tipógrafos, devido ao crescente receio de desemprego.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO FARMACÊUTICOS COMUNICADO UM GRUPO DE PROVOCADORES ESTRANHOS À CLASSE ASSALTOU O NOSSO SINDICATO!

Na sequência de uma manifestação levada a cabo ontem, dia 19, contra a INTERSINDICAL e após actos de provocação, com a tentativa de assalto à INTERSINDICAL e o apedrejamento das janelas do INATEL — UM GRUPO DE PROVOCADORES, NÃO PERTENCENTES À CLASSE; ASSALTOU O NOSSO SINDICATO — no que foi apoiado por elementos da Lista B, tudo indicando que este assalto foi feito a pedido destes.

Após este acto de verdadeira provocação contra todos os trabalhadores, alguns elementos da referida lista apresentaram-se no Sindicato e passaram a considerar-se direcção: eles que falam em bases, aproveitando o período de férias, nas costas dos trabalhadores e com o apoio de elementos estranhos à classe passaram a chamar-se direcção!

A acção destes senhores não pretende apenas dividir-nos, destruir o nosso Sindicato — insere-se na tentativa de alestrar a Lisboa a campanha reacçãoária desencadeada no Norte, com assaltos a Sindicatos e Sedes de Partidos Progressistas, no sentido de criar um ambiente que permita o regresso do fascismo ao nosso País.

Assim, tal como no Norte assaltaram o Sindicato, fizeram fogueiras, encheram o Sindicato de pedras.

TRABALHADORES DA INDÚSTRIA FARMACÊUTICA! A REACÇÃO TERÁ DE SER BATIDA NO NOSSO SECTOR E SÓ OS TRABALHADORES UNIDOS LHE PODERÃO FAZER FACE.

ABAIXO A REACÇÃO!

UNIDOS, ORGANIZADOS, VIGILANTES — VENCEREMOS!

A COMISSÃO INSTALADORA

Romeu do Rosário
Fernando Santos Silva

Estrangeiro

Organização revolucionária desmantelada em Espanha

LA CORUNHA (ESPANHA), 21 (ANI) — A polícia anunciou hoje ter desmantelado uma organização revolucionária com o nome de União do Povo (alego UPG), na zona Noroeste do país, e prendeu alguns dos seus membros.

Na nota distribuída afirma-se que a UPG, classificada como organização marxista-leninista, operava em colaboração com a organização separatista basca ETA.

A polícia disse ter apreendido grande quantidade de armas, munições, granadas e explosivos, além de ter descoberto alguns esconderijos, na Corunha, além de noutras áreas da Galiza, como Vigo, Lugo, El Ferrol, e Santiago de Compostela.

Dois membros da ETA foram presos em Lugo, sendo atingido a tiro um indivíduo em El Ferrol, que veio mais tarde a morrer, quando tentava fugir.

Segundo a polícia, as investigações de Lugo levaram à descoberta de oito esconderijos e à prisão de 14 alegados membros da ETA, em Vilalba, no Paísasco.

Segundo as mesmas informações, quatro outros homens foram presos em Santander, depois da polícia ter descoberto mais esconderijos naquela cidade nortenha.

LEI ANTITERRORISMO

A anunciada lei antiterrorismo de que se ocupará o Conselho de Ministros de sexta-feira está causando já um certo terror em muitos meios espanhóis.

Ante ela se verifica já um estremecimento.

Pensa-se que será duríssima e abrangerá todos os sectores que de alguma forma se oponham ou discordem do actual regime.

Posteriormente, deverá ser publicada uma outra lei contra o comunismo.

Mas nesta deve-lhe tocar já

uma parte, pois recentemente o ministro da governação lhe atribuiu a responsabilidade dos recentes actos que estão perturbando a opinião pública espanhola, mas que desde logo não estarão em nada relacionados como o comunismo, a não ser como o que aqui se imagina em alguns momentos.

Segundo anunciava hoje o diário Ya, o decreto-lei agravava as penas máximas que se aplicarão.

Os trâmites tornar-se-ão mais rápidos e fáceis, serão aplicadas severas penas aos cúmplices e encobridores dos supostamente implicados nos referidos actos e será considerado delito grave a construção de prisões do povo.

Pensa-se que algumas das determinações terão efeito retroactivo.

UMA VASTA OPERAÇÃO À VOLTA DE IRIBARNE

As atenções dos políticos estão concentradas na entrevista que possivelmente dia 23, Solís Ruiz vai manter com Iraga Iribarne, embaixador da Espanha em Londres, que anuncia que dia 1 se instalará em Madrid com escritório político de dedicação à sua cátedra da Universidade Complutense.

Iraga continua a ser uma das figuras políticas actualmente mais contravistas e sobre quem se especula mais neste momento.

Há tempos falava-se nele como um dos possíveis candidatos a alto cargo, que até poderia ser o de chefe do Governo, ainda que o rumor não tivesse mais continuidade ao surgirem uma série de incompatibilidades.

Contudo, hoje fala-se de novo em Iraga para ocupar uma importante pasta ministerial que, segundo algumas especulações, poderia ser a de ministro dos Assuntos Exteriores, sendo devolvido assim ao regime.

Em função disto, verifica-se também uma crescente atenção à reunião que possivelmente dia 25 ou 26 de vai realizar em Santiago de Compostela entre os sócios da Fedisa, a empresa dedicada a assuntos políticos e de que participam personalidades como Pio Cabanillas, Fernando Ordoñez, José Maria Arellano e outras importantes figuras do regime, que se situam no campo de uma oposição moderada dentro do sistema.

O regime actual já se pronunciou sobre essa sociedade, criticando-a, e tudo indica que Iraga possa ficar fora com a aceitação do importante cargo.

Todas as notícias e algumas especulações levam a crer que o Governo está montando importante operação a volta de Iraga Iribarne.



«Um major do Exército israelita, Asa Kadmoni (à esquerda na telefoto) discute acaloradamente com um oficial da Polícia que procura evitar o assalto à residência do ministro dos Negócios Estrangeiros, em protesto contra o acordo provisório previsto sobre o Sinai. O major Kadmoni restituiu ao Governo a medalha de ouro, a mais alta condecoração de Israel, num gesto de protesto. Recorde-se, entretanto, que Kissinger partiu para Israel, sendo de crer que a sua «tourné» pelo Médio Oriente se saldará pela assinatura do acordo egípcio-israelita sobre o Sinai (Telefoto UPI-Telimprensa)»

O DESASTRE DE DAMASCO

O AVIÃO DAS LINHAS CHECAS DESINTEGROU-SE LITERALMENTE

DAMASCO, 21 — (F. P.) — O «ilyuchine» da companhia checoslovaca TSCA, que se despenhou ontem a cerca de cinquenta quilómetros a Nordeste de Damasco, desintegrou-se literalmente.

Os destroços estão espalhados por uma área de 800 metros de comprimento por 20 de largura. Os mais volumosos — um pedaço de carlinga e a ponta de uma asa — não ocupam mais de quatro ou cinco metros quadrados.

Os 117 passageiros e onze tripulantes, há apenas três sobreviventes, segundo as indicações da aviação civil síria.

O avião despenhou-se cerca das 01 h. 15 locais 23 h. 15 em Portugal, na planície desértica cinzenta e ocre, que rodeia Damasco, a 18 km a Leste do aeroporto da capital síria. Caiu apenas a umas centenas

de metros da casita, feita de terra amassada, duma família de beduínos, a única habitação num raio de cinco quilómetros.

Não há qualquer estrada que leve ao lugar do acidente, um sítio desolado, perdido na imensa planície, que se estende até à cadeia montanhosa do anti-Líbano.

Ào fim da manhã, os destroços ainda fumegavam, isolados por um cordão de milicianos armados. O chefe da família beduína, Ibrahim Hamad Al Ayane, declarou à agência France-Press «Estava a dormir quando ouvi um formidável rugido por cima da minha casa e depois uma série de explosões. Vim para fora. As chamas erguiam-se muito alto. Via-se como se fosse dia».

Poucos instantes depois, acrescentou, ouvi gritos deses-

perados lançados em árabe. Aproximei-me. Era um passageiro sírio, ligeiramente ferido no ombro e na cabeça, que me declarou ser da região de Hama Síria central. Também ouvi outros gritos lançados por crianças, mas não me foi possível aproximar-me mais do braseiro.

Segundo a testemunha, os carros dos bombeiros e as ambulâncias do aeroporto chegaram ao local cerca de meia-ho-

ra depois do acidente.

No momento em que este se deu, vários aldeões encontravam-se nos seus campos a cinco quilómetros de distância, junto da aldeia de Al Teiba, executando o trabalho nocturno imposto pelos horários da distribuição de água durante o período estival. No dizer dessas testemunhas, o aparelho incendiou-se no ar e quando atingiu o solo era já presa das chamas.

COMISSÃO DE MORADORES DA QUINTA DO ANJO

«ASSEMBLEIA DE MORADORES»

A Comissão de Moradores da Quinta do Anjo convoca todos os moradores desta localidade para uma reunião «Assembleia Povo/Comissão» a realizar no próximo dia 22/8, sexta-feira, pelas 21.30 horas, na Esplanada da Sociedade de Instrução Musical, contando-se com a presença de alguns elementos das Forças Armadas e com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Introdução, Informações e Esclarecimentos
- 2 — Proposta de Exoneração de alguns elementos da Comissão de Moradores
- 3 — Proposta de Admissão de novos elementos para a Comissão de Moradores
- 4 — Construção do Parque Infantil
- 5 — Abertura de um Posto de Vacinação na Quinta do Anjo
- 6 — Problemas de habitação, tais como: — falta de instalações sanitárias e casas desocupadas
- 7 — Falta de esgotos
- 8 — Recolha de lixo
- 9 — Situação dos arruamentos
- 10 — Pavilhão Gimnodesportivo
- 11 — Situação das Grutas
- 12 — Falta de água nesta localidade
- 13 — Abaixamento da tensão e falhas na luz
- 14 — Regulamento interno da Comissão de Moradores
- 15 — Situação em que se encontra a Junta de Freguesia quanto à Comissão Administrativa da mesma
- 16 — Posição assumida pela Comissão de Moradores quanto ao telegrama enviado aos trabalhadores da Rádio Renascença
- 17 — Posição assumida pela Comissão de Moradores da Quinta do Anjo em conjunto com a Comissão das Cabanas, sobre a situação política actual, apoiando o documento do COPCON (Proposta de trabalho para um programa político)
- 18 — Diversos

Como a Ordem de Trabalhos é extensa e se por volta da meia-noite ainda faltarem muitos pontos para tratar, será proposto à Assembleia a marcação de outra reunião no prazo máximo de oito dias para solução dos pontos restantes. MORADOR, NÃO FALTE! NÃO VENHA SOZINHO! TRAGA CONSIGO OS VIZINHOS E OS AMIGOS DA TERRA

Rapare que todos os pontos da Ordem de Trabalhos são do interesse geral e não basta falar deles em casa ou no café, é preciso discuti-los em conjunto.

APELA-SE PARA A PRESENÇA DE TODOS

Quinta do Anjo, 19 de Agosto de 1975

A COMISSÃO DE MORADORES

FESTA POPULAR

JORNADA ANTIFASCISTA NA QUINTA DO ÁLAMO — SEIXAL

A COMISSÃO DE MORADORES DA QUINTA MANUEL ANDRÉ E A COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA MUNICIPAL DO SEIXAL, CONVIDAM TODAS AS COMISSÕES DE MORADORES DO CONCELHO, JUNTAS DE FREGUESIA, COLECTIVIDADES, ASSOCIAÇÕES CÍVICAS E TODOS OS TRABALHADORES, A PARTICIPAREM NA FESTA POPULAR DA QUINTA DO ÁLAMO — DIA 24 DOMINGO PRÓXIMO, COM INÍCIO ÀS 8 H.

CONSTA DO PROGRAMA:

DESENHO INFANTIL
TEATRO INFANTIL
PROVAS DESPORTIVAS
CANTO LIVRE
SESSÃO DE DINAMIZAÇÃO DO M.F.A.
INTERVENÇÃO DAS COMISSÕES DE MORADORES E COMISSÃO ADMINISTRATIVA
BANDA MUSICAL
COROS

PARTICIPA — INTERVEM

A COMISSÃO DE MORADORES DA QUINTA MANUEL ANDRÉ

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA DA CÂMARA DO SEIXAL

CASINO ESTIVAL

SLOT MACHINES ACCESSO LIVRE A TODAS AS SALAS DE JOGOS

DA POLÓNIA

ELZBIETA ŻAKOMCZ

FAMOSA VEGETA DA CANÇÃO

BOB ARNO * MARIEMA

BLUEBELL GIRLS SHOW

FERRER TRINDADE e sua orquestra "NUEVOS AMIGOS" e THO BANDEIRA and his group with J.M. CONCHA

LES BIS So'no Wonder Bar

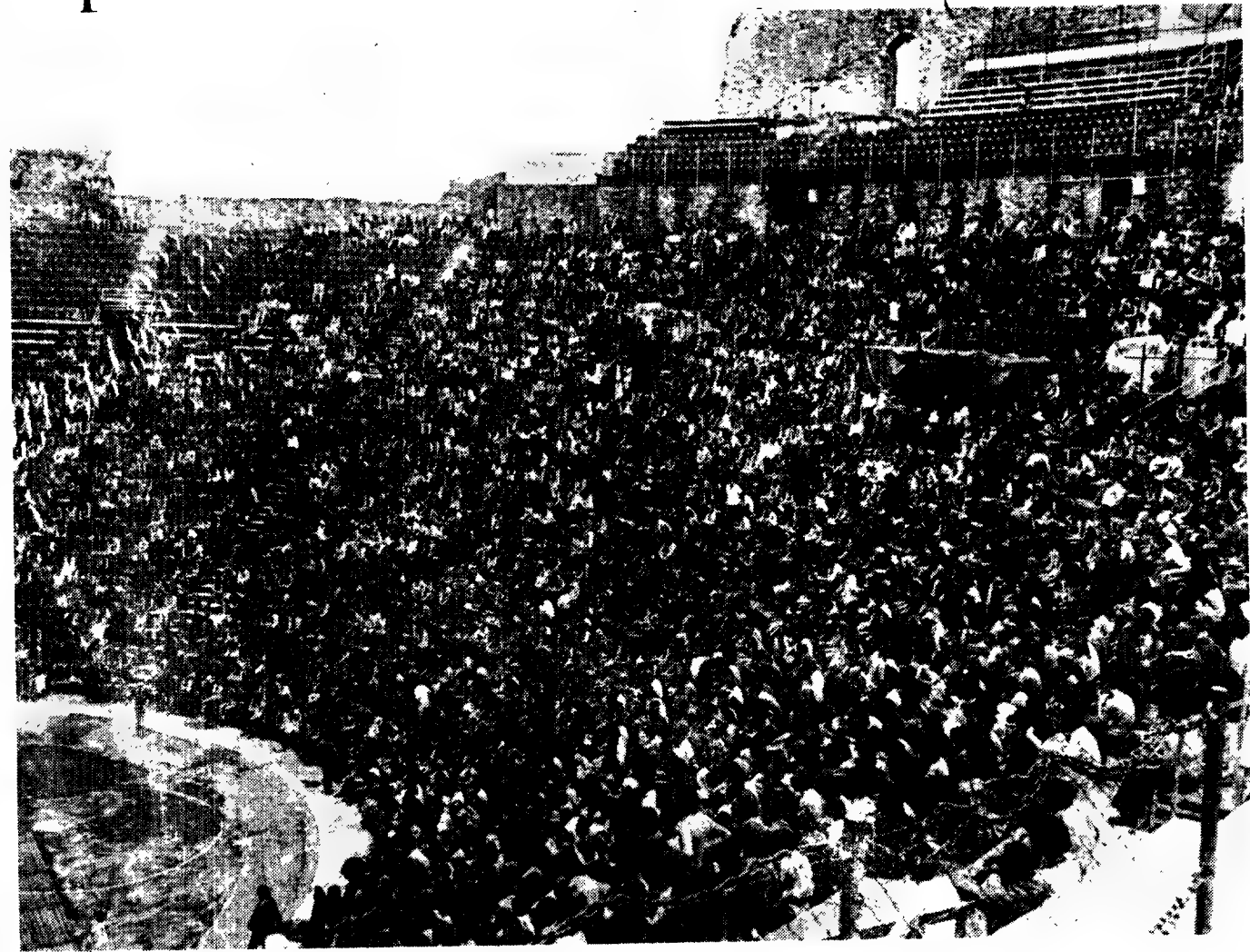
SALA RESTAURANTE - às 23,30 (não aconselhável m. 13)
WONDER BAR - a 100 (interdito, m. 18)

CONSUMO MÍNIMO (Tudo incluído)
Sábados 140,00 Restantes dias 120,00

CZINIA REGIONAL PORTUGUESA

EMENTA SEMANAL - JANTAR 150,00 (bebidas incluídas)

Espectáculos



FESTIVAL DE ROCK DE ORANGE

Mais de 15000 jovens acorreram de vários países ao Festival de Rock de Orange que teve lugar naquela cidade francesa. Cenário escolhido: o antigo e fascinante teatro romano da região apetrechado com as técnicas mais modernas em electrónica.

SINDICATO DOS METALÚRGICOS DO DISTRITO DE SANTARÉM

TRAMAGAL CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Delegados Sindicais/Comissões de Trabalhadores Metalúrgicos para uma reunião a efectuar na União Sindical de Torres Novas, no dia 23 de Agosto às 15 horas, com a seguinte ordem de trabalhos :

- ANÁLISE DA SITUAÇÃO POLÍTICA
- CONTRATO COLECTIVO DE TRABALHO VERTICAL

EM FRENTE CONTRA A REACÇÃO !
EM FRENTE PELO SOCIALISMO !
EM FRENTE PELA VERTICALIZAÇÃO SINDICAL !

UNIDOS E ORGANIZADOS VENCEREMOS !

Tramagal, 18/8/75

PELA DIRECÇÃO

ROULOTE

Para aluguer imediato precisa-se para estaleiro de obras. Contactar horas de expediente
Telefone 36 13 53



A RTP apresenta todas as noites, às 21.30 h., e aos domingos também, às 16 h., a peça de Miguel Franco

«LEGENDA DO CIDADÃO MIGUEL LINO»

Desc. às 2.ª Feiras
Não acons. a menores de 13 anos
Bilheteira - Tel. 89 70 17
ABEP - Telef. 32 88 23

S. R.
MINISTÉRIO DA ECONOMIA
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

DIRECÇÃO-GERAL DOS SERVIÇOS ELÉCTRICOS

EDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção-Geral dos Serviços Eléctricos, sita em Lisboa, na Rua de S. Sebastião da Pedreira, 37, e nas Secretarias das Câmaras Municipais dos Concelhos de Palmela e Setúbal em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes editos no «Diário do Governo», o projecto apresentado pela União Eléctrica Portuguesa, a que se refere o processo 8/54542, arquivo 4, para o estabelecimento nas freguesias de Palmela, S. Julião e N.ª Sr.ª da Anunciada, concelho de Palmela e Setúbal, de uma linha aérea a 30 kV, com 7633 m, do poste n.º 6 da linha S. Sebastião-Coimra à Nova Subestação da Companhia Geral de Cal e Cimento, S.A.R.L. (Secil) - Instalações de Outão.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção-Geral, ou nas Secretarias daquelas Câmaras Municipais, dentro do citado prazo.

Repertação de Licenciamento, em 2 de Agosto de 1975.

O Engenheiro Chefe
Guilherme Martins

Em LAGOA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

EXCURSÕES CP

PARTIDAS DE LISBOA

● MINHO E PENEDA-GERES

3 DIAS — Partidas todos os sábados até ao fim de Setembro

Hotel de 1.ª: Ceia e arraial minhoto em quinta dos arredores de Viana do Castelo; Piquenique em pleno Parque do Gerês; e outros atractivos.

Lisboa - 1.520\$00 Coimbra - 1.340\$00 Porto - 1.120\$00

● VISEU E VALE DO VOUGA

Agosto: 31/1 Set. e 13/14 Set.

Alojamento no melhor Hotel de Viseu (4 estrelas) e visita às mais afamadas terras do Vouga: S. Pedro do Sul, Termas de S. Pedro do Sul, Vouzela, etc.

Lisboa - 950\$00 Porto - 890\$00

● URGEIRIÇA — LORIGA — LUSO

Agosto: 24/25 e 13/14 Set.

Hotel em Caldas da Felgueira; Loriga e os seus miradouros, em plena Serra da Estrela; Seia, Bucaco e Luso.

Lisboa - 890\$00 Porto - 830\$00

● COMBOIO HISTÓRICO

Vale do Tâmega e Entre-os-Rios

Setembro: 6/7 — 13/14 — 20/21 — 27/28

Lisboa - 1.190\$00 Coimbra - 930\$00

● FERIAS PORTUGUESAS

ALGARVE — BEIRA ALTA — MINHO

— Partidas diárias

COMBOIO (1.ª cl.) e HOTEL — Preços desde:

Albufeira	450\$00	Viana do Castelo	600\$00
Lagos	890\$00	V. P. de Ancora	770\$00
Portimão	810\$00	Urgeirica	850\$00
Praia da Rocha	860\$00	Viseu	780\$00
Faro	910\$00	Guarda	920\$00
Quarteira	790\$00	Covilhã	690\$00
Monte Gordo	790\$00	Penhas da Saúde	690\$00

PROGRAMAS DESCRITIVOS E INFORMAÇÕES:

— Lisboa: Estações de Lisboa-Rossio e St.ª Apolónia
— EGT — Rua do Arsenal, 124 — T. 367529
— AGÊNCIAS DE VIAGENS

"Grupo 4" no Alentejo e Algarve

Numa organização do INATEL, o «Grupo 4» vai realizar uma digressão pelo Alentejo e Algarve, com a peça «Como o Senhor Mokimpê se Libertou dos seus Tormentos», de Peter Weiss. Considerado um dos melhores dramaturgos contemporâneos, Weiss demonstra na peça o seu incansável temperamento de batalhador por um teatro actuante, feito pelo amor e respeito às formas de teatro de feira, de fantoches e circo e os cantores ambulantes, que são expressões das mais autênticas e legítimas do teatro popular.

Preendem-se realizar es-

pectáculos em algumas herdades do distrito de Évora, ocupadas pelos trabalhadores, amanhã e 23 e 24, após destas representações o grupo actuará no Algarve de 26 a 30 do corrente.

Esta peça, de extraordinária actualidade e alcance político, com perfeito enquadramento no problema nacional, manifesta a incansável luta de classes por uma sociedade mais justa.

A digressão do «Grupo 4» vem na sequência de uma série de espectáculos já realizados no Funchal, Lisboa, Loures, Barreiro, Setúbal.

Elisabeth Taylor e Burton reconciliam-se

NOVA IORQUE, 21 (F.P.)

— Elisabeth Taylor e Richard Burton decidiram reconciliar-se «para sempre» — anunciou na quarta-feira nesta cidade um informador dos dois artistas.

«Não se trata duma reconciliação experimental, é, para sempre» — acentuou o informador, que citou palavras de Burton.

Elisabeth Taylor que participou recentemente numa película em Leninegrado, encontrou Richard Burton, na Suíça no fim da semana passada e decidiram imediatamente reconciliar-se — indicou o porta-voz. O casal de actores vai seguir na próxima semana para Israel. «Podemos casar-nos em Israel. A verdade é que Elisabeth Taylor é ju-

dia», disse Richard Burton, segundo o informador.

O par casou-se em 1964. Foi o quinto casamento de Elisabeth e o segundo de Burton, um antigo mineiro galês.

Antes de se divorciar, o casal tentou uma reconciliação de quatro meses.

Desde o divórcio, o companheiro constante de Elisabeth tem sido Henry Wynberg, um negociante de automóveis em segunda mão.

O nome de Burton tem sido ligado ao da princesa Elisabeth da Jugoslávia — de quem esteve noivo — e ao da modelo negra americana Jean Bell.

ÊXITO DE BILHETEIRA

LOS ANGELES, 21 — (ANI)

«... A Universal Pictures revelou ontem que a receita de bilheteira do filme «Jews» já excedeu os 100 milhões de dólares nos Estados Unidos e no Canadá, ultrapassando, portanto, os recordes de «The Sting» e «The Exorcist».

Em apenas 59 dias de exibição, o filme (dedicado ao tubarão) produziu 100 045 dólares, o que o coloca no quarto lugar entre os filmes mais rendosos de sempre.

SEMANÁRIOS PROCESSADOS

MILÃO, ITALIA, 21 — (ANI)

— O actor de cinema Ugo Tognazzi processou em Milão dois semanários — «Eva Express» e «Gente» — que publicaram fotografias que o artista considera lesivas da sua reputação e uma intrusão na sua vida privada.

Nas fotos aparece também uma jovem de Florença.

INCÊNDIO NUM TEATRO

MOSCOVO, 21 — (ANI)

Feflagrou um incêndio num teatro de Moscovo durante a representação de uma peça satírica. Rapidamente dominado pelo sistema automático de prevenção contra incêndios, o fogo foi também dominado graças à intervenção imediata dos trabalhadores — escreve o «Komsomolskaya Pravda» de Moscovo.

O incêndio, que começou no cortinado de veludo do palco, foi nos primeiros momentos aplaudido pela assistência convencida de que se tratava de um efeito especial de encenação, os actores, com plena consciência do perigo, continuaram a representar para evitar o pânico, enquanto os bombeiros, que tinham sido chamados entretanto, combatiam o fogo.

Televisão

CANAL DA CRÍTICA

MÁRIO CASTRIM

A televisão portuguesa enriqueceu-se nos últimos tempos com a inclusão de uma nova rubrica «Histórias da TV Cubana».

Assim, para não ir mais longe, assistimos, na penúltima emissão, a um episódio da resistência cubana contra os reaccionários desviados, remanescentes do regime de Fulgêncio Baptista. Contra-revolucionários defensores dos velhos esquemas sociais apoiados, claro, no imperialismo: «Quando os americanos vierem, serei eu o chefe...» dizia o contra-revolucionário Machete.

Em vez dos seus amigos americanos, vieram as balas dos milicianos vigilantes. A frase do Machete parece demasiado simples e directa para ser verosímil. Isto porque a execução de tarefas por conta do imperialismo costuma ser mais subtil, costuma vestir-se de roupagens mais sofisticadas, mais literárias usam mais os atalhos do que os caminhos directos... enquanto, evidentemente, não chega a altura de perder totalmente a vergonha.

O episódio de Machete dava-nos uma imagem do que fora a defesa da revolução cubana de armas na mão. Esbatia-se a diferença entre os soldados de um exército regular e o exército dos trabalhadores das fábricas e dos campos. A tarefa era só uma: defender as conquistas populares. Lentamente, os elementos mais conscientes vão vencendo os preconceitos anticomunistas que, também lá, os anos de fascismo profusamente semearam...

Ontem, o filme apresentado pelo escritor Alexandre Cabral, era um incitamento à vigilância revolucionária. Curiosamente, porém, tratava-se de uma vigilância sem V maiúsculo, uma lição das pequenas coisas, as mais capazes de mobilizar as massas populares, as audiências de televisão. Em Portugal, por exemplo, no 28 de Setembro, no 11 de Março e noutros circunstâncias que podem repetir-se, foi muito valiosa a vigilância aos quartéis, às esquadras de polícia, aos órgãos de comunicação social. Como foi de grande utilidade a vigilância, durante dias e noites, diante da Penitenciária. Afrouxa a vigilância popular e zás!, apanha-se logo pelas trombas com uma fuga de 89 deles. Alcoentre é mais do que uma prisão, hoje em dia é um aviso.

ASSIM NÃO, FABIÃO, ASSIM NÃO

São úteis para nós estes filmes cubanos, de excepcional qualidade técnica aliada a uma grande capacidade de imaginação. Claro que sim. O estudo de outras experiências de libertação do capitalismo e do imperialismo é mais do que necessário é indispensável. Não para copiar, para imitar — nada disso. Nenhuma revolução se copia, só os espíritos tacaños ou de uma total incultura ou de uma imperturbável má-fé podem levantar o espantinho da importação de esquemas.

O general Fabião é o caso típico da pessoa não muito dentro da compreensão materialista dos fenómenos históricos. A acreditar nos extractos da Imprensa, Fabião teria dito a Le Quotidien de Paris (o caso República-Rego traduzido em francês, lembram-se dessa vergonha? O general, que diabo, podia ter escolhido outro interlocutor mais digno...) teria dito que pretende para Portugal uma sociedade socialista que não seja a cópia das outras que já existem no mundo mas socialista no sentido do fim da exploração do homem pelo homem onde sejam garantidos os direitos individuais, a expressão do pensamento livre.

Não se percebe bem onde o general Fabião quer chegar. Nas sociedades socialistas em construção, na União Soviética, Cuba, Bulgária, Hungria, etc, existe a exploração do homem pelo homem? Não existe lá a liberdade de expressão para todos os trabalhadores?

Apenas no socialismo, general, é possível a liberdade de expressão, de afirmação pessoal, de desenvolvimento harmonioso da personalidade. O resto é conversa fiada, general.

Continuemos, já que estamos com a mão na massa, em companhia do general Fabião.

MUITO GRAVE GENERAL

A televisão portuguesa deus-nos ontem dois apontamentos sobre a actividade do V Governo Provisório.

Primeiro, através da presença do comandante Correia Jesuino e, mais tarde, com a presença de Correia Jesuino e Macaísta Malheiros. Falou-se de trabalho. Não blá-blá. Trabalho mesmo, no duro. Horas e horas seguidas em cima de problemas graves em todos os domínios — económicos, políticos, de descolonização, etc. O

esforço produzido está bem traduzido naqueles rostos onde a dignidade supera o cansaço. Inevitável uma grande admiração por estes homens não carreiristas, não politiqueros, não aventureiros, com uma única ambição: organizar as conquistas do nosso povo depois do 25 de Abril.

Eis se não quando, comovido ainda por esta presença corajosa e digna, nos aparece a Maria Elisa a repetir algumas palavras que o general Fabião teria dado à publicação no Quotidien (ó general, e logo no Quotidien... que lástima!) palavras segundo as quais não tem ele, general Fabião, nenhuma confiança no Governo actual...

Assim. Tal qual. No Quotidien, em pleno território do imperialismo. No estrangeiro, um português manifesta, hoje, desconfiança no Governo do País. É grave. Como militar não sei em que penas incorre como português, merece pelo menos a condenação de todos os patriotas honrados. Fabião diz, no campo imperialista e para gáudio do imperialismo, que não tem confiança no seu Governo. Merecerá, a partir daqui, que o povo português tenha confiança nele?

Muito grave a sua atitude, general.

EFICÁCIA E OUTRAS COISAS

Mas o general disse mais ao Quotidien e mais foi repetido na televisão. Fabião foi dizer lá fora que o Governo actual quase não tem possibilidades de continuar. Que não cre na sua eficácia...

Fabião esqueceu-se de dizer qual, na sua opinião, seria o Governo com eficácia. Se o dissesse, talvez compreendêssemos alguma coisa dos seus projectos. Foi uma falta imperdoável.

Oíça aqui, general. A eficácia deste Governo depende-

rá do apoio que lhe derem as Forças Armadas, na pessoa do Movimento, e as massas populares deste país. Mas esta particularidade não se atribui unicamente ao V Governo: é geral. Se amanhã se formasse um Governo e fosse V. Ex., suponhamos, o substituto do general Vasco Gonçalves, o resultado seria o mesmo, se faltasse o apoio popular e faltaria mesmo, não tenha a menor dúvida ou o apoio do Movimento. Estas duas pernas são indispensáveis para que o corpo da Revolução possa marchar. Com estas rasteiras passadas ao V Governo, capazes de minar a confiança popular no seu trabalho, claro que nenhum Governo pode sentir-se moralizado e daí à ineficácia, vai de facto um pequeno passo.

Acontece com os Governos o mesmo que acontece com as pessoas na sua actividade específica. O general Fabião é militar. Será eficaz, como militar? Será, se tiver o apoio e a confiança dos seus homens. Se não tiver, chapéu. Lá se vai toda a eficácia.

No meio de tudo isto, general, há um pormenor que me dá que pensar. As suas palavras de descrédito para o V Governo aparecem na própria altura em que tomam posse os secretários de Estado para completar o Governo. Pode não ter sido propositado — embora as asas de anjinho me tenham caído há muito. Há, neste golpe, qualquer coisa de parecido com a publicação do documento dos Nove. É triste. Muito triste. E ainda mais condenável porque foi desferido — em Paris.

MÁRIO CASTRIM

P.S. Oíça aqui, Maria Elisa. Você é uma excelente profissional. Que aquele amigo comentador desportivo se esqueça de ligar o microfone, desculpo-o. Que você se esqueça de o fechar, não se compreende. Certo? — M.C.

Hoje



«Serviço Especial»

I PROGRAMA

- 19.00 Abertura e **Telejornal** — 1.ª edição
- 19.05 **TV Infantil**
- 19.35 «**Smith**» — série filmada — Smith, traído e destruído, é um fugitivo sem nada para perder excepto a vida.
- 20.00 **TV Palco** — coordenação e apresentação de Irmãos Caeiro.
- 20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
- 21.05 **Programa do Movimento das Forças Armadas**
- 21.50 **O Tempo**
- 22.00 «**Crime e Castigo**» — de Dostoiévsky, adaptado para a Televisão por Stelio Lorenzi. Com François Marthouret, Frederique Meninger, François Vibert, Gregory Sohmar, Philippe Blanc, Raymond Garrivier, Pierre Pelov, Berthe Boux, Monique Guy, etc. Música de Georges Delerue. Cenários de Jacques Chalvet. Fotografia de Christian Pétard. Realização de Stelio Lorenzi.
- 23.30 **Telejornal** — 3.ª edição
- 23.45 **Fecho**

II PROGRAMA

- 21.00 Abertura e o 3.º episódio da série «**Smith**»
- 21.30 **Telejornal** — em diferido a edição das 20 e 30 transmitida no I Programa.
- 22.00 «**Serviço Especial**» — série policial
- 23.00 **Impacto** — escritores do mar — um programa de João Martins.
- 23.40 **Fecho**

DESTAQUES

I PROGRAMA

«Crime e Castigo» (22.00)

II PROGRAMA

Impacto (23.00)

SIEMENS

ESTORIL Richard

Amanhã

I PROGRAMA

- 19.00: Telejornal; 19.05: TV Juvenil; 19.30: «Dois Anos de Férias»; 20.00: Celatônio; 20.30: Telejornal; 21.00: A final como é?; 21.30: Música, Música; 23.00: Telejornal.

II PROGRAMA

- 21.00: «Dois Anos de Férias»; 21.30: Telejornal; 22.00: Noite de Cinema — «Um Voto para Johnny».

1 SEMANA em LONDRES

PARTIDAS EM AVIÃO ESPECIAL! TODOS OS DOMINGOS E 5.ª FEIRAS

JUL	6, 13, 17, 20, 24, 27 e 31
AGO	3, 7, 10, 14, 17, 21, 24, 28 e 31
SET	4, 7, 11, 14, 18, 21, 25 e 28
OCT	2, 5, 9, 12, 16, 19, 23, 26 e 30

Preços excepcionais desde*

3.750\$

* a vantagem dos voos especiais

Milhares de pessoas dizem com satisfação: «Fui a Londres numa daquelas viagens baratas da abreu»

abreu

fundada em 1840

LISBOA: Av. da Liberdade 160 • Telef. 32 00 21
PORTO: Av. dos Avóios, 207 • Telef. 379 21
COIMBRA: Rua da Seta 2 • Telef. 27011/2
FARO: Rua Cris. Bivar 65 • Telef. 25035/6

CONSULTE SEU AGENTE DE VIAGENS

PASTA MEDICINAL Couto

TRATA AS DOENÇAS DA BOCA

USE-A 3 VEZES POR DIA

CURSOS

● MECANOGRRAFIA PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO

Sistemas: IBM e UNIVAC

Início dos cursos: 22 Agosto

Informações e Matrículas no

Externato Continental

Telef. 36 42 72

Rua do Arsenal, 100 - 1.ª

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA

(ANÚNCIO)

Serviço de Aquisições
CONCURSO N.º 3-0093/75

Fornecimento de uma viatura para transporte de falecidos para o Parque de Viaturas do Hospital de S. José.

Recebem-se as propostas até às 9.30 horas do dia 3 de Setembro próximo, para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir no Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, todos os dias úteis das 9 às 11.30 horas e das 14 às 16 e aos sábados das 9 às 12 horas, as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa, em 14 de Agosto de 1975.

Pel'O Chefe do Serviço
a) Ilídio Luís de Sousa

NO CASINO de ALGARVE

Sr. FELIZ E Sr. CONTENTE

DE 4 DE SETEMBRO A 10 DE SETEMBRO

CASINOS DO ALGARVE

GRUPO DE TRABALHADORES DE TEATRO DA CASA DA COMÉDIA conta

«AVENTURAS E DESVENTURAS DOS HERÓIS CASTRADOS»

Todas as noites, de 3.ª a sábado, às 21.30 h

SÓ ATÉ AO DIA 23 Maiores 6 anos

R. S. Francisco de Borja, 24 — Marc. Tel. 60 72 99

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**

CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA

COM RÁDIO TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA

Deslocação e reparação — grátis

Telefs. 72 27 86 - 83 42 71

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

NOTARIADO PORTUGUÊS

Cartório Notarial de Oeiras

A cargo do notário licenciado
Manuel Vicente Faria

CERTIFICADO que por escritura de 18 de Julho de 1975, lavrada de fls. 3v.º a 5v.º do l.v.º de notas n.º B-594, desde Cartório, Felisberta Bastos Rosado Nunes dividiu a sua quota do valor nominal de 25.000\$00 que possuía na sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada denominada «I. A. XIS CARDIGA, LIMITADA», com sede na Travessa, Casarão Feliz, n.º 8, 1.ª and. e 1.ª loja na vila e freguesia de Paços de Arco, concelho de Oeiras, em 1/25 das quotas de 12.500\$00, para o mesmo ceder a Jorge Duarte Rosado Nunes e António Joaquim da Costa Abreu, tendo sido da referida sociedade e exonerando-se da gestão que nela tem exercido.

Os sócios que ficaram sendo da sobreditada sociedade, deliberaram:

a) nomear gerentes os ora cessionários;

b) alterar a redacção do corpo dos artigos 3.º e 5.º do pacto social que passou a ser a seguinte:

Art.º 3.º: O capital social é de 50.000\$00, está integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes:

uma) de 25.000\$00 pertencente ao sócio Carlos Nunes;

uma) de 12.500\$00 pertencente ao sócio Jorge Duarte Rosado Nunes;

uma) de 12.500\$00 pertencente ao sócio António Joaquim da Costa Abreu.

Art.º 5.º: A gerência, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral, pertence a todos os sócios, que dividirão entre si os respectivos serviços, sendo sempre necessários e suficientes as assinaturas de 2 deles para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e para a representar em juízo e fora dele, activa e passivamente, uma das quais será sempre a do sócio Carlos Nunes.

E certidão que extrai e vai conforme com o original, no qual nada há em contrário além do que se narra ou transcreve.

Cartório Notarial de Oeiras, aos vinte e um de Julho de mil novecentos e setenta e cinco.

O Notário, (Manuel Vicente Faria)

no
CASINO
de
MONTE
GORDO

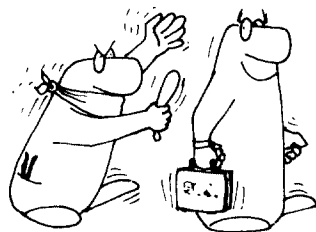


Sr. FELIZ
E
Sr. CONTENTE

CASINOS DO ALGARVE

ROULOTE

Compra-se para estaleiro de obras. Contactar
Empresa Pública das
Águas de Lisboa carta
ou telefone.



Nacional

SOCIALISTAS ESCLARECEM DEMISSÕES

"O P.S. TEM FACILITADO O REAGRUPAR DAS FORÇAS REACCIONÁRIAS"

A fim de esclarecer as suas posições face ao Partido Socialista em virtude das distorções que têm vindo a ser alvo relativas ao seu comportamento e intenções políticas, quatro socialistas que subscreveram em 31 de Julho o documento "As tarefas do Partido na Fase Actual da Revolução", enviaram-nos uma carta onde precisam as razões que os levaram a dissociar-se do Partido Socialista por demissão, tornada efectiva após a reunião da comissão nacional realizada no passado dia 10.

Quanto aos pontos de vista expostos no citado documento, que reiteram, os quatro socialistas António Anselmo Anibal, António Pereira Rodrigues, Maria João Madeira Rodrigues e João Paulo Madeira Rodrigues afirmam que os mesmos foram superficialmente analisados na reunião da Comissão Nacional e criticamente apreciados no jornal oficial do Partido, que, ao contrário do solicitado não reproduz o documento em causa, impedindo assim aos militantes uma avaliação adequada ao seu teor.

A fórmula adoptada pela redacção do Partido Socialista parece não diferir daquelas que condenam às redacções

tendenciosas acrescentam.

Na sequência os signatários da carta salientam alguns aspectos com que põem em causa a linha política do Secretariado Nacional do P. S.

a) A política actual do Secretariado tem conduzido a uma prática política que resulta da convicção da possibilidade de conciliar classes com interesses antagónicos na construção do Socialismo.

b) Deixa-se assim de lado a concepção de que a base social da Revolução tem de se ligar a um bloco histórico anticapitalista, tendo em conta a composição e estrutura de classes na sociedade portuguesa.

c) Tem-se introduzido entretanto, por conta do Secretariado do P. S., uma confusão ideológica, resultante da indefinição dos conceitos de democracia «liberdade e socialismo», isolando-os incorretamente uns dos outros, como se fosse possível para um partido cujo projecto político é o da construção de uma sociedade socialista, defender a existência de democracia sem socialismo ou liberdade sem socialismo.

d) A tática actual do P. S. fundamentada na necessidade

de de combater a tendência golpista do P. C. P., tem facilitado o reagrupar das forças reaccionárias e o seu recrutamento visível e criminoso, que sob a bandeira do anticomunismo origina consequentemente a impossibilidade de realização de qualquer projecto socialista nos tempos mais próximos e poderá levar ao esmagamento das forças progressistas a nível nacional e vacinação da Europa contra o Socialismo.

e) Tem faltado ao Secretariado do P. S. uma estratégia e um esforço pedagógico, para a consolidação da Revolução, activando a unidade das forças de esquerda e a mobilização dos trabalhadores para a luta de classes, ampliação dos seus direitos e realização de um projecto comum do bloco histórico das classes interessadas na Revolução. Também o alarmismo e o catastrofismo com que analisa a realidade portuguesa, sem uma explicação consequente, tem servido à reacção interna e externa e dado elementos para o boicote feito pelo imperialismo em oposição ao desenvolvimento independente de Portugal.

Por fim, depois de denuncia-

rem a publicação prematura do documento no Diário de Notícias, e esclarecerem que o mesmo desencadeou a nível de estruturas directivas uma violenta reacção, onde com manifesto desrespeito pelas normas estatuídas artigo 29

se impingiu aos signatários o direito à tendência expressa naquela cláusula em forma que se pode considerar antidemocrática, sem existência de critério disciplinar definido estatutariamente, e apodando os signatários, daquele documento de divisionistas, os quatro socialistas concluem

A suspensão de funções dos nossos camaradas Silvino Ilego e João Guterres veio salientar o espírito autocrático em desenvolvimento na cúpula do P. S.. Na solidariedade com estes dois militantes, membros da Comissão Nacional e do Secretariado Nacional e na defesa das nossas posições se enraza a nossa demissão.

Esta demissão nunca significará o alheamento e a não intervenção no processo revolucionário, pelo contrário a nossa actividade irá centrar-se numa forma de luta pelo Socialismo que não deixaremos de expressar.

REACCIONÁRIOS PRETENDIAM DEMITIR A COMISSÃO ADMINISTRATIVA DE CASCAIS

Devido à mobilização popular, não chegou a realizar-se a manifestação reaccionária, convocada anonimamente para as 19 e 30 de ontem, e que visava exigir a demissão da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Cascais. De salientar que, após ter sido contestada a comissão nomeada, logo após o 25 de Abril, pela Junta de Salvação Nacional, a actual comissão foi eleita democraticamente, durante um plenário a que estiveram presentes as comissões administrativas das juntas de freguesia do concelho, bem como numerosas comissões de moradores.

Cerca das 20 e 30, apareceu em frente aos Paços do Concelho um reduzido grupo de pessoas que reivindicavam a autoria da convocatória e chegaram a gritar palavras de ordem

hostis à Comissão Administrativa. Por volta das 22 horas, as hostes reaccionárias foram engrossadas com a chegada de famílias residentes na zona, pertencentes à grande burguesia local. No entanto, não chegaram a registar-se quaisquer incidentes, devido à serenidade, posição dos populares que apoiavam a Comissão Administrativa da Câmara. E a manifestação resumiu-se em provocações verbais, que aos poucos se foram diluindo.

A sessão pública da Câmara, que deveria ter-se realizado ontem, foi entretanto adiada. Na vila decorre a tradicional feira, facto que terá contribuído para os reforços ocasionais dos reaccionários.

MOÇÃO

Os populares, durante a madrugada, mantinham-se ainda

em vigilância junto aos Paços do Concelho e Junta de freguesia, notando-se também aglomerações em frente às sedes dos partidos progressistas.

Entretanto, durante a noite, havia sido aprovada pelos presentes uma moção repudiando a manifestação reaccionária, ao mesmo tempo que apoiava incondicionalmente a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Cascais.

A tarde, a secção local do P. S. e o núcleo da L. U. A. R., bem como a Junta de Freguesia de Cascais, haviam denunciado o carácter reaccionário da manifestação, alertando a população nesse sentido.

SANEAMENTO NO MUNICÍPIO DO PORTO

PORTO, 21 — O regresso ao serviço de funcionários da

Câmara Municipal desta cidade, que se encontravam suspensos, a fim de lhes ser feito um inquérito, proposto pela comissão de saneamento, motivou uma reunião informal entre numerosos trabalhadores municipais e o presidente da comissão militar administrativa, capitão Boaventura.

Os trabalhadores protestaram por, nada se tendo provado contra aqueles funcionários, se ter mantido silêncio sobre o facto. Pretendiam que aos seus camaradas fosse feita uma justificação pública que nada havia sido provado contra eles. O capitão Boaventura garantiu que chamaria a atenção da comissão de saneamento, nesse sentido.

DIÁRIO DE LISBOA encontra-se à venda no MINI-GOLFE



BRASÍLIA

UM ÊXITO QUE SE REPETE

Em EXPOSIÇÃO até às 23 horas — Dias úteis

AUTO MONUMENTAL DO AREIRO

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 10-A — Lisboa

EPAL

EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

CONCURSO DE PRÉ-QUALIFICAÇÃO COM VISTA A CONSTRUÇÃO DA CONDUTA ADUTORA CASTELO DO BODE — VILA FRANCA DE XIRA

ANÚNCIO

Faz-se público que a documentação relativa ao concurso em título deverá ser entregue na Secretaria dos Serviços Técnicos da EPAL, Av. da Liberdade, 22, até às 17 horas do dia 30 de Setembro de 1975.

Lisboa, 19 de Agosto de 1975

Pela EMPRESA PÚBLICA DAS ÁGUAS DE LISBOA

O Presidente da Comissão de Fiscalização
Eng.º João Bau

SINDICATO DOS TRABALHADORES FARMACÊUTICOS:

COMISSÃO INSTALADORA CONTRA OS OCUPANTES (LISTA "B")

A comissão instaladora do Sindicato dos Trabalhadores Farmacêuticos acusou de fascistas, num comunicado recente, os ocupantes das instalações do mesmo, todos eles elementos afectos à lista «B» na qual se encontram militantes do P. S. e do M. P. P., nomeadamente.

A lista «B» ganhou no dia 26 do mês passado as eleições

no sindicato face à lista «A», por 2534 votos, contra 2184, e posteriormente, recusou-se a aceitar a impugnação dos resultados eleitorais feita por um grupo de sócios e ratificada pela mesa eleitoral. Segundo a comissão instaladora, tal impugnação teria por base certas irregularidades verificadas no processo eleitoral que, no entanto, o comunicado não concretiza. Ao que parece, nin-

guém terá recorrido para a assembleia geral desta decisão que afectou a lista «B».

Na noite de 19, na sequência da manifestação convocada por vários sindicatos contra as manobras da Intersindical, cuja sede foi então apedrejada, algumas dezenas de manifestantes forçaram as instalações do sindicato. A Polícia Militar foi alertada e dirigiu-se

ao local, inicialmente com ordens de evacuar as instalações ocupadas e de selar as suas portas até resolução dada pelo Ministério do Trabalho. Mas acabou por se retirar. A comissão instaladora protesta contra o facto e lança um alerta contra a reacção, depois de considerar que estas tentativas de assalto apenas fazem parte do plano de subversão que alastra pelo País.

CAMPANHA CONTRA ACIDENTES DE TRABALHO

Numa campanha promovida pela direcção dos Serviços de Prevenção de Riscos e Profissionais Ministério do Trabalho, em colaboração com o Serviço Técnico Estudantil, está a ser realizada uma expe-

riência-piloto de esclarecimento e prevenção de riscos de acidentes a trabalhadores de algumas fábricas dos distritos de Lisboa e Setúbal. Nesta experiência, cujo objectivo é ainda o de recolher conhecimentos sobre os quais se estrutura

uma mais larga campanha a efectivar no próximo ano, participam equipas de dois estudantes que procedem à despiagem de efeitos visuais, ministram noções de primeiros socorros, realizam inquéritos

e promovem colóquios ilustrados com projecções de filmes que visam alertar os trabalhadores dos riscos a que se expõem ao desempenhar as suas tarefas. A campanha tem suscitado o interesse de várias empresas.

Desporto

ONTEM, EM ZURIQUE

CARLOS LOPES
BATEU O "RECORD"
DOS 5 MIL METROS

Actuando ontem em Zurique, na prova dos 5 mil metros, e com fundistas de alta craveira mundial, Carlos Lopes conseguiu bater o máximo nacional, alcançando (também) a melhor pontuação de sempre do atletismo português, na versão do dr. Fernando Amado. Efectivamente, o atleta leonino classificou-se em terceiro lugar, logo atrás do norte-ame-

ricano Shorter e do polaco Szordikowki, completando a prova no tempo de 13 minutos, 33 segundos e 78 centésimos, tempo este que melhora (em 42 centésimos) o «record» nacional que já pertencia ao atleta. Na tabela do dr. Fernando Amado, este «tempo» corresponde a 999 pontos, a mais alta conseguida até hoje por qualquer atleta português.

COMO VAMOS DE FUTEBOL
GANHAR EM CASA
E NÃO PERDER FORA

Ganhar em «casa» e não perder «fora», foi a constatação verificada em relação aos clubesportugueses que actuaram na Austrália, em Espanha e em Portugal.

O Benfica jogou em Sidney, com a selecção australiana, e não foi além de um empate a dois tentos: diga-se, no entanto, que a equipa do Benfica foi a que mais perto esteve da vitória, não obstante nunca ter gozado da vantagem no marcador. Os tentos «encarnados» foram apontados por Nenê e Vitor Baptista.

O Vitória de Setúbal (que o Atlético de Madrid considerava «pêra doce») conseguiu um empate a um tento, vindo a ser afastado da final na transformação de grandes penalidades.

Por sua vez o Boavista, actuando em Saragoça, constituiu excepção à regra, já que não fez melhor do que 3-4 frente ao Vojvodina. Fica a surpreender o facto da defesa aadrezada ter sofrido quatro tentos!

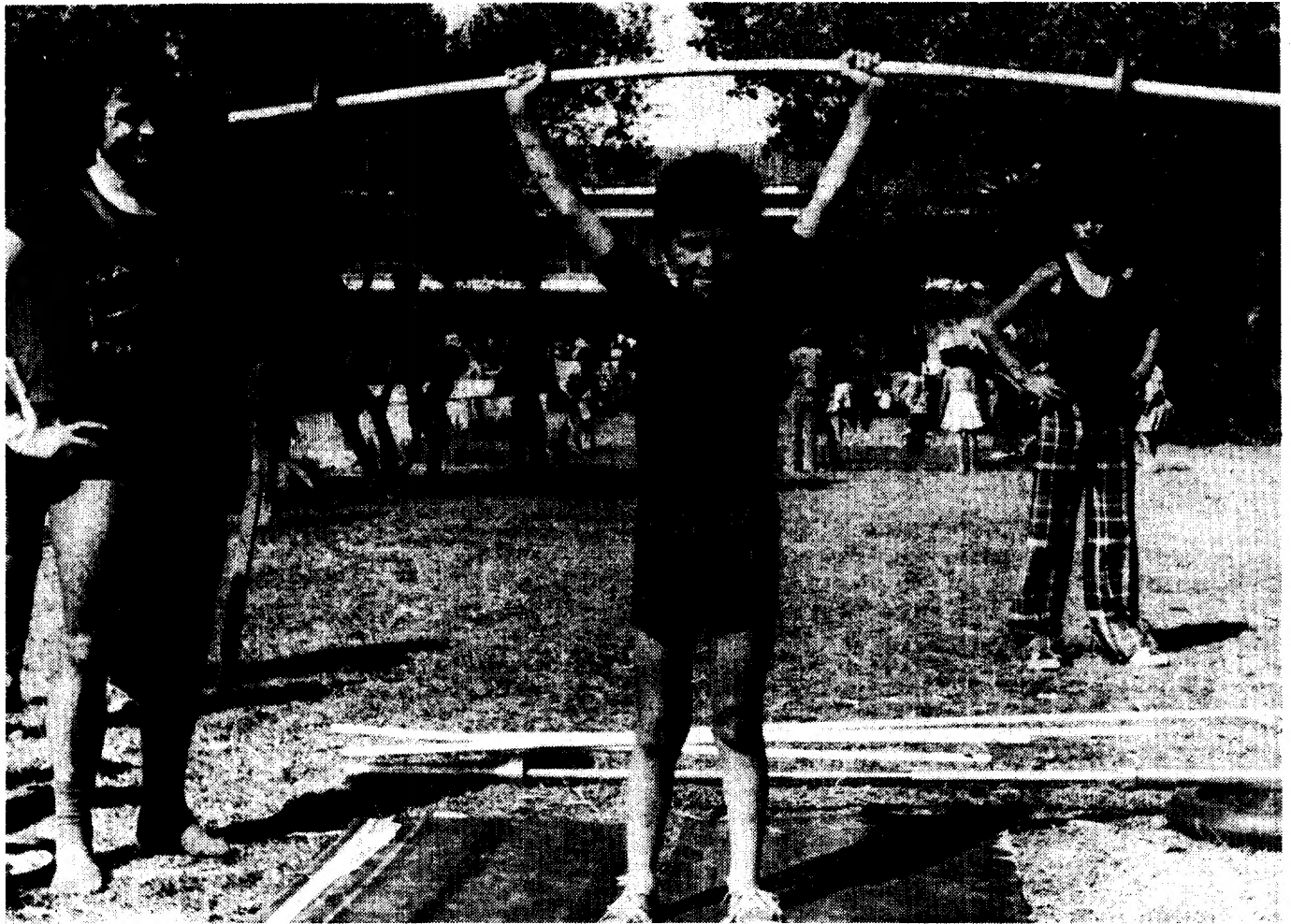
Entretanto o F. C. do Porto jogou nas Antas com o Palestino, do Chile, acabando por averbar um triunfo bastante expressivo: 5-1. De salientar os quatro golos marcados por Júlio e a «estrela» de Dinis a marcar pelo seu novo clube.

Enquanto isto anuncia-se para hoje a actuação do Belenenses em Gijón, na primeira jornada do «Troféu Cidade de Valladolid». O encontro está marcado para as 20.30 horas espanholas (19.30 horas portuguesas).

SPORTING

No Sporting surgiu um contratempo com o jogador Vitor Gomes recém-transferido do Desportivo da Cuf para o Grémio de Alvalade: tendo ido à caça, no passado domingo, sofreu um aborrecido acidente num pé, tendo havido necessidade de lhe ser amputado um dedo. O jogador já está em sua casa, não se prevendo (de momento) quais as consequências últimas do acidente. Para já vai ficar cerca de um mês inactivo.

Na PRAIA DE MONTE GORDO o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no BEIRAL DAS ANDORINHAS

"FORÇA,
COMPANHEIRO"

Pouco ou nada importa o cenário deste instantâneo; tão pouco a identidade do companheiro. O importante é sublinhar que o protagonista é português e a imagem é bem recente: que nuns tempos ainda não muito recuados, a imagem era quase impossível devido à miséria de acontecimentos de massificação desportiva. E na legenda que forçosamente tem de acompanhar o instantâneo, o desejo de que a força aqui demonstrada pelo jovem, seja também empregue na edificação do Portugal que (ele sim) virá um dia a aproveitar.

La fora

JOÃO HAVELANGE

Ao chegar hoje a Tunes, o dr. João Havelange, presidente da F. I. F. A., confirmou que a fase final do Campeonato Mundial de Futebol de 1978 decorrerá na Argentina, acrescentando que os dirigentes da Federação Internacional acompanham de muito perto os preparativos desta competição.

O dr. João Havelange, que se encontra de visita a Tunis a convite de Mohamed Mzali, presidente do Comité Olímpico Tunisino e membro da Comissão Executiva do Comité Internacional Olímpico, indicou por outro lado que irá examinar com os responsáveis do desporto tunisino as disposições relativas à organização do primeiro campeonato mundial de juniores, marcado para Fevereiro de 1977 na Tunísia, em conformidade com a decisão tomada pela F. I. F. A. na assembleia geral de Dakar.

SANÇÕES

O técnico uruguaio José Etchegoyen, que dirige a selecção olímpica de futebol da Costa Rica, disse ontem que se aplicarão sanções severas contra alguns dos jogadores, pelo seu deplorável rendimento frente à equipa mexicana no domingo passado.

Não disse, no entanto, qual a sanção a aplicar nem divulgou os nomes dos que serão atingidos.

A selecção da Costa Rica perdeu com a do México, por 7-0, em encontro a contar para o Troféu Cidade do México.

"IMPORTAÇÕES"

Os dirigentes das segunda e terceira divisões do futebol profissional mexicano discordam do acordo firmado pelos dirigentes da divisão maior autorizando a contratação de seis estrangeiros por cada clube.

Dagoberto Acevedo, director administrativo da segunda divisão, atacou as importações afirmando que argentinos, uruguaios e peruanos viciam o futebol mexicano, enquanto as ligas inferiores recebem o refúgio da primeira divisão.

Quanto muito, sugere Dagoberto Acevedo, tolerem-se dois jogadores importados por equipa. O dirigente pede uma nova lei que detenha as contratações maciças de estrangeiros.

VANDALISMO

O jogo de cricket mais importante do ano teve hoje de ser abandonado devido a um acto de vandalismo que arruinou o terreno do encontro.

Segundo a Polícia, vândalos ensoparam o relvado com óleo lubrificante e abriram pequenos buracos em vários pontos do campo, tornando impossível a realização do jogo entre as equipas Al Star da Inglaterra e da Austrália.

PELÉ

O jornal de Oslo Dagbladet anuncia que a equipa de futebol dosmos de Nova Iorque, onde actualmente milita o brasileiro Pelé, fará um jogo-exibição em Oslo a 12 de Setembro, com o Vaalerengen.

A equipa norueguesa, mal colocada no actual campeonato da primeira divisão, terá de pagar aosmos 250.000 coroas 1140 contos, necessitando para isso de 20.000 espectadores pelo menos no seu campo de Oslo.

MEDALHAS

É de 1406 o número de medalhas que estarão em disputa nos sétimos Jogos Pan-Americanos, anunciou o comité organizador explicando que estes prémios se dividem em 463

de ouro, outros tantos de prata e 480 de bronze.

Nesta competição desportiva máxima do continente, a realizar em Outubro, participam 3500 atletas de 33 países da região.

OTTO GLÓRIA

Otto Glória, conhecido treinador de futebol que em 1966 levou Portugal à conquista do terceiro lugar no Mundial da modalidade assinou um contrato verbal com o Fluminense, começando a orientar a equipa com vista ao campeonato nacional que principiou ontem.

Otto Glória que, como é seu hábito, só faz contratos verbais, será técnico e assessor disciplinar do Fluminense, recebendo por mês a maravilhosa quantia de 40.000 cruzeiros - cerca de 140 mil escudos.

OBITO

O «volante» norte-americano Mark Donohue morreu pouco antes da meia-noite devido a

complicações surgidas após a operação a que foi submetido no domingo para remoção de um coágulo de sangue do cérebro - anunciou um informador do hospital de Graz.

Donohue, de 38 anos, sofreu ferimentos na cabeça no acidente que teve com o seu Penske-March durante uma corrida de treino para o Grande Prémio da Áustria.

BATALHA CAMPAL

Quarenta e quatro feridos é o balanço de uma refrega entre cerca de uma centena de pessoas, que se defrontaram durante mais de duas horas a tiro, a murro, a pontapé, à paulada e à pedrada por causa de um encontro de futebol.

A «guerra» deu-se num estádio da localidade de Juan José Gomez, próximo de Bahía Blanca, onde se batiam equipas de bairro.

O sinal de avançar surgiu quando os jogadores das duas equipas se envolveram à pan-

cada, incendiando os ânimos de dezenas de hinchas, de um e outro lado, que se precipitaram para o relvado, onde se travou violenta luta corpo-a-corpo.

Imediatamente intervieram na batalha, classificada de infernal pelos poucos espectadores que conservaram a calma e a imparcialidade, jogadores, o árbitro e os juizes de linha. A polícia foi «ultrapassada» logo nos primeiros contactos.

Quando soaram os primeiros tiros, a debandada foi geral. Mas os contendores reagruparam-se nas ruas adjacentes ao estádio e a festa continuou.

Arbustos, tapumes, edifícios, automóveis e montras não escaparam à furia dos lutadores.

Uma mulher ficou sem uma orelha, arrancada à dentada.

CICLISMO

XXXIV Circuito
da Malveira

No próximo domingo será disputado o XXIV Circuito ciclistico da Malveira, estando desde já garantidas as presenças de todos os nomes grandes do nosso ciclismo profissional, já que a prova se integra na 1.ª etapa de estrada do Grande Prémio Lok. O circuito consta de 35 voltas num total de 50 quilómetros e nele participarão os ciclistas do Sporting com o aquim Agostinho, enfica, Joelima, Sangalhos, Louletano e Inácio de Távira.

O Circuito principia às 13 horas e são inúmeros os prémios anunciados.

A fechar o programa desportivo da Malveira, realizar-se-á um encontro de futebol entre as categorias de honra do Torreense e do Loures, que fazem a sua apresentação pública nesta nova época de 1975/76.

GRANDE
PRÉMIO CLOCK

A apresentação do Grande Prémio Lok terá lugar hoje ao fim da tarde no Penta Hotel. Então se saberão todos os pormenores desta prova que se prolongará até ao dia 31 do corrente e pretende substituir a volta a Portugal.

NO CASINO de VILA MALVEIRA

Sr. FELIZ E Sr. CONTENTE

DE 28 DE AGOSTO A 3 DE SETEMBRO

CASINOS DO ALGARVE

Geral

PORTUGAL VISTO DO ESTRANGEIRO

«O povo português deve ter o direito de decidir o seu próprio futuro sem ingerências externas» — assim se pronuncia o Partido Comunista do Canadá (P. C. C.), num apelo a todas as forças democráticas e progressistas do nosso país para que se unam numa campanha de solidariedade contra a intervenção em Portugal da N. A. T. O., da C. I. A. e de forças anticomunistas. Através de um comunicado, o P. C. C. afirma que em Portugal «está em curso um ataque bem organizado para derrubar a democracia e restaurar um regime de direita pró-fascista. Semelhante campanha «seria organizada à escala internacional. Acentua-se que «a imprensa capitalista se une às forças reacçãoárias portuguesas.» E mais adiante: «A contra-revolução destina-se a dividir as forças democráticas do Movimento das Forças Armadas, a isolar o Partido Comunista dos seus aliados democráticos e a encaminhar Portugal para um regime de direita.»

A REACÇÃO ATRÁS DA BARREIRA DO ANTICOMUNISMO

«Hoje em Portugal, atrás da barreira de um fanático anticomunismo, a reacção e a contra-revolução alargam a amplitude dos seus ataques» — escreve Jack Woodis, dirigente do Departamento Internacional do Partido Comunista Inglês, no «Morning Star», acrescentando que agora os ataques também se dirigem contra outros parti-

dos da esquerda e contra alguns sindicatos. Woodis sublinha que «os esforços para construir um Portugal democrático e socialista, depois de décadas de fascismo, têm de ser feitos no meio de uma tenaz luta para consolidar a Revolução, vencer a contra-revolução e resistir aos ataques imperialistas.»

Jack Woodis salienta que entre os interessados «em esfriar a Revolução encontram-se aqueles interessados em estabelecer uma tradicional democracia burguesa, com os grandes monopólios ainda a dominarem a economia. Woodis diz que a reacção assenta não só nos seus ataques físicos ao Partido Comunista Português e outras organizações democráticas, mas também criando a confusão e o divisionismo entre o povo, que procura agora exprimir-se, e as próprias Forças Armadas.

SOLIDARIEDADE DOS ANTIFASCISTAS ITALIANOS

Também o secretário da Confederação Sindical Italiana (C. G. I. L.), Aldo Giunti, condenou muito energicamente os san-

grentos excessos anticomunistas da reacção em Portugal.

Giunti reafirmou a firme solidariedade dos 3,7 milhões de membros da maior organização sindical italiana com os trabalhadores e forças antifascistas de Portugal.

Numa declaração acentuou: «É necessário aumentar a solidariedade activa de todos os antifascistas italianos para consolidar e assegurar o desenvolvimento democrático da sociedade portuguesa iniciado em 25 de Abril com a queda do regime fascista.

«Os acontecimentos em Portugal requerem uma profunda unidade entre os trabalhadores e as forças democráticas, a qual procede da violência antidemocrática.»

SINDICATOS FINLANDESES APOIAM A INTERSINDICAL

Numa declaração tornada pública, a Central dos Sindicatos Finlandeses (S. A. K.) solidarizou-se com a Central Sindical Portuguesa (Intersindical).

«A S. A. K. condena os actos de violência perpetrados pelas forças e grupos reacçãoários que pretendem restabelecer em Portugal a ditadura fascista reinante durante decénios» — afirma-se na declaração.

Destaca-se nessa declaração a necessidade da unidade combativa antifascista da classe operária.

Água racionada no Porto

PORTO. — No caso de continuar a verificar-se acentuada falta de água para o abastecimento normal à cidade, o Serviço Municipalizado de Águas e Saneamento porá em execução um plano que compreende o corte diário de água por zonas. Essa medida foi anunciada durante uma conferência de imprensa realizada na sede daqueles serviços, e durante a qual foi

abordado tão complexo problema. No entanto, espera-se que ao fim da semana seja restabelecido o abastecimento normal à cidade, neste momento calculado em cerca de 860 000 metros cúbicos diários.

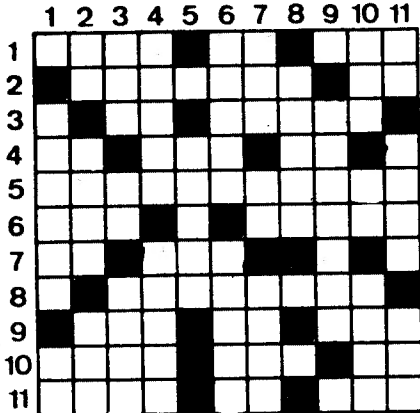
Nesta estação do ano, o rio Sousa não tem caudal suficiente para as necessidades do momento, visto actualmente se registar consumo do precioso líquido.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 11 164

HORIZONTAIS:

- 1 Fazes doação de. Nota musical. Vazia.
- 2 Experiência. Atmosfera.
- 3 Prefixo que designa afastamento. Natalício.
- 4 Interjeição de dor. Nome de mulher. Prefixo de privação.
- 5 Emparelhiam.
- 6 Em as. Estilhaço.
- 7 Pronome pessoal. Pronome possessivo.
- 8 Partiria em lascas.
- 9 Primeira parte do nome de uma cidade de Espanha. Tempo do verbo haver. Nome de um astro.
- 10 Médico inglês célebre pelos seus estudos sobre as doenças das vértebras lombares. Arara. Basta.
- 11 Jarro (planta). O sono das crianças. Colocou.



VERTICAIS:

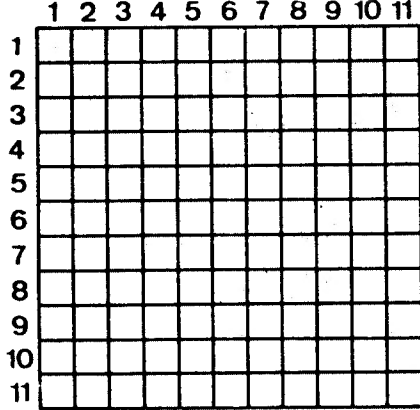
- 1 Tudo que. Utensílio doméstico.
- 2 Abreviatura que se usa em música. Levantai. Magoa.
- 3 Pedra de altar. Campeão. Porção de peixe que se vende em leilão.
- 4 Percebes. Tão grande.
- 5 Significas.
- 6 Do fim. O que tem a seu cargo a ucharia.
- 7 Mau cheiro. Alumínio (sq). Ilha do pequeno Belt.
- 8 Prendera.
- 9 Preparais com anis.
- 10 Óxido de cálcio. Actínio (sq). Macaco americano.
- 11 Atmosfera. Artigo indefinido (pl). Pêlos de certos animais.

Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 7323

HORIZONTAIS:

- 1 Darias saltinhos frequentemente.
- 2 Preposição latina que designa movimento. Monarca. Besunta.
- 3 Entenderá. Artigo definido (ant).
- 4 Apertara molhos. Matemática.
- 5 Grande ave. galinácea. Cidade de Portugal.
- 6 Olé. Encolerizar.
- 7 Involgar. Rumor.
- 8 Coimbra. Base aérea portuguesa.
- 9 Sofrer. Artigo indefinido.
- 10 Letra grega. Torno morno.
- 11 Ave semelhante à pomba. Ligas.



VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Já. Prasiódimo (s.q.).
- 2 Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas. Renque. Escudeiro.
- 3 Saltaram.
- 4 Género de gramíneas. Inunda.
- 5 Cidade da Alemanha na margem do Saale. Caminhar.
- 6 Mitra do pontífice. Retribuir.
- 7 Amofinariam.
- 8 Arteria. Voz do gato. Lista.
- 9 Prefixo de negação. Serra de Portugal. Zomba.
- 10 Acesa. Ociosidade.
- 11 Puláramos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 163

HORIZONTAIS VERTICAIS

- 1 Renasceras.
- 2 Ereo. Amimar.
- 3 Sais. Lamas.
- 4 UM.
- 5 SOLDADO.
- 6 Icor. Asi. Vi.
- 7 Romano. Sias.
- 8 Em. Ca.
- 9 Medro. Nu. Cr.
- 10 Otão. Aulora.
- 11 Serrassés.
- 1 Resumiremos.
- 2 Eram. Comele.
- 3 Nei. Som. Dar.
- 4 Aos. Ora. Ror.
- 5 PI. NAO.
- 6 Cal. Dão. As.
- 7 E malas. Nus.
- 8 Rim. DISCUTE.
- 9 Amaro. Ia.
- 10 Sãs. Vã. Cr.
- 11 Avisaram.

Provérbo: UM SOLDADO NÃO DISCUTE

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7322

HORIZONTAIS: VERTICAIS:

- 1 Pior. Radiar.
- 2 Andaluzia.
- 3 Ai. It. Cm.
- 4 Op. Lao. Ao.
- 5 Ac. Ora. Sair.
- 6 Pear. Pu. Mad.
- 7 Am. Crismara.
- 8 Rolda. Cam.
- 9 Sãs. Arias.
- 10 Geo. Er.
- 11 Remordam. És.
- 1 Pã. Japão. Pô.
- 2 Ina. Cem. Ser.
- 3 Ódio. Ragu.
- 4 Rã. Porcos.
- 5 Lu. Ri. Ba.
- 6 Pu. Lãp.
- 7 Azia. Usarei.
- 8 Ditos. Ira.
- 9 Ia. Amaca.
- 10 Caiaras.
- 11 Remordam. És.

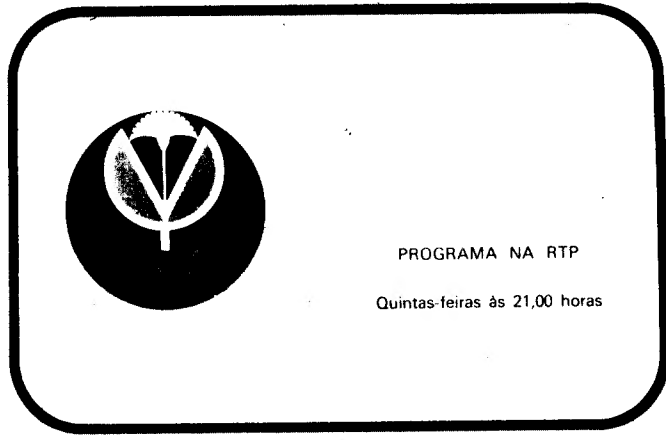
BARS BOITES

restaurantes típicos

DANCINGS

NINA Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 364859/368197
YUKY STREAP-TEASE JAPONESA
CASINO ESTORIL Jogo autorizado.

Variedades internacionais. T. 26461/264526/264598/264621/264946
HIPOPOTAMÓ Conjunto Hipopotamo. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.



PROGRAMA NA RTP

Quintas-feiras às 21.00 horas



EMISSORA

1.º Programa

- 17.00 Rádio estudantil
- 18.15 Movimento das Forças Armadas
- 19.00 Informação de trânsito
- 19.05 Música popular
- 19.25 Melodias
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Música variada
- 21.40 Fados
- 22.00 Música variada
- 23.00 Movimento das Forças Armadas
- 23.15 Música variada
- 24.00 Fecho

2.º Programa

- 16.00 Que quer ouvir?
- 17.50 Orquestras de câmara
- 18.45 Solos de cravo
- 19.00 O canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
- 20.00 Jornal da noite
- 21.00 Música ligeira variada
- 22.00 Música sinfónica
- 22.48 Trio em mi bemol maior, op. 100, para piano, violino e violoncelo, de Schubert
- 23.30 Cantata n.º 82, «Ich Habe Genug» («Tenho bastante»), de Bach

- 00.00 A grande música negra por José Duarte
- 01.00 Fecho

Programa em Onda Média 2 — 397 m — 755 KHz

- 20.30 Música de câmara de Beethoven
- 21.15 Música de bailado
- 22.00 Concerto de câmara
- 23.00 Música sinfónica
- 00.00 Fecho

RÁDIO CLUBE

Onda Média

- 16.04 Programa C.D.C.
- 18.05 Movimento
- 20.50 Diálogo
- 21.03 Programa do M.F.A.
- 21.30 Quando o telefone toca
- 22.30 Quando o telefone toca
- 23.06 Mensagens bíblicas
- 23.30 No Mundo aconteceu
- 00.05 Alavanca
- 01.00 Madrugada
- 06.03 Diário rural
- 07.03 Talisma

Modulação de Frequência

- 16.04 Programa C.D.C.
- 18.05 O nosso programa



Situação do tempo 09.00 H.

Vento fraco, céu limpo com excepção do litoral do Minho e do Douro onde persiste a neblina.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	19°
P. DOURADAS	20°
COIMBRA	22°
PORTALEGRE	23°
LISBOA	22°
FARO	25°
FUNCHAL	23°

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS

Máxima 36,5°

Figueira de C. Rodrigo

Mínima 9,1°

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 18,5°
Atmosfera 18,2°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
3.48 3,7 m	9.17 1,0 m
16.01 4,0 m	21.41 0,9 m

Dia 22

4.23 3,8 m	9.50 0,9 m
16.36 4,0 m	22.12 0,8 m

Dia 23

4.56 3,8 m	10.21 0,8 m
17.09 4,0 m	22.43 0,8 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu limpo ou pouco nublado vento fraco soprando moderado do Noroeste no litoral oeste a Sul do Tejo. Neblina ou nevoeiro matinal nas regiões do litoral a norte do Cabo Carvoeiro

AMANHÃ NASCER AS 6.56 OCASO AS 20.23



DIA 21 | DIA 30 | DIA 5 | DIA 12



- 19.05 Em órbita-1
- 20.30 Boa noite em FM
- 22.02 Clube à go-go
- 00.05 Em órbita-2
- 01.05 Banda sonora Sonipol
- 02.05 Perspectiva
- 03.05 Madrugada
- 07.03 Hora sete

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média, 233,2 m — 1286 KHz; Modulação de Frequência de Lisboa, 93,2 — emissão contínua

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular

Das 12.00 às 14.30

Rádio Graça

Das 14.30 às 19.30

Farmácias de Serviço

LISBOA

TURNO R-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALCANTARA
Vieira Rosa, Rua Prior do Crato, 74 (Tel. 660187)

ALVALADE
S. Miguel, Praça Francisco de Moraes, 1 (Tel. 771469); Roma, Avenida de Roma, 85-B (Tel. 772466); Ideal, Avenida Almirante Gago Coutinho, 49-A (Tel. 712803)

ARROIOS
Aliança, Avenida Almirante Reis, 145-B (Tel. 570487)

BAIXA
Internacional, Rua Aurea, 228 (Tel. 322017/30203)

CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11-A (Tel. 682610)

CAMPO DE OURIQUE
Elma, Rua D. Maria Pia, 358-A (Tel. 686176)

GRACA
Monte (do), Rua Senhora do Monte, 30-A (Tel. 867842)

PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140 B/C (Tel. 720703/728395)

LUMIAR
Patuleia, Alameda das Linhas de Torres, 262-B (Tel. 790332)

POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zofino Pedroso, 11 (Tel. 381136)

RATO
Micael, Rua de S. Bento, 380 (Tel. 662162)

SETE RIOS
Canto, Estrada das Larajeiras, 202-B (Tel. 780841)

TURNO R-2

TODA A NOITE

AJUDA
Lidia Almeida Calçada da Ajuda, 170 (Tel. 637318)

ALVALADE
Brisália, Av. Rio de Janeiro, 66 (Tel. 722368)

ANJOS
São José, Rua dos Anjos, 41-A (Tel. 50730)

AVENIDAS NOVAS
Cardoso, Avenida Visconde Valmor, 28-A (à Avenida da República) (Tel. 772291)

BAIRRO ALTO
Labor, Rua Diário de Notícias, 81 (tel. 323428)

BAIRRO AMERICA
Martins, Rua Fernão Magalhães, 33 (Tel. 849448)

BENFICA
Santa Cruz, Avenida Gomes Freire, 34-A (Tel. 704828)

CAMPO DE OURIQUE
Almeida, Rua Silva Carvalho, 136 (Tel. 681726)

CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Tel. 869831)

ESTEFÂNIA

Morgado Lourenço, Largo D. Estefânia, 4 (Tel. 54808)

LAPA

Silva, Filhos, Rua S. João da Mata, 72 (Tel. 661010)

OLIVAIS SUL

Higiene, Rua Cidade Vila Cabral, Lote 43 (Tel. 310026)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS

Miramar, R. Ernesto Silva, 81 (T. 212048)

CAXIAS

Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)

PAÇO DE ARCOS

Pargana, Av. Eng. Bonneville Franco (T. 2435147)

OEIRAS

Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485)

CARCAVELOS

Central

PAREDE

Aisir, Av. Gago Coutinho, B. das Caixas de Previdência (T. 2472948)

ESTORIL

Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (T. 260116)

MONTA ESTORIL

Ostente

CASCAIS

Marginal, Av. Marginal (T. 260078); A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA

Dias, Av. Marquês de Pombal, lote 9 (T. 934589); Campos, R. Elias Garcia, 185 (T. 930072); Cláudio, R. António Sardinha, 23-D (T. 938551)

DAMAIA

Confiança, E. Militar, lote D (T. 9710231)

VENDA NOVA

Girassol, P. Elias Garcia, 17-C (T. 974161)

QUELUZ

Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)

CACÉM

Central, R. Elias Garcia, 55 (T. 2940034)

MEM MARTINS

Rodrigues Rato (T. 2912038)

S. PEDRO DE SINTRA

Valentim (T. 980456)

SINTRA

Marrazes, Vila (T. 2930155)

COLARES

Abreja (T. 299088)

COIMBRA

Dias Ferreira, R. do Brasil, 70 (T. 26046); Santa Cruz, R. das Padeiras, 94 (T. 23569); Higiene, R. Fernandes Tomás, 41 (T. 22634)

outros espetáculos

LISBOA/Teatros

MARIA MATOS
21.30 (13 anos)
«Legenda do Cidadão Miguel Lino»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«As Escandalosas»

MONUMENTAL
20.45, 23.00 (18 anos)
«Lisboa acordou...»

ABC
20.45, 23.00 (18 anos)
«Pra trás mija a burra»

VASCO SANTANA
21.30 (13 anos)
«Tropas e Rendas»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
14.00 (18 anos)
«Noites de silêncio, noites de sangue»

PARIS
21.00 (18 anos)
«Os Sinos do Inferno»

PROMOTORA
21.15 (13 anos)
«Com Jeito Vai de Bacamar-te à Solta»

JARDIM
21.15 (18 anos)
«Os Punhos Mortais de Kung-Fu»

LINHA DE CASCAIS

Casino
17.00 e 21.15 (18 anos)
«As Bailarinas»

ESTORIL
Palácio
21.15 (13 anos)
«A Classe Dominante»

CASCAIS
S. José
21.30 (6 anos)
«Herbie, um Carroça dos Diabos»

(CASCAIS)
16.00 e 21.15
(Interdito a menores de 18 anos)
«O Padrinho Manda Matar»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«E o Amor Voltou»

ALMADA
Academia
21.15 (13 anos)
«Voluntários à Força»

TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (18 anos)
«Empresta-me o Teu Motorista»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.15 (6 anos)
«Magacaram»

PORTO/Cinemas

RIVOLI
21.15 (18 anos)
«Ligações Perigosas»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Viva la Muerte»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Amar não mata»

OLÍMPIA
21.15 (18 anos)
«Amor Livre»

COLISEU
21.15 (18 anos)
«A Borboleta de Sangue»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Romeu e Julieta»

ESTÚDIO
21.15 (18 anos)
«Sou Eu Louco?»

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Teorema»

JÚLIO DINIS
21.15 (13 anos)
«Sexo Louco»

S. JOÃO
21.15 (18 anos)
«Os Anjos da Guarda»

Cinemas

ESTREIAS DE HOJE

NOS CINEMAS
POLITEAMA
KUNG-FU NO OESTE SELVAGEM
ALVALADE
CARROCEL WALT DISNEY
IMPÉRIO
DILEMA EM NOITE DE NUPIAS

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
o filme de Norman Jewison
JESUS CRISTO SUPERSTAR
34.ª semana
O mais espectacular filme dos últimos 10 anos

APOLO 70

T. 763319 14.00, 16.30, 19.00, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
O excepcional filme de Mel Brodes
BALBÚRDIA NO OESTE
com Gene Wilder
Madeline Kahn
As 24.00 O filme da meia-noite
Grupo C-maiores 14 anos
Tarzan o Filho das Selvas

ROXY

T. 48560 14.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos

PECADOS EM FAMÍLIA

PATHE

T. 821933 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos

A LINGUAGEM DO AMOR
Aviso ao público: Este filme contém cenas eventualmente chocantes
O MAIS OUSADO FILME SUECO SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

D. JOÃO V DAMAIA

T. 971794 21.00
Grupo-D - 18 anos
ISCA HUMANA

CINEBOLSO

T. 573407 14.30, 16.45, 19.00, 21.30
Apenas até ao dia 28!
Interdito a menores de 18 anos
O ÚLTIMO TANGO EM PARIS
c/ Marlon Brando

ALVALADE

T. 897480 Hoje estreia às 14.15
Para todos
CARROCEL WALT DISNEY
Uma dança maravilhosa de desenhos animados

EDEN

T. 320769 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15
Int. a menores 18 anos
PECADOS EM FAMÍLIA

TIVOLI

T. 570595 15.00, 18.00, 21.00
Não acons. a menores de 13 anos
O mais extraordinário filme de todos os tempos
A BIBLIA
70 m/m technicolor
Em 2.ª semana
Um filme de John Huston

IMPÉRIO

T. 555134 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
DILEMA EM NOITE DE NUPIAS
c/ Dennis Waterman e Tessa Wyatt
às 15.15
Não acons. a menores de 18 anos
CLEOPATRA

CASINO ESTORIL

T. 264621 17.00 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
AS BAILARINAS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ROYAL

T. 665037 15.30, 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
A CULPA FOI DE NERO
c/ Franco Franchi — Cicio Ingrassia

POLITEAMA

T. 326305 Hoje às 21.30 estreia
Interdito a menores de 18 anos
KUNG-FU NO OESTE SELVAGEM
14.15, 16.30 e 19.00
Interdito a menores de 18 anos
A CIDADE EM FÚRIA

ROMA

T. 727778 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
EMMANUELLE
(Este filme contém cenas eventualmente chocantes 36.ª Semana)

CINEMA 2000

T. 2100055
às 16.00 Para todos
HERBIE UM CARROÇA AS DIREITAS
21.15 N acons. a men de 18 anos
ONDE O SOL NUNCA BRILHA

VOX

T. 720808 15.15, 18.30 e 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
Julian Negulesco-Marie Delois Paul Crauchet
num filme sem peias nem pudores
SEM QUAISQUER PRECONCEITOS

CARLOS MANUEL SINTRA

T. 2930394 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
INQUÉRITO ASUM CIDADÃO ACIMA DE QUALQUER SUSPEITA

SATÉLITE

T. 562632 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
SOU CURIOSA
3.ª Semana

MUNDIAL

T. 538743 15.15, 18.30 e 21.30
Não acons. a menores de 18 anos
ANNA
AQUELE PARTICULAR PRAZER
c/ Edwige Fenech-Corrado Pani e John Richardson

Cinemas

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 14.00, 16.30, 19.00 21.15
Não acons. a menores de 13 anos
AS NOITES DE CABIRIA

CONDES

T. 32252314.00, 16.30, 18.45 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O TRIO INFERNAL
Com Michel Piccoli/Romy Schneider
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

ODEON

T. 326283 15.15, 18.15, 21.15
Interd. a menor. 18 anos.
3.ª MÊS DA COMÉDIA BREJEIRA!
13.ª Semana DE SENSACÃO
DECAMERON PROIBIDO
com Eva Maria Grubmüller e Pupo de Lucas
ERAM 4 INSACIAVEIS... NA AUSÊNCIA DOS MARIDOS, O AMOR ANDAVA À SOLTA...

LONDRES

T. 801313 14.15, 16.30, 18.45, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
O TRIO INFERNAL
Com Michel Piccoli/ Romy Schneider
AVISO AO PÚBLICO
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

S. JORGE

T. 54153/4 15.15, 18.15, 21.15
Não acons. a menores de 18 anos
O 2.º filme do ciclo Pasolini
OS CONTOS DE CANTERBURY

AVIS

T. 47163 15.30, 21.15
Para todos M-6 anos
UM POR TODOS... TODOS POR UM
com Les Charlots
4.ª Semana

CASTIL

T. 530194 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 4.ª Semana

CINEARTE

T. 660446 15.30 e 21.15
O COMBOIO DO TERROR
Real. de Gene Martin
Col. int. a menores de 18 anos

ESTÚDIO

T. 555135 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a menores de 18 anos
CAMINHOS DE PRAZER
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 16.ª Semana

ESTÚDIO 444

T. 779095 15.30, 18.30, 21.15
Interdito a men. de 18 anos
CONTOS IMORAIS
Este filme contém cenas eventualmente chocantes

EUROPA

T. 661016 15.15 e 21.15
Interdito a menores de 18 anos
OH CALCUTÁ!
Este filme contém cenas eventualmente chocantes 11.ª Semana

RESTELO

T. 610375 21.00
Não acons. a menores de 18 anos
TÉCNICA ENGATE

MONUMENTAL

T. 555131 15.00, 18.15, 21.30
Grupo A - 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
c/ Julie Andrews 4.ª semana

Diário de Lisboa

ASSINATURAS DE FÉRIAS

Aceitam-se assinaturas pelo período mínimo de 10 dias, ao preço de 4\$00 por dia

NÃO SE ENVIAM RECIBOS À COBRANÇA



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO, SERVIÇOS TÉCNICOS
E PUBLICIDADE
RUA LUZ SOBRADO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBEX TELEF. 12363
LISBOA-PORTUGAL

M.E.S. CONVOCA TODOS OS MILITANTES

Face à gravidade da situação política actual, o M. E. S., Movimento de Esquerda Socialista, enviou esta manhã aos órgãos de Informação uma nota pedindo-lhes que avisem os seus militantes, aderentes, de que devem dirigir-se com toda a urgência para as sedes e habituais locais de reunião. O apelo é extensivo a militantes e aderentes que

eventualmente se encontrem de férias, e devem manter-se em contacto com a sede central da organização.

Desconhece-se o motivo que terá determinado esta mobilização. O M. E. S. diz que se trata da gravidade da situação política actual e promete para breve tornar pública uma análise em comunicado.

NACIONALIZADA A PETROQUÍMICA

Considerando a necessidade de prosseguir na via da concretização de uma política económica posta ao serviço das classes trabalhadoras e das camadas sociais mais desfavorecidas da população portuguesa, de harmonia com o Programa do M.E.A., bem como as profundas relações da indústria petroquímica com importantes centros de decisão internacional — que impõe um efectivo controlo do Estado sobre o sector para salvaguarda de uma política de independência nacional —, além do carácter de facto em termos de monopólio por parte da Companhia Nacional de Petroquímica, S.A.R.L., no que respeita ao fornecimento de matérias plásticas às restantes indústrias, foi aprovada em reunião de Conselho de Ministros a nacionalização da aludida empresa nos termos da faculdade conferida pelo artigo 3.º do Programa de Controlo dos Sectores Básicos.

A nacionalização, prevista no artigo 1.º, é feita sem prejuízo do direito dos actuais titulares de acções representativas do ca-

pital privado, que serão indemnizados contra a entrega dos respectivos títulos em montante a definir. Por outro lado, a empresa nacionalizada assumirá em relação a todos os actos praticados e contratos celebrados a posição contratual e jurídica em vigor, enquanto todos os trabalhadores da mesma transitarão para a empresa nacionalizada, com a vigência da legislação aplicada ao trabalho e as convenções acordadas.

Por resolução do Conselho de Ministros e sob proposta do Ministério da Indústria e Tecnologia, será nomeada uma comissão administrativa composta por sete elementos de reconhecida categoria e competência no sector, sendo as suas remunerações fixadas por despacho do titular da pasta a que a empresa pertence. Com a entrada do presente diploma em vigor, os membros dos conselhos de administração e fiscal ficam obrigados a prestar às novas comissões administrativas informações e esclarecimentos que se tornem necessários.

A CORRIDA DA DISCUSSÃO

COM OS TRÊS MELHORES MATADORES

CAVALEIROS

ALFREDO CONDE
GUSTAV ZENKL

ESPADAS

JOSÉ JÚLIO
MÁRIO COELHO
R. CHIBANGA

FORCADOS AMADORES DE SOUSEL
capitaneados por Luis Saramago

8 TOIROS

do ENG. FERNANDO SOMMER DE ANDRADE 8

Grupo A: maiores banos



**CAMPO
PEQUENO**

Hoje, dia 21, às 22 horas

SAMORA MACHEL EM MOÇAMBIQUE:

"SÓ A PRÁTICA NOS ENSINA QUAL O CAMINHO CERTO"

LOURENÇO MARQUES, 21 — (Por César de Sá, Especial para o D. L.) — «É a prática que nos mostra o que é que está errado, o que está correcto e como devemos corrigir as nossas fraquezas mas, sempre conservando o princípio da unidade e da crítica... Consideramos a crítica como a substância que faz fermentar as novas ideias, que cria o homem novo — afirmou o presidente Samora Machel, numa reunião efectuada ontem com os responsáveis da Frelimo na capital moçambicana.

Acompanham o presidente, Marcelino dos Santos vice-presidente da Frelimo e ministro do Desenvolvimento e Planificação Económica, Armando Guebuza, comissário político nacional e ministro do Interior, Alberto Chipenda, ministro da Defesa e Jorge Rebelo, ministro da Informação, ambos membros dos Comités Central

e Executivo da Frelimo.

No início da reunião usou da palavra o comissário político nacional, que salientou a importância da visita do presidente Samora Machel à sede do Partido.

Seguidamente o camarada Samora Machel presidente da Frelimo e da R. P. M. estabeleceu um frutuoso diálogo com os responsáveis da Educação, Politição, Saúde, Assuntos Sociais e outros tendo o camarada presidente dado directrizes e revelado a alteração das estruturas.

No final da reunião num importante improviso Samora Machel começou por salientar

A flexibilidade da nossa linha política permitiu à Frelimo definir correctamente as fases, as prioridades das nossas tarefas. Foi porque soubemos mobilizar as largas massas, porque a linha da Frelimo soube representar os interesses mais

profundos das massas populares menos privilegiadas, porque soubemos dar um conteúdo real um conteúdo revolucionário à nossa linha, à nossa luta. Foi no processo da luta de libertação nacional, que nós transformámos esta luta, pura e simplesmente nacionalista, em revolução.

Mais adiante Samora Machel acrescentou:

Mas, mais do que isso, diríamos que as estruturas da Frelimo, porque elas foram correctas, dinâmicas, flexíveis, adaptaram-se a todas as condições. A linha política da Frelimo que defende intransigentemente os interesses das largas massas, foi sempre propagada junto das populações menos privilegiadas, soubemos fazer fase à aliança dos operários e camponeses. E, sobretudo, porque existe uma estrutura do Comité Central da Frelimo que tem o seu comité exe-

cutivo, que soube sempre aplicar de uma maneira criadora, as decisões tomadas pelo Comité Central.

Referindo-se à crítica, Samora Machel salientou: «O homem novo aparece como resultado da crítica porque está em plena actividade de exame».

Onde há crítica há sempre progresso, há sempre um avanço, há sempre sucessos positivos. A carga impura é eliminada pela crítica.

Por isso nós pensamos que no processo do nosso trabalho é necessário concentrarmos, cada vez mais, de uma maneira profunda e consciente, a crítica para nos permitir seleccionarmos os verdadeiros representantes do povo.

Samora Machel terminou dando directivas concretas para o funcionamento revolucionário e revelando quais as novas tarefas que a Revolução exige do Partido e da Imprensa moçambicana.

REABERTURA DA BOLSA

Continuação da pág. 1

tar esta instituição à sua nova qualidade de banco central no domínio da coordenação, orientação e fiscalização do sistema bancário, a par da função emissora.

D) Criação de órgãos de coordenação a nível nacional e regional, expressos no Conselho Coordenador da Política de Crédito, Conselho das Instituições de Crédito, Secretariado e Conselhos Regionais que vão permitir, através do Banco de Portugal, a conjugação da actividade das instituições de crédito com a das entidades incumbidas do planeamento nacional e regional do País.

sociedades de promoção imobiliária (de entre as quais se pode destacar a Torralta).

O Governo sente esse problema com tanta mais acuidade que, em numerosos e comprovados casos, estão em causa as economias de emigrantes, arrecadadas com imenso esforço em países distantes e patrioticamente transferidas para Portugal.

No conhecimento desta situação, os Ministérios mais directamente relacionados com aquelas actividades, muito embora conscientes de que estão

em jogo investimentos efectuados em empresas privadas, fortemente interpenetradas com o capitalismo português e internacional, e envolvidas em acções especulativas, tem vindo já a analisar hipóteses de solução que permitam superar os problemas daqueles aforradores.

Neste contexto, dada a urgência de que o assunto se reveste e a necessidade de uniformizar critérios de intervenção, o Conselho de Ministros deliberou confiar a um grupo de trabalho interministerial a análise da questão, a fim

de se encontrarem soluções satisfatórias em prol das pequenas poupanças, dentro de período limitado de tempo, mesmo que para o efeito tenham entretanto de ser encarradas medidas parciais a curto prazo.

O grupo de trabalho será constituído por representantes dos Ministérios de Planeamento e da Coordenação Económica, que presidirá, das Finanças e do Comércio Externo, devendo apresentar as suas primeiras conclusões ao Governo no prazo de 30 dias após o início dos respectivos trabalhos.

ABERTURA DA BOLSA

Continuação da pág. 1

3 — Abertura da bolsa dado reconhecer-se interesses no funcionamento regular dum mercado oficial onde se comprem e vendam obrigações e que sirva de base ao lançamento de empréstimos obrigacionistas por parte do Estado, autarquias e empresas, cujos investimentos sejam manifestamente válidos para a economia nacional.

Prevê-se o início das operações ainda em Setembro, estabelecendo-se um primeiro período de actividade durante o qual o acesso ao mercado estaria sujeito a especiais condicionantes.

4 — Decreto-lei sobre as atribuições e competência do director-geral da Junta de Crédito Público.

5 — Decreto-lei sobre as atribuições e competências da Junta de Crédito Público e do seu presidente.

DEFESA DOS PEQUENOS INVESTIDORES

Comunicado do Conselho de Ministros sobre o problema dos pequenos investidores:

«Tem o Governo tomado conhecimento, através de vários departamentos do Estado e da Banca nacionalizada, de cartas e exposições apresentadas por muitos pequenos investidores que, por essa via, procuram obter protecção e defesa para as pequenas poupanças que aplicaram em fundos de investimento como o FIDES) ou em

a Base Naval, aquartelamentos militares e parte do porto de Bili.

Esse porto está a ser usado como centro de refugiados. As autoridades pediram um barco para a evacuação imediata de 1400 refugiados de todas as nacionalidades.

Círculos autorizados de Camberra, a capital australiana, asseveraram hoje que violentos combates se travavam em Bili e nas áreas montanhosas rurais de Timor.

Notícias recebidas em Camberra diziam que a luta envolvia membros da U.D.T. e da Frelim.

As baixas eram pesadas e muitas vilas e aldeias tinham sido destruídas — acrescentavam essas notícias.

Em Camberra, fontes bem informadas disseram hoje que tropas timorenses, pertencentes à pequena força portuguesa na colónia, tinham deserta-do para se juntarem às forças nacionalistas locais.

Essas fontes bem informadas de Camberra afirmaram que a intenção da U.D.T., em 10 de Agosto, causara a violência entre elementos desse agrupamento e a Frelim, que tem disputado o controlo do território desde que a ditadura direita de Marcelo Caetano.

O comunicado de hoje declarava que a Frelim Frente Revolucionária para a Independência de Timor Oriental tinha, nos últimos três dias, ocupado o posto do Comando Militar em Bili.

A PAZ ACABOU EM TIMOR

REUNIÃO DA COMISSÃO DE DESCOLONIZAÇÃO

A Comissão de Descolonização, reunida ontem à noite, reconheceu a impossibilidade de controlo da situação por parte das autoridades.

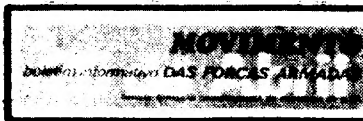
A reunião da Comissão foi motivada pela vinda de um grupo de oficiais da Comissão de Descolonização local, para expor a situação. Participou o dr. Almeida Santos, a convite do Presidente da República. A situação foi caracterizada como generalização de confrontos armados entre facções políticas rivais, das quais há conhecimento de terem resultado baixas ainda não avaliadas, entre a população local. Segundo a exposição da Comissão de Descolonização daquele território, a quase totalidade dos militares que constituem a esmagadora maioria das Forças Armadas locais, aderiu às facções em luta, o que determinou a impossibilidade de controlo da situação por parte das autoridades, por insuficiência de forças metropolitanas. A situação caracteriza-se igualmente pela falta de conhecimento da situação nos vários pontos do território, devido a falta de controlo sobre

os escassos meios de comunicação existentes.

FRETILIN DENUNCIA «INTERFERÊNCIA DESCARADA»

O Comité de Acção da Frelim em Portugal emitiu entretanto um comunicado em que, depois de recordar que, desde a primeira hora, reconheceu no Governo português o único interlocutor válido no processo de descolonização de Timor Leste, afirma que o presente desenrolar dos acontecimentos se deve à actuação conjunta e sincrónica de agentes do imperialismo — Apodeti e U. T. — em conluio com alguns elementos reacçãoários do Governo local.

O comunicado salienta que o que se verifica neste momento é uma interferência descarada de forças estranhas ao processo político interno de Timor Leste. E encontra uma confirmação dessa ideia no boicote da viagem do representante oficial do Governo português, major António Soares, que tinha por missão deslocar-se a Timor Leste a fim de se inteirar do local da actual situação política e que, em Jacarta foi forçado a regressar à Europa.



Boletim Informativo do
MFA, quinzenalmente,
às 3.ªs feiras.